

**Universidade Federal do Pará  
Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares  
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Amazônia Oriental  
Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas  
Mestrado em agriculturas familiares e desenvolvimento sustentável**

**Jean Michel da Silva Gualdez**

**A feira e o campo: impactos da experiência da UFPA em lógicas familiares de  
produção**

**Belém - PA  
2021**

**Jean Michel da Silva Gualdez**

**A feira e o campo: impactos da experiência da UFPA em lógicas familiares de produção**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Universidade Federal do Pará, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental.

Orientador: Prof. Dr. Luís Mauro Santos Silva

**Belém - PA  
2021**

**Jean Michel da Silva Gualdez**

**A feira e o campo: impactos da experiência da UFPA em lógicas familiares de  
produção**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Universidade Federal do Pará, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental.

Orientador: Prof. Dr. Luís Mauro Santos Silva

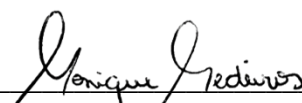
Data da avaliação: 16/12/2021, Belém- PA.

**Banca examinadora**



---

Prof. Dr. Luís Mauro Santos Silva  
Orientador/Presidente da Banca– PPGAA/UFPA



---

Profa. Dra. Monique Medeiros  
Membro avaliadora – PPGAA/UFPA

Romier da  
Paixão Sousa

Assinado de forma digital por  
Romier da Paixão Sousa  
Dados: 2021.12.16 16:53:34  
+02'00'

---

Prof. Dr. Romier da Paixão Sousa  
Membro avaliador Externo – IFPA Castanhal



---

Prof. Dr. William Santos de Assis  
Membro avaliador suplente – PPGAA/INEAF/UFPA

**Belém - PA  
2021**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

- G911f Gualdez, Jean Michel da Silva.  
A feira e o campo : impactos da experiência da UFPA em  
lógicas familiares de produção / Jean Michel da Silva Gualdez. —  
2021.  
156 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. Luis Mauro Santos Silva  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Programa de Pós-  
Graduação em Agriculturas Amazônicas, Belém, 2021.
1. Circuito curto de comercialização. 2. socioeconomia. 3.  
Agricultura familiar. 4. agroecossistemas familiares. I. Título.

CDD 630

---

À minha base de vida: família.

A todas as agricultoras e agricultores que fazem do campo um laboratório vivo! Em especial às famílias da feira da UFPA, que foram protagonistas neste trabalho.

**Dedico.**

## AGRADECIMENTOS

Enfim, o término de uma longa e prazerosa fase acadêmica, a qual tive a honra de trilhar de forma coletiva, com pessoas que mesmo sem perceber contribuíram significativamente para a concretização desta obra, a vocês deixo meus agradecimentos...

À Deus, por tantos ensinamentos, por guiar meu caminho e acolher-me nos momentos de maior desespero.

Ao homem e a mulher que me deram a vida, me educaram, me ensinaram a ser forte e batalhar por meus objetivos: Sr. Joab e Dona Maria. Agradeço, também, aos meus irmãos por tantos mimos e a toda minha família por sempre estarem ao meu lado. Amo todos e todas!

Ao meu querido, companheiro de todas as horas, Arthur Rodrigues. Quis o destino que neste momento nossos trajetos estivessem em lados opostos, mas tenha certeza de que seu apoio foi fundamental para minha permanência no mestrado.

Agradeço a todos os amigos e amigas que, também, são minha família. Essa obra é resultado de nossos esforços, diria ser um fruto de nossa resiliência, e, certamente, o apoio imaterial de todos foi essencial para chegarmos até o fim.

Aos colegas da turma MAFDS 2019, deixo registrado o meu muito obrigado... com vocês aprendi que a humanidade é sempre o melhor caminho. Espero um dia poder retribuí-los por tamanha solidariedade, empatia e carinho. Sinto saudades de nosso “cafezinho” com pupunha nos intervalos e, até mesmo, do nosso bazar solidário... obrigado!

Aos colegas do grupo de pesquisa APOENA (Luiz, Naldo, Lívia), especialmente, Edimara e Íris que foram protagonistas no processo de imersão da feira. Obrigado por tanta dedicação e carinho aos nossos companheiros do campo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo incentivo contínuo das pesquisas nacionais.

Não posso deixar de citar meus amados professores do MAFDS, que em meio a um processo assustador de pandemia foram capazes de se reerguerem e seguir em prol da educação. Sou um eterno admirador de tamanha dedicação de todos, por isso me resta agradecer.

Ao meu orientador professor Luís Mauro: minha eterna gratidão. Obrigado por ensinar-me a ser um verdadeiro profissional, a refletir e buscar os porquês, a entender que a ciência pode e deve ser um processo prazeroso, que o trabalho deve estar acompanhado do “estar feliz”... Obrigado por ultrapassar a barreira da orientação e mostrar-me que no mundo ainda existe humanidade. E obrigado por tamanha dedicação, parceria e paciência na construção desta obra!

Por fim, não menos importante, agradeço às famílias que fazem da feira da agricultura familiar um lugar rico de sabedoria, sabores e afetividade. Obrigado por tantos abraços, acolhimentos e receptividade. Mesmo em um período de tantas perdas familiares, vocês foram capazes de abrir as portas e assim deram vida a este trabalho na esperança de que através dele suas vozes pudessem ser ouvidas...

**Muito Obrigado!**

## RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo geral analisar o processo de consolidação da Feira da Agricultura Familiar da UFPA-Belém e impactos nas lógicas de produção das famílias que dela participam. Para além desse foco, apresentam-se reflexões acerca do processo de construção de novos mercados adaptados à realidade da agricultura familiar, inseridos na dinâmica dos Circuitos Curtos de Comercialização (CCC). A pesquisa tem enfoque na abordagem qualitativa, com procedimentos voltados ao estudo de caso. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas, com auxílio de roteiros, realizadas com dez famílias no ambiente da feira e nos estabelecimentos familiares em diferentes territórios do estado. De maneira geral, os resultados demonstram que a feira foi instituída a partir da demanda dos agricultores familiares que não participam das chamadas públicas destinadas às compras institucionais e o processo de inclusão no projeto ocorre de forma desordenada. As famílias são oriundas de quatorze municípios do Nordeste paraense e região metropolitana de Belém, e são representadas, na maioria, por mulheres que desempenham um importante papel na feira. Inseridas em diferentes organizações sociais, as famílias criam vínculos, estabelecem parcerias com a universidade e captam benefícios destinados ao desenvolvimento das atividades no campo. A feira da UFPA é interpretada, por algumas famílias, como uma oportunidade comercial, criação de vínculos institucionais, troca de saberes e conhecimentos entre os participantes, assim como um ambiente para atribuir visibilidade aos alimentos e produtos agroecológicos. A partir da caracterização dos agroecossistemas, constatou-se que a feira da UFPA tem impactado nas lógicas produtivas familiares de diferentes formas, em alguns casos ocorre o processo de ampliação e diversificação dos arranjos produtivos impulsionados pela intensificação das vendas e a demanda por novos produtos, em outros a feira causou um efeito de baixo impacto na lógica socioprodutiva das famílias.

**Palavras-chave:** Circuito curto de comercialização; socioeconomia; Agricultura familiar; agroecossistemas familiares.



## ABSTRACT

This dissertation had as general objective to analyze the process of consolidation of the Feira da Agricultura Familiar of UFPA-Belém and impacts on the logics of production of the families that participate in it. In addition to this focus, reflections are presented on the process of building new markets adapted to the reality of family farming, inserted in the dynamics of the Short Circuits of Commercialization (CCC). The research focuses on a qualitative approach, with procedures focused on case studies. Data collection took place through interviews, with the help of scripts, carried out with ten families in the fair environment and in family establishments in different territories of the state. In general, the results show that the fair was instituted based on the demand of family farmers who do not participate in public calls for institutional purchases and the process of inclusion in the project occurs in a disorderly way. The families come from fourteen municipalities in the Northeast of Pará and the metropolitan region of Belém, and are mostly represented by women who play an important role in the fair. Inserted in different social organizations, families create bonds, establish partnerships with the university and capture benefits for the development of activities in the field. The UFPA fair is interpreted by some families as a commercial opportunity, creation of institutional links, exchange of knowledge and knowledge between participants, as well as an environment to give visibility to food and agroecological products. From the characterization of agroecosystems, it was found that the UFPA fair has had an impact on family production logics in different ways, em alguns casos ocorre o processo de ampliação e diversificação dos arranjos produtivos impulsionados pela intensificação das vendas e a demanda por novos produtos, em outros a feira causou um efeito de baixo impacto na lógica socioprodutiva das famílias.

**Keywords:** Short marketing circuit; socioeconomics; Family farming; family agroecosystems.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01:	Tipologia de impactos provocados por inovações em agroecossistemas familiares (LEFORT, 1990) .....	29
Quadro 02:	Feiras temáticas realizadas em IES no contexto nacional .....	41
Figura 01:	Mapa de localização da feira da agricultura familiar da UFPA, <i>campus</i> Belém – PA .....	45
Quadro 03:	Entrevistas realizadas com representantes da UFPA e agricultores familiares, no período de 2019 a 2020 .....	47
Quadro 04:	Síntese do percurso metodológico e procedimentos adotados durante a pesquisa .....	51
Figura 02:	Manchete da matéria de lançamento da primeira feira da agricultura familiar da UFPA, Belém .....	54
Figura 03:	Cartazes utilizados para divulgação das edições da feira de agricultura familiar da UFPA, <i>campus</i> Belém - PA .....	60
Quadro 05:	Histórico das edições da feira da agricultura familiar da UFPA, <i>campus</i> Belém – PA, no período de 2018 a 2021 .....	62
Figura 04:	Vista geral da feira da agricultura familiar da UFPA, <i>campus</i> Belém – PA, em novembro de 2021 .....	63
Figura 05:	Síntese dos principais acontecimentos percebidos na feira da agricultura familiar da UFPA, <i>campus</i> Belém – PA .....	64
Quadro 06:	Lista dos projetos que estão relacionados com a feira da agricultura familiar da UFPA, <i>campus</i> Belém – PA .....	65
Figura 06:	Vista geral das bancas na feira da agricultura familiar da UFPA, <i>campus</i> Belém – PA .....	70
Figura 07:	Mapa com os municípios de residência das famílias que participam da feira da agricultura familiar da UFPA, <i>campus</i> Belém – PA .....	71
Figura 08:	Poema em homenagem à feira da agricultura familiar da UFPA, <i>campus</i> Belém – PA .....	72
Figura 09:	Grupos sociais envolvidos com a feira da agricultura familiar da UFPA, <i>campus</i> Belém – PA .....	76
Quadro 07:	Relação de outras feiras temáticas que as famílias agricultoras comercializam os produtos .....	78

Figura 10:	Mel comercializado na feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém-PA .....	81
Gráfico 01:	Perfil dos consumidores da Feira da Agricultura Familiar da UFPA, campus Belém – PA .....	83
Quadro 08:	Alimentos e produtos comercializados na feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA, no período de janeiro a março de 2020 .....	85
Figura 11:	Alimentos e produtos comercializados na feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA .....	88
Quadro 09:	Identificação dos agroecossistemas analisados, que estão relacionados com a feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA .....	89
Figura 12:	Mapa de localização dos estabelecimentos analisados relacionados com a feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA .....	90
Gráfico 02:	Perfil dos representantes nos agroecossistemas relacionados à feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA .....	93
Figura 13:	Vista geral dos agroecossistemas Sítio Pupunheira e Santa Rita, no assentamento Abril Vermelho, em Santa Bárbara do Pará .....	95
Figura 14:	Croqui do agroecossistema Sítio Santa Rita, em diferentes períodos .....	97
Figura 15:	Vista geral do agroecossistema Sítio Peniel, na Comunidade Bom Jesus, em Santa Isabel do Pará .....	101
Figura 16:	Croqui do agroecossistema Sítio Peniel, em diferentes períodos .....	105
Figura 17:	Galpão para criação de frango caipira e tanques para criação de peixes no Sítio Peniel, em Santa Isabel do Pará .....	106
Figura 18:	Vista geral da área de produção de plantas ornamentais no Sítio Ramos e Flores, em Marituba – PA .....	109
Quadro 10:	Síntese dos impactos da feira da UFPA, campus Belém, nos agroecossistemas analisados, segundo a tipologia de Lefort (1990) .....	113
Quadro 11:	Principais estratégias comerciais adotadas pelas famílias durante o período de pandemia .....	115
Figura 19:	Produção de hortaliças em sistema hidropônico no Sítio Fé em Deus, em Santa Isabel do Pará .....	117

## LISTA DE SIGLAS

AACBJ	Associação de Agricultores da Comunidade Bom Jesus
AGROUFAM	Feira da Produção Familiar da Universidade Federal do Amazonas
CCC	Circuitos Curtos de Comercialização
CEASA	Centro de Abastecimento
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
D`IRITUIA	Cooperativa agropecuária dos Produtores Familiares Irituienses
DACEL	Diretoria de Arte, Cultura, Esporte e Lazer
DAIE	Diretoria de Assistência e Integração Estudantil
FAF Rural	Feira da Agricultura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
GRUCA	Grupo de Consumo Agroecológico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICSA	Instituto de Ciências Sociais e Aplicada
IDEC	Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor
IES	Instituições de Ensino Superior
IFPA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
INEAF	Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Economia Solidária
ITCPES	
MAPA	Ministério de Agricultura Pecuária e Abastecimento
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra
NEA	Núcleo de Pesquisa e Educação em Agroecologia
OMS	Organização Mundial da Saúde
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PARÁ ORGÂNICO	Associação dos Produtores Orgânicos do Pará
PET	Programa de Educação Tutorial
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PROEX	Pro-Reitoria de Extensão
RMB	Região Metropolitana de Belém
SAF`S	Sistema Agroflorestal
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará

UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	21
<b>2.1</b>	<b>AGRICULTURA FAMILIAR E O CONTEXTO AMAZÔNICO</b> .....	21
<b>2.2</b>	<b>AGROECOSSISTEMAS FAMILIARES E PRINCÍPIOS AGROECOLÓGICOS</b> .....	24
2.2.1	ABORDAGEM SISTÊMICA COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DOS AGROECOSSISTEMAS ...	28
<b>2.3</b>	<b>DIFERENTES LÓGICAS FAMILIARES DE AGRICULTURA E RELAÇÕES DE MERCADO</b> .....	31
<b>2.4</b>	<b>OS CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO COMO ALTERNATIVA PARA A AGRICULTURA FAMILIAR</b> .....	34
<b>2.5</b>	<b>FEIRAS POPULARES, TEMÁTICAS E INSTITUCIONAIS</b> .....	36
2.5.1	INICIATIVAS DE CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO E FEIRAS INSTITUCIONAIS NO CONTEXTO AMAZÔNICO .....	40
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	47
<b>3.1</b>	<b>FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR DA UFPA, CAMPUS BELÉM</b> .....	47
<b>3.2</b>	<b>PROCEDIMENTOS E FERRAMENTAS</b> .....	48
3.2.1	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E PESQUISA DOCUMENTAL .....	48
3.2.2	OS REPRESENTANTES DA UFPA .....	48
3.2.3	AS FAMÍLIAS NA FEIRA DA UFPA .....	49
3.2.4	APLICAÇÃO DA FOLHA DE VERIFICAÇÃO ( <i>CHECK LIST</i> ).....	50
<b>3.3</b>	<b>AS FAMÍLIAS NO CAMPO</b> .....	50
<b>3.4</b>	<b>ANÁLISE DE CONTEÚDO</b> .....	52
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	54
<b>4.1</b>	<b>A HISTÓRIA CONTADA SOBRE A FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR DA UFPA, CAMPUS BELÉM</b> .....	54
4.1.1	RETOMANDO O DEBATE: FORTALECIMENTO DA FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR .....	67

<b>4.2 O CENÁRIO PARA ALÉM DO COMÉRCIO.....</b>	<b>71</b>
4.2.1 QUEM CHEGA VENDE: GRUPOS E OUTRAS REDES COMERCIAIS DAS FAMÍLIAS .....	76
4.2.2 BONS ALIMENTOS, ÓTIMOS CONSUMIDORES!.....	83
4.2.3 NA FEIRA TEM DE TUDO!.....	86
<b>4.3 ALGUNS AGROECOSSISTEMAS DE FEIRANTES E SUAS ESCOLHAS SOBRE O QUE PRODUZIR</b> .....	<b>91</b>
4.3.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS E O CONTEXTO FAMILIAR .....	91
4.3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS AGROECOSSISTEMAS E SEUS RESPECTIVOS TERRITÓRIOS.....	93
4.3.3 TERRA DE FARTURA ALIMENTAR E CULTIVO DE “AUTONOMIA” FAMILIAR.....	96
4.3.4 SANTA ISABEL: TERRA DAS “FOLHOSAS” .....	101
4.3.5 TERRAS AGROECOLÓGICAS: RIQUEZAS DE SABORES E SABERES.....	110
4.3.6 ALGUNS IMPACTOS E ADAPTAÇÕES NOS AGROECOSSISTEMAS, FRENTE A PANDEMIA MUNDIAL .....	117
<b>5 CONCLUSÕES .....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>126</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar tem um protagonismo relevante para o desenvolvimento econômico, ambiental e político a nível mundial. Esse segmento social é responsável por produzir 80% dos alimentos que são considerados essenciais para a alimentação humana, além de contribuir para a erradicação da fome nos diferentes continentes, e garantir a segurança e soberania alimentar da população (FAO, 2018). O termo segurança alimentar é definido, segundo a lei nº 11.346/2006, como o direito a uma alimentação saudável, acessível, de qualidade, em quantidade suficiente e de modo permanente.

No Brasil, em mais de 5 milhões de estabelecimentos agrícolas registrados, 3,8 são da agricultura familiar (IBGE, 2017). O Censo Agropecuário de 2017 mostrou que essas famílias representam 77% do total de estabelecimentos e ocupam 80,9 milhões de hectares, sendo responsáveis por 23% de toda a produção agrícola do país. Outro dado interessante refere-se ao crescimento do número de mulheres responsáveis pelos estabelecimentos, em comparação com o último censo, o que compreende 18,7% dos registros.

Entende-se como agricultura familiar os grupos sociais caracterizados pelo emprego da mão de obra familiar nas atividades agrícolas e a integração parcial com o mercado, baseado na racionalidade do capital ecológico (CHAYANOV, 1981), com a lógica do funcionamento interno que busca o equilíbrio entre consumo e trabalho. Desse modo, essa lógica de produção agrícola busca priorizar a reprodução social do grupo familiar, em primeiro lugar, promovendo expansão do patrimônio produtivo para o autoconsumo, alinhado à racionalidade da autonomia econômica de mercados.

Mesmo com a importância atribuída ao grupo social, a atividade agrícola familiar sofre com o processo histórico de marginalização e desvalorização socioeconômica frente aos “grandes empreendimentos” agrícolas, restando a busca por estratégias de sobrevivência no campo. Esses “grandes empreendimentos” agrícolas estão inseridos na lógica da agricultura capitalista (referente à rede de empresas fundamentada no modelo agroexportador e maximização do lucro), e na industrial (que prioriza produções em larga escala), os quais são caracterizados por Ploeg (2008) ao tratar dos sistemas agroalimentares.

Para esse autor, em escala global, prevalece dois grandes modelos dominantes no processamento e distribuição de alimentos. O primeiro é caracterizado como “modelo centralizador e concentrador” que rege a distribuição em escala global, determinando as formas de produção, processamento e a comercialização de alimentos. Os mercados, portanto, passam a exercer pressão sobre as formas de organização produtiva e comercial na agricultura familiar,



e deixam de valorizar o modo de produção de base agroecológica<sup>1</sup>, gerando exclusão e seletividades, sobressaindo aqueles que se adequam às exigências dos mercados centrados na agricultura dominante de *commodities* (WILKINSON, 2008). No que diz respeito à transformação dos sujeitos que se inserem por essa lógica, estes passam a se especializar em uma atividade agrícola específica. Essa especialização tem contribuído para a redução da diversidade produtiva de alimentos, gerando uma homogeneização dos agroecossistemas e ameaçando a autonomia das lógicas familiares (ROVER; RIEPE, 2016; PLOEG, 2008).

O segundo modelo apoia os circuitos regionais e descentralizados, buscando a relação produção-consumo e é constituído, geralmente, em nível regional. Estes modelos buscam interligar a produção de alimentos à sociedade de forma mais geral, ou seja, baseiam-se em uma agricultura circunstanciada na regionalização.

Nesse sentido, é possível transformar as relações de produção, distribuição e consumo por meio das alternativas dos novos comércios que valorizam a produção familiar. É possível redesenhar um modelo de mercado que incorpore os princípios de base agroecológico e que valorize a racionalidade camponesa. Para isso, faz-se necessário incorporar valores éticos, sociais e culturais, bem como promover os debates com temas que tratem justiça social, soberania alimentar, autonomia e respeito à diversidade cultural (SCHIMITT; GUIMARÃES, 2008).

Darolt (2013) expressa a oportunidade de fortalecimento da combinação dos circuitos curtos de comercialização - CCC com os princípios da produção agroecológica. No Brasil, a consolidação desses novos mercados está associada, especialmente, com a implementação de um conjunto de políticas direcionadas ao combate à pobreza e à promoção do desenvolvimento rural.

Como exemplo de novos mercados destinados à agricultura familiar, destacam-se os institucionais<sup>2</sup>, fortalecidos através de programas governamentais como o Programa de aquisição de alimentos – PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, sendo políticas adaptadas à realidade para a compra de alimentos provenientes da agricultura familiar e que buscam valorizar a produção agrícola diversificada.

---

1 A produção agroecológica se caracteriza pela adoção de técnicas produtivas ecológicas como exclusão de agrotóxicos e manejo ecológico do solo (FINATTO; CORRÊA, 2010). A denominação integra o movimento agroecológico, que pode ser compreendido, também, como ciência, prática e/ou movimento social (CAPORAL; CONSTAMBER, 2004; SILVA, 2018).

2 A comercialização de alimentos e produtos por meio do mercado institucional surgiu nacionalmente em 2003 com o PAA (SCHIMITT; GUIMARÃES, 2008).

Segundo Ploeg (2008), são programas aninhados por excelência aos mercados regionais, assim como as feiras nas quais são comercializados os alimentos orgânicos. Outros exemplos são os grupos de consumo consciente, as feiras livres, as mais recentes feiras temáticas (agroecológicas, orgânicas, da agricultura familiar etc.) e feiras institucionais.

As feiras são importantes estratégias para o comércio de produtos que dificilmente entrariam em outros mercados (PEREIRA et al., 2017), constituindo uma forma alternativa de comercialização, sem intermediários, e possibilitando aos agricultores uma melhor rentabilidade da produção e uma forma diferenciada de expor seus produtos, e assim valorizar o cultivo de alimentos (WUERGES; SIMON, 2007). Soma-se a isso, o fato desses ambientes serem propícios à criação e fortalecimento de vínculos sociais (SACCO DOS ANJOS et al., 2005; PIERRI; VALENTE, 2010), tornando-se um espaço de interação para as famílias, com aprendizado único, ganho social em termos de renda, conhecimento e aprimoramento de autogestão (MARTINS; SOUSA, 2015).

A participação da agricultura familiar nos CCC, como no caso das feiras de venda direta ao consumidor, interfere não somente nas relações sociais, mas também na dinâmica de estruturação e organização dos agroecossistemas no âmbito familiar, fato este que impulsionou a inquietação para essa pesquisa. Darolt et al. (2013) inferem que a produção agrícola em agroecossistemas participantes de CCC é mais diversificada, apresentando diferentes sistemas de cultivo e criação. Em virtude disso, o planejamento produtivo do grupo familiar torna-se mais complexo.

Conforme Ploeg (2008), a diversificação deve ser entendida como uma estratégia importante para sustentabilidade dos agroecossistemas e os produtos comercializados em feiras, além de ser um mecanismo de relação direta, e um atrativo a mais para o consumidor. Na dinâmica dos agroecossistemas regionais, as feiras estabelecem uma relação que podem influenciar na organização dos arranjos produtivos percebidos nos estabelecimentos agrícolas.

No intuito de facilitar tal compreensão faz-se uso dos ensinamentos de Lefort (1990), ao tratar de diferentes tipologias de impactos provocados por inovações adotadas em agroecossistemas familiares. Para o autor, os impactos podem ser tipificados como mudanças complementares (não modificam o funcionamento do sistema nem aumentam o risco na adoção), impactos modificadores (modificam a organização e quantidade do trabalho e a mobilização dos recursos financeiros), e os transformadores (elementos que quando inseridos transformam parte da estrutura do sistema de produção).

Retomando o contexto das feiras, inúmeras Instituições de Ensino Superior - IES, além da iniciativa de projetos que valorizam a produção agrícola familiar, vêm apoiando e apostando

na criação de feiras temáticas como espaços mais democráticos de comercialização, consumo e aprendizagem. Enfatiza-se a importância de reflexões e debates acerca do processo de construção de novos canais de comercialização adaptados à realidade da agricultura familiar, especificamente os ambientes de feiras em instituições públicas de ensino, pois essas experiências, apesar de recentes, demonstram um retorno bastante promissor à sociedade e, principalmente, aos envolvidos, por manter uma articulação concreta das vertentes de ensino, pesquisa e extensão.

Assim, considerando as feiras institucionais, delimitou-se o problema de pesquisa deste estudo que concentrou as análises junto aos agricultores familiares que participam da feira de agricultura familiar realizada na Universidade Federal do Pará – UFPA, *campus* Belém.

A feira é um projeto de extensão realizado desde 2015 nas dependências da UFPA e concentra mais de 30 famílias que comercializam diversos alimentos e produtos. O projeto envolve inúmeras faculdades e institutos das mais variadas áreas do conhecimento que, tomam a iniciativa como uma oportunidade pedagógica para o ensino dos acadêmicos. O projeto também envolve diretamente agricultores familiares de diferentes localidades da região metropolitana de Belém e demais municípios.

A feira tem a característica de ser um espaço recreativo, dinâmico e de contato entre os consumidores e os agricultores familiares, possibilitando a troca de informações de saberes tradicionais e técnicas produtivas. Esse espaço tem se tornado um importante meio de diálogo entre instituição e representações dos próprios agricultores que buscam fortalecer vínculos para captação de novas oportunidades que possa contribuir para o fortalecimento dos espaços de produção em suas múltiplas dimensões (sociais, ambientais, culturais).

A partir da relação entre feira e agroecossistemas, delimitou-se a seguinte pergunta: **Como a participação na feira da agricultura familiar da UFPA-Belém tem impactado nas lógicas de produção das famílias?**

Dessa forma, o objetivo geral é analisar o processo de consolidação da Feira da Agricultura Familiar da UFPA-Belém e impactos nas lógicas de produção das famílias que dela participam. E como específicos:

- Historiar o processo de construção, funcionamento e transformações na feira de agricultura familiar.
- Caracterizar os sujeitos envolvidos, bem como compreender os espaços de decisões acerca da feira.
- Caracterizar agroecossistemas familiares em diferentes territórios, e relacionar impactos socioprodutivos a partir da inserção dos agricultores na feira da UFPA.

Faz-se necessário justificar que a sistematização deste trabalho ocorreu concomitante ao momento histórico vivenciado por conta da pandemia provocada pela COVID-19, daí a necessária inclusão de uma reflexão acerca dos impactos socioeconômicos e adaptações no contexto local adotadas pelas famílias.

A doença que ficou conhecida como COVID-19 é causada pelo novo coronavírus Sars-CoV-2, da família *Coronaviridae* (LUIGI; SENHORAS, 2020), foi detectada pela primeira vez em Wuhan (China), no final de 2019, ganhando repercussão mundial no início de 2020 após a Organização Mundial da Saúde - OMS declarar a existência da pandemia (LUCENA; RIBEIRO, 2019). Desde então, severas mudanças sociais têm sido adotadas na tentativa de conter a disseminação do vírus entre as pessoas, dentre elas o distanciamento físico e o isolamento social, como principais medidas para reduzir o número de contaminações e óbitos diários.

As atividades econômicas cotidianas de vários setores foram interrompidas, permanecendo somente os serviços essenciais, como abastecimento de alimentos em supermercados, saúde, e segurança, sobretudo com adoção de medidas preventivas (uso de máscaras e álcool em gel) (SAMPAIO, 2020). As mudanças percebidas têm ocasionado problemas sociais, econômicos, políticos, ainda não mensuradas na íntegra (OLIVEIRA; SOUZA, 2020). Inclui-se a realidade da agricultura familiar que tiveram suas atividades socioprodutivas comprometidas.

No âmbito institucional, a UFPA suspendeu todas as atividades em março de 2020, e reforçou a medida em abril, através da portaria nº 1206/2020, afetando conseqüentemente a realização das edições da feira de agricultura familiar. Dessa forma, os procedimentos metodológicos, estruturados inicialmente para este estudo, foram adaptados à nova realidade, de modo que as famílias também foram distanciadas do ambiente acadêmico e isoladas, cada qual, em seus estabelecimentos e comunidades, tais mudanças serão abordadas no tópico que aborda a metodologia adotada (item 3).

No entanto, considera-se que o tema escolhido tem uma vasta relevância social e acadêmica a nível nacional, fato considerado para o prosseguimento do planejamento inicial.

A literatura aborda o tema através das análises de políticas públicas de incremento à comercialização de produtos orgânicos nos circuitos curtos de comercialização (BARRA, 2017); papel das feiras agroecológicas como forma de resistência, educação e/ou fortalecimento do campesinato (OLIVEIRA, 2004; GODOY, 2005; SILVA, 2006; BATISTA, 2014), ou, ainda, tratando do perfil de consumidores, produtores e estratégias de comercialização (LAGE, 2016; SANTOS, 2018), sendo pouco os estudos associados à natureza proposta.

As pesquisas já realizadas acerca da Feira da UFPA concentram-se em analisar aspectos econômicos, administrativos, caracterização dos produtos e clientes, deixando-se de lado a importância da sistematização de acontecimentos históricos que envolvem os protagonistas, demonstrando uma lacuna acadêmica para esta abordagem.

Acredita-se que este estudo é essencial para refletir acerca do protagonismo dos próprios agricultores enquanto membros que fazem a feira, o papel da UFPA na relação com a comunidade externa e gestão do espaço, bem como associar e demonstrar a importância e impactos percebidos ao longo dos anos na configuração dos modos socioprodutivos nos estabelecimentos agrícolas, elementos que reforçam a escolha do tema.

Ademais, a proposta em estudar a feira da UFPA, os sujeitos envolvidos e agroecossistemas parte de uma motivação pessoal e acadêmica, pois no “caminhar” da graduação em agronomia houve momentos marcantes de vivência junto à realidade de famílias agricultoras em diferentes municípios do Pará, especialmente, com a imersão em estágios de vivência (I, II, II) ofertado no respectivo período. Além disso, a participação em alguns espaços e eventos relacionados a área de formação foram essenciais para fomentar o interesse pela socioeconomia de populações rurais amazônicas, como por exemplo no Núcleo de Pesquisa e Educação em Agroecologia - NEA, do Programa de Educação Tutorial - PET, e em pesquisas relacionadas a produção orgânica de hortaliças, desenvolvimento de tecnologias sociais para a agricultura familiar e formação em comunidades rurais.

Como mestrando do Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas - PPGAA na UFPA, foi possível aprofundar as reflexões no que concerne as dinâmicas e lógica da agricultura familiar, imergido em disciplinas como agroecologia e Sistemas Agroflorestais (SAF), ação coletiva no meio rural, questão agrária e avaliação de sustentabilidade em agroecossistemas. Considera-se ainda que a parceria profissional estabelecida junto ao orientador deste trabalho e o contato inicial com o universo da feira ocorrido no próprio *campus* facilitou a escolha da temática, pois ficou entendido que enquanto profissional das ciências agrárias, integrante do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares - INEAF, seria coerente contribuir e aprender de alguma forma com as famílias presentes na feira, buscando aproximar suas realidades e facilitando o diálogo com a universidade.

Portanto, esse estudo é também um meio de externalizar o posicionamento político-ideológico na referida área de formação acadêmica, tendo a feira como um espaço de fortalecimento da agricultura familiar e os agentes envolvidos como principais protagonistas.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 Agricultura familiar e o contexto amazônico

São vários os conceitos e terminologias adotados para definir o grupo social formado por agricultores familiares. Observa-se, comumente, a inexistência da unanimidade quanto ao tema no contexto acadêmico, fato que não será trazido para debate, porém é importante apropriar-se de conceitos que ajudam a caracterizar agricultura familiar em contexto Amazônico. Abramovay (1998, p.10) afirma que os conceitos acerca de um grupo social assumem diferentes definições, portanto “[...] a definição de agricultura familiar para fins de atribuição de crédito pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico”.

Autores como Schmitz e Mota (2008), Neves (2007-2012) e Mattos (2010) reforçam o debate conceitual referente ao termo agricultura familiar, enfatizando contribuições teóricas e trazendo à tona a relação direta com o processo de campesinato na Amazônia percebido em diferentes momentos da história. Mattos (2010), por exemplo, aponta em seu construto a diferenciação da agricultura tradicional e agricultura familiar, evidenciando que os termos não são contrários, mas complementares.

A adoção do termo “agricultura familiar” não está desagregada ao que se conhece por bases de produção camponesa, nesse caso, a referência está associada aos elementos socioculturais e históricos deste grupo social. O termo familiar destina-se ao reforço das relações sociais estabelecidas no âmbito do estabelecimento que implicam uma associação entre patrimônio-trabalho-consumo, ajudando a compreender a lógica deste grupo social. Além disso, esse termo sugere a compreensão das diferentes dimensões para reconhecimento da centralidade do estabelecimento e a reprodução da família, considerando a colaboração de cada membro familiar no trabalho coletivo, as relações dentro e fora do estabelecimento e os projetos da família (WANDERLEY, 2009).

É essencial destacar como base teórica as contribuições de Chayanov (1981) ao discutir “sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas”. O autor evidencia princípios universais da atividade socioeconômica, sendo eles comuns ao fenômeno de ordem natural e técnica, ou seja, a economia natural. Propôs a ideia central de que há evidências de inúmeras economias distinguidas em uma sociedade moderna, e não somente uma única base teórica, mas várias especulações e formas de economia humana.

Conforme teoriza Chayanov (1981), ao analisar o funcionamento interno e organização de diferentes estabelecimentos agrícolas, existe uma evidente diferença de exploração da

agricultura familiar para a exploração capitalista. Por um lado, na dinâmica capitalista, prevalece a dissociação do trabalho, a gestão efetuada na unidade explorada e a busca por riqueza apoiada na exploração da mão de obra alheia<sup>3</sup>, por outro lado, na dinâmica da agricultura familiar, não há dissociação.

É percebido que ocorre uma lógica não capitalista em torno da exploração produtiva, prevalecendo a aplicação da mão de obra familiar em torno das atividades. Nesse sentido, a agricultura familiar em questão não mede prioritariamente a riqueza gerada pelo trabalho de outros, o grupo familiar almeja o patrimônio produtivo referente ao conjunto de meios necessários à produção.

Desse modo, a “economia natural” não dialoga com a base de fórmula para mensuração de preços. Para o autor, “a atividade econômica humana é dominada pela exigência de satisfazer as necessidades de cada unidade de produção” (CHAYANOV, p. 136) Por isso, em estabelecimentos familiares pouco se mede a diferença ou incompatibilidade de preços entre um sistema de cultivo e/ou a mão de obra a ele aplicada. O sujeito executa sua atividade a fim de aprimorar sua produtividade para que no final receba o retorno material, que nesse caso, não se engloba na lógica de renda líquida como observado na economia moderna.

A autonomia econômica, social e a relação da independência na tomada de decisão do grupo familiar, também, é uma característica marcante da agricultura familiar, percebida na realidade dos povos inseridos em diferentes contextos onde o grupo assume, prioritariamente, seu próprio abastecimento alimentar (WANDERLEY, 2009). Essa autonomia é destacada por Ploeg (2008) e refere-se à capacidade familiar em manter a tomada de decisão em prol da manutenção socioeconômica, assim como projeções comerciais e manutenção da biodiversidade dos agroecossistemas.

O termo agricultura familiar, marginalizado por muito tempo, passa a se consolidar em nível nacional, de forma mais intensa, nas últimas duas décadas, sendo alimentado por uma série de ações coletivas que impulsionaram o alcance de políticas diferenciadas para a produção de alimentos, advindo do cultivo familiar, assim como o aumento ao acesso das populações carentes a estes alimentos e crescimento considerável em produção vegetal e animal, dados estes comprovados por meio do Censo Agropecuário da Agricultura Familiar divulgados em 2009 (MATTEI, 2014).

---

3 Na teoria em questão utiliza-se o termo mais-valia, sendo uma das ideias centrais dos trabalhos de Karl Marx que trata das formas de organização social sob a perspectiva do “materialismo histórico”, isto é, diante da noção de que a realidade material do indivíduo é a maior responsável pela forma como ele se desenvolve.

Com a lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, definiu-se o agricultor familiar como aquele “que pratica atividades no meio rural” e que atende aos seguintes critérios: não detenha área maior que quatro módulos fiscais; utiliza predominantemente mão de obra familiar nas atividades econômicas do estabelecimento; tenha renda familiar originada das atividades vinculadas ao estabelecimento; e dirija a atividade com sua família. Porém, acredita-se que tal definição é bastante genérica quando comparada à complexidade de diferentes realidades socioculturais e econômicas, assim, definições mais profundas são necessárias, sobretudo que adotem elementos sob diferentes dimensões e que passem a considerar aspectos das lógicas de produção familiar.

Considerando a complexidade das agriculturas de base familiar, sublinha-se o que infere Lamarche (1993) ao afirmar que a agricultura familiar é responsável por gerir o estabelecimento agrícola, estando associado a isso as relações estabelecidas e o trabalho ligado à família. Wanderley (1997, p. 2) compreende agricultura familiar “como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”. Complementando a definição, Abramovay (1998) infere que a agricultura familiar se baseia na gestão do estabelecimento e trabalho executado por membros que mantêm laços de parentesco, com eixo centrado à composição do grupo familiar.

Desse modo, a agricultura de base familiar, além das características mencionadas, engloba fatores da autossustentação e economia natural<sup>4</sup> baseada no modo de produção orientada por valores construídos pela vida familiar e da relação homem-natureza. Tratar de agricultura familiar é, também, considerar relações sociais atribuídas ao grupo familiar como a questão de gênero, ciclo de reprodução e o sistema de autoridade familiar, fatores estes integrados segundo projetos possíveis para constituição e expansão do patrimônio familiar (NEVES, 2007).

Nesse processo reflexivo, deve-se considerar as particularidades regionais, como o caso da agricultura familiar percebida na Amazônia Brasileira, a qual possui suas próprias características e diversidade sociocultural, mesmo que a legislação considere a agricultura familiar de forma geral em todo o território nacional. Na Amazônia, as características socioprodutivas estão intimamente atreladas ao processo histórico-cultural de sua exploração e povoamento (NODA, 2006; BARBOSA et al, 2014) percebido em diferentes épocas.

Não se pode ignorar o fato de que esta região perpassa por vastas mudanças no processo de ocupação territorial, embalada por interesses da produção agrícola em larga escala, que se

---

4 O termo introduzido na referência foi “economia camponesa”. Adota-se “economia natural” como sinônimo ao conteúdo e por dialogar com a teoria de Chayanov (1981).



contrapõe à busca pelo uso racional de recursos naturais e valorização da relação coerente com a natureza (VIEIRA, 2014). Tais ações refletem a dinamização da produção agrícola, com nível elevado de adaptações da agrobiodiversidade, que resultam em mudanças de paisagens locais.

Em diferentes regiões do território Paraense (Sul, Nordeste, Sudeste e região do Marajó), Hurtienne (2005) e Costa (2012) enfatizaram as trajetórias da agricultura familiar, destacando o surgimento de uma tendência da diversificação de agroecossistemas locais, que incluem diferentes arranjos produtivos com culturas perenes, frutíferas e sazonais, extrativismo e criação de animais de pequeno e grande porte, percebidos em grande parte no Nordeste Paraense. Essa diversificação reflete a trajetória e estabilização das diversas formas da agricultura familiar no contexto Amazônico (COSTA, 2012), reforçando a valorização da relação sociedade-natureza argumentada por Oliveira et al, (2011), ao refletirem sobre a diversificação dos sistemas produtivos familiares na Amazônia Oriental.

Both (2008) reforça que os agricultores familiares que mantêm arranjos produtivos diversificados refletem a relação dinâmica do uso dos recursos naturais presentes no próprio estabelecimento e na localidade onde estão inseridos. A utilização adequada desses recursos tem um vasto significado e cumpre um papel lógico na reprodução de famílias que ocupam a Amazônia, a exemplo das áreas de vegetação secundária. Portanto, a diversidade cultural e ecológica presentes na Amazônia passam por uma série de (re) valorização do saber local, baseadas em princípios e oportunidades inerentes a realidade da trajetória tecnológica de base camponesa (COSTA, 2005).

## **2.2 Agroecossistemas familiares e Princípios agroecológicos**

Agroecossistemas “constituem um tipo especial de ecossistema” que, além de sua função natural, são meios físicos alterados que determinam os processos a fim de obter e proporcionar a produção de alimentos, seja de um estabelecimento ou uma comunidade rural (REINIGER et al., 2017). O conceito de ecossistema abrange fatores bióticos e abióticos, incluindo a interação entre estes componentes e "uma comunidade de organismos e suas interações ambientais físicas como uma unidade ecológica” (CAPORAL et al., 2009), o que torna complexa a compreensão do funcionamento de um ecossistema.

Ao direcionar tal pensamento para os agroecossistemas faz-se necessário, inicialmente, compreender sua denominação no campo acadêmico. Toma-se como referência as contribuições conceituais de Gliessman et al. (2007, p.16), ao inferirem que “um

agroecossistema é criado quando há manipulação humana, e a alteração de um ecossistema ocorre com o objetivo de estabelecer produção agrícola”. Altieri et al. (2015) complementa inferindo ser comunidades de plantas e animais integradas e modificadas para produção de alimentos. A designação prática atribuída por Feiden (2005) enfatiza que um sistema de produção ou unidade agrícola equivale a um agroecossistema, incorporando a esta ideia o conjunto de atividades com um sistema de gestão próprio.

Ao se considerar sistemas agrícolas como um agroecossistema, passa-se a incorporar o conjunto complexo das interações que vão além do funcionamento natural, toma-se, portanto, como base fundamental as dinâmicas ecológicas, econômicas e sociais.

Os agroecossistemas integram, além dos sistemas de produção agrícola, o sistema social. Dessa forma, buscam desempenhar as atividades produtivas com garantia ao autoconsumo, renda do grupo familiar e a produção de alimentos saudáveis baseados na agricultura camponesa (SILVA; MARTINS, 2009). Complementando a definição Azevedo et al. (2019) consideram, além dos elementos destacados, aspectos ecológicos-produtivos e políticos, no sentido de fortalecimento da utilização dos bens comuns, fato característico em agroecossistemas amazônicos embasados em práticas agroextrativistas.

O desenvolvimento de agroecossistemas autossuficientes, diversificados e viáveis economicamente surgirá de novos sistemas integrados de agricultura. Sobre isto, Altieri et al. (2015) apontam duas categorias de diversidade que podem ser distinguidas em agroecossistemas: a diversidade funcional e a diversidade de retorno. Ambas fazem referência à importância da biodiversidade estrategicamente desenvolvida em diferentes agroecossistemas, que contribuem para maior resiliência do sistema frente a uma perturbação socioambiental. Tais características estão associadas aos princípios técnicos-produtivos da agroecologia.

A lógica socioprodutiva percebida em agroecossistemas familiares contrapõe-se ao modelo de agricultura capitalista (PLOEG, 2008). A produção de alimentos baseada na agricultura convencional despreza as interações de fatores socioprodutivos, a complexidade da organização social, preservação e expansão da biodiversidade nos agroecossistemas, bem como caracteriza-se pela implementação de culturas agrícolas em sistema de monocultivo, com uso excessivo de implementos para o preparo do solo, e insumos químicos e minerais (por Exemplo, os agrotóxicos, os pesticidas, os inseticidas).

Do ponto de vista social, as relações são de exploração dos agentes envolvidos, desprezando-se as origens e valores tradicionais. A produção agrícola é destinada para outros países e, ao atingirem a capacidade máxima de exploração, as terras tornam-se improdutivas e

são ignoradas, dando-se início a novos ciclos de exploração e degradação sobre outros territórios (MONTEIRO, 2012).

Souza e Bezerra (2018, p.1) argumentam que:

Esses impactos nos territórios rurais, bem como para a sociedade em geral, vêm sendo documentados em diversas pesquisas e revelam a incapacidade desse modelo de reagir às incertezas cada vez mais evidentes, sobretudo, no clima.

Em contrapartida, os autores ressaltam a importância da agroecologia ao assumir um papel significativo nas proposições construtivas de novas políticas destinadas à agricultura no mundo. A agroecologia se faz necessária como alternativa conjunta à busca racional da produção de alimentos e soberania alimentar (ALTIERI, 2004; GLIESSMAN, 2005), a qual se baseia no respeito aos processos naturais da produção de alimentos, no equilíbrio ecológico e coerente com a natureza do ponto de vista técnico.

De maneira geral, a denominação “agroecologia” tem atizado um debate relevante no meio científico-acadêmico no sentido de definição do termo, sendo classificada como disciplina, campo de estudo, enfoque, entre outros (GONZÁLES MOLINA, 2011). De fato, a agroecologia pode ser entendida como ciência, prática e/ou movimento social (CAPORAL; CONSTAMBER, 2004; SILVA, 2018), baseados no processo da indissociabilidade.

Pode ser lida a partir de diferentes dimensões: técnico-produtivo (focada no gerenciamento racional dos recursos naturais e retroalimentação do estabelecimento); socioeconômico e cultural (considera fundamental a família como fator principal, suas relações sociais e a valorização da pluralidade cultural) e por fim; a dimensão política (que busca a transformação local ao incorporar elementos históricos e da identidade sociopolítica) (GUZMÁN, 2013). Machado e Machado Filho (2014) sugerem contemplar, também, no âmbito da aplicação de tecnologias da produção agrícola a dimensão energética, cultural, administrativa, técnica e ética, sendo estas indissociáveis.

É coerente incluir, nesta construção teórica, o fato da agroecologia também ser entendida para além de uma disciplina científica (no campo da ciência), fundamentada na epistemologia ecológica com metodologia sistêmica (GONZÁLES MOLINA, 2011), e também apoiada na dinâmica transdisciplinar e multidimensional (SÁ; SILVA, 2014; SILVA, 2018; Como movimento, busca o resgate das relações sociais, culturais e valorização do coletivo como modo de vida, pois “leva em consideração os saberes locais dos agricultores familiares camponeses no diálogo de conhecimentos onde são aplicados os conceitos e princípios ecológicos, sociais e econômicos” (SOUZA; BEZERRA, 2018, p. 2).

Por se tratar de um dilema conceitual, entende-se por agroecologia o estudo interligado (holístico) dos componentes do agroecossistema, incluindo elementos ambientais e humanos (ALTIERI; NICHOLLS, 2015), deixando de ser interpretada como a ciência dos agroecossistemas passando a ser um importante conjunto de ações interligadas aos sistemas agroalimentares (GLIESSMAN, 2014).

Além disso, a agroecologia incorpora princípios indispensáveis na lógica da agricultura familiar, como o caso da busca por autonomia ao consumo e produção de alimentos, e a construção de mercados locais solidários. O princípio da autonomia “(...) materializa-se na criação e no desenvolvimento de uma base de recursos autogerida, envolvendo tanto recursos sociais como naturais” (PLOEG, 2009, p.19). Pode-se dizer que busca fortalecer o poder de decisão das famílias através da flexibilização das relações com o mercado local e da adoção de práticas com baixo grau de artificialização da produção, elevando o grau de resiliência (autodependência) nos agroecossistemas (PLOEG, 2008). Silva (2018) destaca ainda a co-evolução como um dos principais princípios da agroecologia por concretizar a reconexão entre sociedade-natureza.

Como movimento, a agroecologia integra o resgate dos saberes tradicionais e a busca pela equidade social, de modo a minimizar obstáculos frente as desigualdades sociais (LEFF, 2002), princípio que se estende aos valores culturais e econômicos. Outro princípio relevante trata da sua articulação com a busca da segurança e soberania alimentar.

Dessa forma, explica Perez-Cassarino (2013), a agroecologia fornece ferramentas organizacionais e técnicas na efetivação de iniciativas para produção e consumo de alimentos saudáveis. O mesmo autor aponta no contexto nacional, algumas dimensões de articulação elaboradas pelo Grupo de Trabalho em Soberania e Segurança Alimentar da Articulação Nacional de Agroecologia (GT/SSA-ANA), na perspectiva da segurança, soberania e agroecologia, sendo: a diversificação da produção de alimentos e agrobiodiversidade; estabelecimento de novas relações de mercado; resgate de culturas alimentares; educação alimentar e para o consumo; e políticas públicas e mercados institucionais. Em suas palavras afirma:

A Agroecologia caracteriza-se como uma das alternativas para a (re)construção dos sistemas agroalimentares, de forma a promover equidade social e econômica e adequação ambiental dos sistemas de produção (CASSARINO, 2015, p. 216).

Além dos destaques, soma-se à racionalidade agroecológica, o princípio de fortalecimento dos agroecossistemas familiares (produtividade) a partir do uso mínimo de

insumos e energéticos externos. Suas bases permitem traçar como objetivo a retroalimentação de sistemas agrícolas complexos, buscando interações sinérgicas entre os componentes biológicos como a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas agrícolas (ALTIERI, 2004).

O manejo de agroecossistemas pode ser guiado sob princípios agroecológicos no sentido de superar desafios impostos à agricultura camponesa. Conforme dissertaram Azevedo et al. (2019), a agroecologia política, apesar de pouco desenvolvida no enfoque agroecológico, é relevante no processo de manejo dos agroecossistemas amazônicos. Tomando como exemplo diferentes agroecossistemas extrativistas da Amazônia paraense, os autores evidenciaram que os desafios para o manejo de agroecossistemas concentram-se tanto internamente quanto externamente, sendo possível através do fortalecimento da agroecologia política “a) resolver os dilemas sociais existentes no manejo; (b) compreender os agroecossistemas de forma sistêmica e não-dicotômica; (c) superar a crise do manejo tradicional dos agroecossistemas (...)” (Azevedo et al., 2019, p. 63), dentre outras importantes contribuições.

Gliessman et al. (2007) ressalta que a agroecologia não se limita aos aspectos de sustentação de um agroecossistema, há de se considerar o diálogo proposto para a transformação dos modos de vida e bem-estar humano, e corroborando Perez-Cassarino (2013), enfatiza a necessidade de a agroecologia integrar perspectivas de construção de sistemas agroalimentares distorcidos de leituras puramente técnica.

### 2.2.1 Abordagem sistêmica como instrumento de análise dos agroecossistemas

Na busca da compreensão do funcionamento de agroecossistemas, é irrelevante a adoção da abordagem convencional, visto que essa abordagem comumente ignora as interações dos fatores, a complexidade ambiental e passa a analisar os elementos que compõem o sistema de forma isolada (solo, planta, clima etc.). Os agroecossistemas, por apresentarem relevantes complexidades, podem ser entendidos na ótica da abordagem sistêmica, uma vez que não são sistemas isolados e estão em constante interação com o meio global (GLIESSMAN, 2005).

Assim como destacado no tópico anterior, que tratou sobre conceitos que envolvem a agricultura familiar, não há intenção de apresentar um debate teórico a respeito da abordagem sistêmica, mas é indispensável perceber os princípios que envolve o tema, uma vez que esta abordagem foi adotada para compreensão das diferentes lógicas de produção das famílias envolvidas neste estudo.

Capra (1996) teorizou o processo de mudança do paradigma científico entre os séculos XIX e XX, destacando que a abordagem mecanicista ou disciplinar foi disseminada por inúmeros pensadores da época, dentre eles Aristóteles, Galileu, Descartes e Newton. A concepção científica baseava-se no absolutismo determinado por comportamentos previsíveis, sendo o homem “dono possuidor da natureza” regendo fundamentos que podiam ser aplicados a qualquer momento.

Na abordagem reducionista, a análise de um sistema, por exemplo, é feita de forma isolada por suas partes para compreensão do todo, criando assim uma análise de “subculturas” específicas (PINHEIRO, 2000), fato este que disseminou questionamentos de cientistas que buscavam apropriar a comunicação entre as diferentes áreas do conhecimento.

A ascensão da abordagem sistêmica se tornou evidente a partir do século XX, ocasionada com as mudanças ocorridas na ciência moderna (CAPRA, 2000; PINHEIRO, 2000; OZELAME et al., 2002.). O termo refere-se a perspectiva holística da ciência “e a maneira de pensar que ela implica passou a ser conhecida como pensamento sistêmico” (CAPRA, 1996). Dentre os muitos teóricos que contribuíram para a repercussão do tema, destaca-se Ludwig von Bertalanffy (1925-1960), autor da teoria geral dos sistemas, o qual disseminou trabalhos que ajudaram a compreender a organização complexa de sistemas da natureza, abrangendo os seres vivos e naturais.

A abordagem sistêmica leva em consideração o contexto das diferentes áreas do conhecimento, de modo que as propriedades das partes só podem ser compreendidas quando organizadas no todo, levando em consideração a organização de cada fator para compreender o todo.

Uma ligeira comparação ajuda a entender as colocações. A abordagem reducionista ou disciplinar é usualmente aplicado na busca de soluções específicas e menos complexas que, no geral, se afirmam na disciplinaridade, enquanto a abordagem sistêmica busca compreender problemas mais complexos, apoiando-se na inter e multidisciplinaridade (PINHEIRO, 2000; ANDRADE, 2009), sendo ambas visões relevantes e não excludentes ao conhecimento no meio acadêmico.

Essa abordagem vem sendo utilizada em várias áreas do conhecimento científico (por exemplo física, biologia, comunicação, informática, psicologia), sendo aplicada para análises em pesquisas, ensino e extensão acadêmica (PINHEIRO, 2000). Na perspectiva do desenvolvimento rural é aceita como novo paradigma, e apesar dos debates teóricos direcionados ao tema, constitui um campo consolidado embora extremamente heterogêneo (SILVA, 2005).

Nesse sentido, entende-se a abordagem sistêmica como um método de análise aplicável a diferentes dimensões do meio científico-acadêmico, por isso, é relevante destacar alguns dos critérios estabelecidos como “chave” desta abordagem. O primeiro, já mencionado, diz respeito aos sistemas entendidos como partes integradas considerando as configurações da organização das partes para o todo. Outro critério é a capacidade de uma leitura transversal da situação posta considerando o pensamento contextual, isso significa explicar os fatores sem desprezar o meio ambiente onde está inserido. Por fim, as partes são apresentadas como um padrão em um modelo analítico e conectadas entre si como uma “teia”, termo proposto por Capra (1996).

Nas ciências agrárias, a abordagem tem sido, cada vez mais, adotada como método analítico, buscando minimizar as dificuldades de compreensão das lógicas de produção familiar, uma vez que a realidade socioeconômica não deve ser desprezada. Ao considerar a necessidade da formação acadêmica de profissionais das ciências agrárias, Silva (2011) chamou atenção para a importância da diversidade de conhecimentos que abordam a relação homem-natureza, fator este fortalecido quando se engloba a realidade de abrangência de agroecossistemas amazônicos.

Além dos elementos socioeconômicos e técnicos-produtivos, deve-se considerar, em nível de cada estabelecimento agrícola, os fatores sociais, culturais, ambientais, históricos e políticos, conforme recomenda Andrade (2009). É nesse sentido que surge a capacidade de incluir na leitura os fenômenos que foram capazes de afetar a tomada de decisão da família ou que contribuíram para mudanças nas lógicas produtivas do grupo familiar.

A amplitude da abordagem sistêmica corrobora com fatores sociais considerados indispensáveis na análise das dinâmicas em agroecossistemas, e compreensão das lógicas familiares de produção como princípios da autonomia, valorização da terra como meio de autossustentação, e relações de mercado locais (PLOEG, 2008), bem como o processo de reprodução (social, material e demográfica) mencionadas por Raynaut (2018).

Nesse quadro teórico, incluiu-se, para análise dos impactos das inovações no contexto dos agroecossistemas familiares, a abordagem proposta por Lefort (1990). Para o autor, as inovações tecnológicas adotadas nos estabelecimentos agrícolas podem sequenciar uma série de mudanças socioeconômicas, especialmente sobre o trabalho, os custos, as rendas etc., de um determinado grupo familiar. Nesse contexto, o autor tipificou três tipos de inovações, a saber: a inovação complementar ou adicional; modificadora; e transformadora (Quadro 01).

**Quadro 01.** Tipologia de impactos provocados por inovações em agroecossistemas familiares (LEFORT, 1990).

<b>Impactos Complementares ou adicionais</b>	<b>Impactos Modificadores</b>	<b>Impactos Transformadores</b>
Inovações que não modificam o funcionamento do sistema de produção nem aumentam o risco.	Modificam particularmente a organização e quantidade do trabalho e a mobilização dos recursos financeiros. Porém, não introduzem atividades inéditas.	Elementos que são introduzidos e transformam parte da estrutura do sistema de produção, alterando significativamente seu funcionamento (gestão)

Fonte: Adaptado de Lefort (1990).

Segundo o autor, uma inovação complementar é aquela que não interrompe o funcionamento de um determinado sistema de produção, ou seja, agrega à atividade um valor benéfico, sem alteração de ações como a gestão de trabalho, mudanças no manejo etc. No caso da inovação modificadora, o sistema de produção sofre determinada modificação, mas sem alterar a estrutura das propriedades, por exemplo, um arranjo produtivo que recebe uma nova cultura agrícola pode não ser alterado estruturalmente (um sistema agroflorestal, por exemplo), mas a dinâmica de trabalho do grupo familiar será modificada em função do manejo.

No último caso, Lefort (1990, p. 4) trata das inovações modificadoras como aquelas que alteram a estrutura das propriedades agrícolas a partir da implementação de uma nova configuração socioprodutiva e cita a “[...] (passagem dos cultivos de algodão, milho para pecuária, por exemplo), reorganização das áreas cultivadas, modificação do manejo e conservação visando o controle anti-erosivo e a irrigação”. Nessa tipologia, deve-se considerar os riscos de adesão de uma nova tecnologia atribuída ao desenvolvimento das atividades agropecuárias, que interferem diretamente no sucesso do funcionamento do agroecossistema.

### **2.3 Diferentes lógicas familiares de agricultura e relações de mercado**

A complexidade do conjunto de informações relacionadas às dinâmicas de grupos inseridos no contexto rural, como o caso da agricultura familiar, reflete a necessidade de uma abordagem estruturada (RAYNAUT, 2018), isso significa afirmar que uma leitura linear e unificada poderia não ser a mais adequada para dada situação. Nesse contexto, a adoção de uma abordagem capaz de “[...] considerar um sistema global de interações, onde se combinam as restrições naturais, as forças do mercado, as práticas técnicas e as relações sociais e/ou simbólicas” (RAYNAUT, 2018, p. 339). Desse modo, faz-se necessário entender as diferentes formas de pensamento ao que se refere a agricultura familiar.



A agricultura mundial caracteriza-se por integrar diferentes lógicas de produção agrícola, e principalmente distintas relações econômicas, tendências essas que provocam desordem no atual modelo agrário. Como embasamento para a discussão teórica, ao que se refere às diferentes lógicas de produção percebidas pela agricultura familiar tomam-se como referência as contribuições de Ploeg (2006; 2008).

Conforme define Ploeg (2008), é possível perceber três distintas tendências que norteiam a desordem do atual modelo agrário: a industrialização, o processo generalizado de recampesinização e um emergente processo de desativação. Todas essas tendências influenciam nas mudanças socioeconômicas em diferentes territórios e na vida de populações rurais, seja do ponto de vista social, econômico, ambiental e cultural.

O autor destaca três tendências de agricultura mundial que interagem em constantes e diversos níveis de intensidade. A primeira refere-se à agricultura capitalista, a qual está associada a um conjunto de grandes empresas agrícolas que destinam suas produções ao modelo de exportação, prioritariamente para aumento de lucro empresarial. A segunda, denominada de agricultura empresarial, apresenta como característica central o aumento da escala de produção baseado na exploração conjunta no espaço, investindo dessa forma em tecnologias altamente especializadas e completamente voltadas para o mercado, se distanciando da base natural da agricultura.

Interagindo com o exposto Cassarino (2015) afirma que essas tendências causam desordem nos sistemas agroalimentares mundiais, e a intensificação dos processos industriais emerge uma dependência dos sistemas alimentares (CASSARINO, 2015).

A terceira lógica mencionada por Ploeg (2008), baseia-se na utilização sustentável do capital ecológico, sustentado pela busca da melhoria de vida de agricultores familiares, os quais priorizam a utilização e emprego da mão de obra da família sobre princípios da autonomia e reprodução social. Nesta lógica, também, prevalece a valorização da terra como principal meio de produção orientada para o comércio, mas com prioridade ao sustento da família.

Em outras palavras, a agricultura camponesa prioriza a aproximação e respeito nas relações do homem com os processos da natureza. A essa caracterização reafirma-se as contribuições de Chayanov (1981) quando menciona a valorização do emprego da família no processo de “fazer agricultura”, apoiado na lógica não capitalista em torno da exploração produtiva e no sentido de valorizar a reprodução social do grupo familiar.

No campo das lógicas sociais, citam-se as contribuições de Raynaut (2018). Este autor considera que para compreender o processo de mudanças das diversas relações sociais e as bases materiais existentes é necessário reafirmar o conceito de reprodução como elemento

central da análise, sendo indispensável duas condições: a reprodução deve ser entendida como processo dinâmico de perpetuação de uma entidade coletiva; e considerada em sua diversidade e complexidade para uma leitura em diferentes campos de aplicação. Tais colocações ajudam a compreender três importantes processo global de reprodução: social; material; e demográfica.

A reprodução social como um campo das relações sociais abrange as instituições em suas diferentes naturezas e onde permanece as estratégias do grupo. É indissociável da compreensão das mudanças estruturais, uma vez que por meio dela é possível conhecer os agentes envolvidos e as estratégias que intervêm no sistema social.

A reprodução material engloba os fenômenos que buscam o sustento do grupo por meio da combinação de fatores como procedimentos técnicos empregados para sua exploração e representações subjacentes a tais técnicas. E, por fim, a reprodução demográfica refere-se:

ao domínio onde se articulam os fenômenos através dos quais uma população se perpetua enquanto entidade demográfica: provendo-se de uma progenitura, protegendo a integridade física de seus membros (RAYNAUT, 2018, p. 341).

O mesmo autor menciona que as diferentes lógicas descritas são encontradas em qualquer grupo social, sendo a teoria aplicada aos processos independentemente das bases materiais de reprodução.

A transformação e imposição das relações nos grandes mercados agroalimentares estabelecidos em diferentes contextos mundiais, fez com que a produção familiar fosse vista como “pequena produção”. Inicia-se, dessa forma, a busca por alternativas de comércio locais, associados estrategicamente ao resgate da relação com à natureza, ao tradicional e artesanal, valores esses priorizados nessa nova realidade (WILKINSON, 2008).

Darolt (2013) reforça que o modelo de agricultura empresarial tem modificado algumas paisagens rurais, alterando a organização socioambiental, e afetando agricultores familiares que, de maneira geral, não competem com grandes produtores e importações em grande escala.

Wilkinson (2008), em sua análise, estabelece a relação da produção agrícola familiar com os diferentes sistemas de comercialização no Brasil, chamando a atenção ao modelo regulatório dos hipermercados e supermercados. Teoricamente, essas redes de comércio foram modelos que pareciam ser uma oportunidade para agricultura familiar, inicialmente retirada da relação de cadeias de *comodities*. No entanto, a relação de abastecimento passa a ser um desafio frente a realidade das lógicas familiares diante da instauração de novas exigências de aparência dos alimentos e produtos, homogeneização e padronização nos modelos e condições de embalagem, bem como uma nova dinâmica de logística não ajustada ao contexto econômico local, interferindo também nos arranjos de produção dos alimentos.

Em diálogo, Cassarino (2015) expõe que essa crise alimentar, também, tem como consequência a perda da diversidade dos sistemas de produção tradicionais. Técnicas produtivas como rotação de culturas e consorciamento com animais abriram espaços para os pacotes tecnológicos que demandam maiores volumes de insumos externos, nesse sentido descaracterizam a racionalidade da agricultura camponesa.

#### **2.4 Os Circuitos Curtos de Comercialização como alternativa para a agricultura familiar**

Os Circuitos Curtos de Comercialização - CCC podem ser compreendidos como alternativas viáveis para a agricultura familiar e estratégicos por dispor oportunidades de comercialização de alimentos (DAROLT, 2013) produzidos por diferentes grupos familiares.

No Brasil, a definição dos CCC tem sido adotada com fortes influências francesas, considerando-se a participação de um intermediário entre produtor e consumidor. Bava (2012) apresenta uma definição ampla, afirmando que os CCC como modelos de mercados locais ou regionais priorizam dentre outras características:

[...] a busca pela aproximação entre os locais de produção e consumo; a utilização de mão de obra do território; a maior participação dos atores sociais nos processos de decisão política; o maior cuidado com o meio ambiente do lugar em que vivem (BAVA, 2012, p.181).

A tipologia apresentada por Darolt (2013) sugere dois modelos de circuitos curtos. O primeiro refere-se as vendas indiretas que permite a intervenção de um intermediário entre o produtor e o consumidor, a exemplo das lojas virtuais, pequenos mercados, lojas de cooperativas e especializadas. O segundo modelo trata das vendas de forma direta, ou seja, não há intervenção do intermediário. Esse modelo de CCC está dividido ainda em vendas direta na propriedade (grupos de consumo consciente e venda na propriedade) e as vendas diretas fora da propriedade.

Para este último caso, pontuam-se as cestas em domicílio, programas governamentais como PAA, PNAE, e feiras agroecológicas, sendo os dois últimos exemplos os mais adotados no Brasil por agricultores de base agroecológica (MODEL; DENARDIN, 2014). Reforçando a importância dos programas governamentais, sublinham-se, sucintamente, as contribuições de Schmitt e Guimarães (2008), inferindo que os mercados institucionais são considerados meios de comercialização direta para o coletivo. Esse recente formato de comercialização estabelece a compra de alimentos de base agroecológica produzidos através da agricultura familiar, a

negociação é feita diretamente com os agricultores ou por meio das representações, nesse caso associações e/ou cooperativas.

Os alimentos adquiridos são destinados à população via entidades de assistência social do governo e escolas públicas, visando alcançar as políticas associadas à segurança alimentar e soberania nutricional. São dois os principais programas percebidos em nível nacional: o PAA, voltado à aquisição de alimentos e produtos da agricultura familiar e é um dos componentes do programa fome zero; e PNAE, operacionalizado por meio da alimentação escolar e destinado a atender a crianças do ensino fundamental e pré-escolar, de creches e de instituições filantrópicas.

Outro exemplo na “modalidade” de CCC diz respeito aos grupos de consumo responsável que tem crescido entre os consumidores, sendo mais uma forma de fortalecimento e participação da agricultura familiar nos CCC (IDEC, 2017). Segundo Gonzaga et al. (2016), são organizações de pessoas que promovem e incentivam as compras coletivas de produtos da agricultura familiar e buscam uma aproximação e sensibilização junto ao universo dos produtores.

Buenaventura Ramírez (2019) infere que os recentes grupos de consumo demonstram o fortalecimento do diálogo entre agricultores familiares que buscam por meio desses a comercialização local de alimentos com preços justos, tanto para quem produz quanto para os consumidores. Outra característica desse circuito é a possibilidade de compra de forma coletiva, aproximando o consumidor do produtor criando vínculos de confiança.

Em relação às feiras agroecológicas, Darolt (2013) define-as como um espaço de venda de alimentos provenientes do próprio agricultor ou de sua rede de comercialização, buscando-se a valorização da participação dos demais membros da família e o resgate do contato direto entre consumidor e produtor.

O autor também destaca que os CCC envolvem diferentes atores no processo de articulação, e fortalecimento do modelo, com atuação ativa de agricultores familiares, entidades e organizações civis articulando cadeias produtivas e valorizando a mão de obra local. Entre as vantagens percebidas pelos CCC, estão a construção social dos mercados e as novas relações sociais dos produtores e consumidores, que fortalece o comércio justo entre as duas partes, afirma Buenaventura Ramírez (2019).

Lage (2016) chama atenção para a prática de *marketing* nos CCC, inferindo que o processo se tornou um “fator-chave” para a diferenciação entre os agricultores familiares, de forma que a redução do distanciamento entre produtor e consumidor reduz, conseqüentemente, os custos de produção associado à determinado alimento produzido sob princípios

agroecológicos. De fato, nos CCC, ocorre a diminuição ou extinção dos intermediários e esse fator pode contribuir para o desenvolvimento econômico e social dos territórios envolvidos no processo, assim como fortalecer agroecossistemas familiares.

Associado ao que diz Darolt (2013), Bava (2012) defende a ideia de que os CCC, por meio de seu processo histórico de construção, valorizam aspectos sociais, como saberes, práticas, cultura local, fortalecimento da articulação de grupos e representações. Corroborando com isso, Schmitt e Guimarães (2008) destacam que as feiras agroecológicas, cooperativas de consumo e a entrega direta de cestas de alimentos são formas de reforço às iniciativas coletivas e de organização social da agricultura familiar. Complementam afirmando que iniciativas dessa natureza devem ser vistas como formas de resistências frente a uma racionalidade de mercado que distancia cada vez mais a produção e comercialização de alimentos e produtos agrícolas.

Reafirma-se a importância das dimensões agroecologias que assumem importantes mecanismos alternativos na construção de mercados justos e solidários. Além disso, a agroecologia contribui nessa construção no momento que fornece elementos práticos à realização da segurança e soberania alimentar (CASSARINO, 2015). É nesse contexto que os CCC passam a ser instaurados e assumidos por famílias agricultoras em diferentes realidades.

## **2.5 Feiras populares, temáticas e institucionais**

Historicamente, as feiras populares têm suas origens na era cristã, movido pela população da época através da atividade de troca, negociações e aquisição de mercadorias que, muitas vezes, eram excedentes de suas produções. De Sousa (2004) explica que o surgimento de ambientes propícios à atividade mercantilista ocorreu naturalmente. A consolidação das feiras populares aconteceu durante a idade média, associada às manifestações culturais e festividades religiosas, observadas na Europa (GUIMARÃES, 2010) e posteriormente nos demais continentes.

Esse movimento de expansão, especialmente para o Oriente, fez com que grandes mercados fossem implementados, provocando um movimento de concorrência entre os comerciantes da época, movido pela transação de compra e venda, o que contribuiu para a uma estrutura comercial pautada na tomada de preços pelas forças competitivas do mercado. Nota-se um atrativo por parte das autoridades da época em manter as feiras na região, uma vez que promovia o fluxo de recursos para a localidade, assim como a negociação e venda do excedente (DE SOUSA, 2004).

No Brasil, a prática foi implementada ainda com a chegada dos portugueses que praticavam as chamadas quitandas<sup>5</sup>. Estes eram espaços desorganizados, com intensa aglomeração de pessoas que trocavam mercadorias excedentes quando não conseguiam vender nos mercados, e por conta disso necessitavam de barracas para expor seus produtos a quem interessasse (GUIMARÃES, 2010), não muito diferente aos dias atuais, nos quais a construção desses ambientes ocorre, em sua maioria, desordenadamente. As feiras livres são descritas como:

[...] modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos (MASCARENHAS; DOLZANI, 2008, p.75).

Esses espaços sofreram alterações relevantes, especialmente nas formas de inserção e pelas lógicas de mercado atribuído ao longo da história. De Sousa (2004) acrescenta que as feiras contribuíram para a formação de diferentes mercados, a exemplo dos oligopolísticos<sup>6</sup>.

No Brasil, as feiras são os espaços mais antigos que ainda resistem no tempo diante de tamanha pressão dos mercados ditos “modernizados” (BADUE; GOMES, 2011; SANTOS, 2013). Esses espaços são, além de comerciais, importantes meios que envolvem fluxos de mercadorias, pessoas e informações, além de que fazem ligações das áreas urbanas com as rurais.

Por serem antigas, podem ser encontradas em grandes e pequenas cidades do Brasil assim como em pequenos vilarejos (BADUE; GOMES, 2011), onde concentram a presença dos comerciantes que produzem o próprio alimento comercializado. No entanto, a presença dos produtores do próprio alimento foi sendo substituída pela figura do atravessador, que geralmente adquire alimentos *in natura* de Centros de Abastecimentos (CEASAS) e comercializam nas feiras (BADUE; GOMES, 2011) a preços maiores dos que foram adquiridos.

No que se refere às relações sociais, estabelecidas a partir das feiras, Aquino (2014) explica ser um espaço popular de aglomeração com pessoas de diferentes origens, classes, perfil socioeconômico, políticos e ideológicos. Guimarães (2010) infere que as feiras têm um caráter além do comercial, inserindo-se no contexto de reafirmação da identidade popular do povo brasileiro já que destaca os costumes, promove troca de conhecimentos, resgate de valores e sensação de integração social. Concordando com o exposto e apresentando um ponto de vista

---

5 As quitandas ou feiras africanas eram mercados em locais preestabelecidos que funcionavam ao ar livre.

6 Sistema que faz parte da economia política que caracteriza um mercado onde existem poucos vendedores para muitos compradores.

econômico, De Sousa (2004) entende que as feiras populares se tornaram um contexto para o encontro popular e que esses encontros são uma estratégia para a comunicação entre os consumidores e comerciantes.

As feiras também são espaços não formais propícios à educação ambiental, como espaço de aprendizagem humana e com forte aptidão para o ensino básico formal. Os ambientes de feira demonstram potencial didático, interdisciplinar, e difundem o ensino da arte, matemática, ciências, e de outras disciplinas, como demonstrado nos trabalhos de Brito (2014), Lisboa (2016) e Cardoso (2019).

Nas feiras temáticas pratica-se a economia solidária e a educação popular de pessoas, que mesmo não alfabetizadas, detém o conhecimento tradicional. Oliveira (2004, p. 99) afirma que “a educação popular é o caminho para a efetivação da economia popular solidária, pois, para o exercício da autogestão, é preciso desconstruir o paradigma da economia capitalista hegemônico na sociedade atual”.

Essas características são comuns no contexto das feiras temáticas observadas em nível nacional, considerando os espaços como meios de aproximação entre consumidores e comerciantes, que no caso de feiras da agricultura familiar, também, são produtores dos alimentos comercializados.

Uma importante contribuição acerca da especificidade das chamadas feiras livres para as feiras temáticas é enfatizada por Godoy (2005), a qual menciona que as feiras livres convencionais dispõem da utilização intensiva da mão de obra familiar, de uma forma desorganizada, enquanto as feiras tematizadas representam uma trajetória e lógica de funcionamento relacionada aos aspectos de vida dos agentes envolvidos, prevalecendo dessa forma diferentes objetivos que vão além do comercial. Além disso, o autor destaca no caso exemplificado das feiras de Pelotas, no Rio Grande do Sul, que existe distinção no perfil dos consumidores, assim como dos feirantes que fazem as feiras convencionais, para o perfil dos comerciantes de feiras agroecológicas, sendo estes, em muitos casos, também agricultores familiares.

As feiras temáticas podem ser denominadas de feiras agroecológicas ou de produtos agroecológicos, feiras orgânicas ou de produtos orgânicos, feira do produtor rural, da reforma agrária, da agricultura familiar ou as chamadas “feirinhas” agroecológicas. Essa denominação “feirinha” é justificada na obra de Machado e Machado Filho (2014, p. 68) quando enfatizam ser espaços de comercialização, lúdico e agradável, porém restritos a alguns produtores e consumidores. No entanto, são ambientes estratégicos para disseminação do conhecimento

acerca dos benefícios do consumo de alimentos saudáveis, que devem ser, cada vez mais, incentivados e fortalecidos.

Um dos motivos para o surgimento recente de feiras temáticas, em diferentes localidades, está associado a capacidade de organização das famílias em associações e cooperativas que buscam o fortalecimento socioeconômico do grupo tendo as feiras livres, agroecológicas ou orgânicas como meio de socialização, permitindo dessa forma a comercialização de alimentos saudáveis e com preços justo ao consumidor (BUENAVENTURA RAMÍREZ, 2019).

Como mencionado, as feiras temáticas consistem em um sistema de comercialização local que (re) aproxima o consumidor do produtor, tal compreensão apoia-se nos argumentos de Pastro et al. (2003), que entrelaçam outros motivos para o fortalecimento desses espaços, citados abaixo:

- ✓ O fenômeno da globalização recente entendido como a tendência à integração e interdependência econômica;
- ✓ As mudanças de hábitos da sociedade que têm buscado um novo paradigma social no que tange à qualidade de vida, a valorização da saúde, lazer, bem-estar humano e a preservação do meio ambiente;
- ✓ A segurança alimentar associada a manutenção da vida, bem como a crescente demanda de consumidores familiarizados com a ideia de consumo de alimentos orgânicos ou agroecológicos.

Os registros de feiras temáticas no Brasil evoluíram nos últimos cinco anos, especialmente as feiras de comercialização de produtos orgânicos ou agroecológicos, que já chegam a 773 em todo o território nacional. Os registros do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor - IDEC mostram que a região com maior concentração é o Sudeste (36,7%), seguida do Sul (26,9%), Nordeste (23,9%), Centro-Oeste (7,6%) e Norte (4,9%), sendo Tocantins e Pará os estados com as maiores concentrações da Região Norte (IDEC, 2017).

Santos et al. (2017) constataram que os produtores de orgânicos e/ou agroecológicos de alguns municípios do Pará buscam “vender seus produtos orgânicos em conjunto e desenvolver estratégias para agregar valor à eles”, essa comercialização é feita em diferentes locais de Belém, a capital do estado, como em praças, universidades, órgãos públicos, estreitando as relações entre os atores envolvidos.

As feiras agroecológicas têm buscado contribuir na organização da produção e no incentivo à comercialização dos produtos oriundos da agricultura familiar, motivando as agricultoras e os agricultores a desenvolverem estratégias junto às instituições públicas,



estaduais e municipais, e melhorar suas condições socioeconômicas, assegurando-lhes a emancipação (ALVES et al., 2018).

Esses espaços têm um papel fundamental na consolidação econômica, social, ambiental e cultural para a agricultura familiar, sendo um espaço público, justo do ponto de vista econômico e diversificado no entendimento dos consumidores (GODOY, 2005). Corroborando com o exposto, De Sousa (2004) destaca que a diversificação observada nos espaços de feiras é marcada pela presença de alimentos, desde os mais simples (in natura como hortaliças, legumes, verduras e frutas), aos produtos sofisticados (alimentos processados e beneficiados; artesanatos, cosméticos e produtos fitoterápicos) que buscam atender a uma demanda específica do público consumidor.

Esse recente processo de criação de feiras temáticas tem sido apoiado por IES. Diversas instituições de ensino adotaram a prática como um processo de extensão e diálogo com a sociedade, oportunizando a criação de feiras em ambientes acadêmicos como um espaço de consumo e aprendizado, mas também na perspectiva de aprimoramento de estudos do tema.

Conforme relata Santiago (2017), as universidades públicas federais buscam desenvolver suas missões junto à sociedade sustentada no tripé ensino-pesquisa-extensão. Nesse propósito, ao se pensar em projetos característicos da extensão, busca-se aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos, além de devolver à sociedade os investimentos feitos em forma de novas tecnologias e estudos. É nessa linha de pensamento que projetos de criação de feiras de agricultura familiar em ambientes acadêmicos, por exemplo, ganham importância e credibilidade, pois, impulsiona diálogos de formação e protagonismo junto aos sujeitos envolvidos no processo.

### 2.5.1 Iniciativas de Circuitos Curtos de Comercialização e feiras institucionais no contexto Amazônico

Realizou-se um importante esforço para concentrar, neste subitem, alguns estudos acadêmicos e, principalmente iniciativas e experiências consolidadas de feiras em espaços institucionais. Buscou-se sistematizar de forma didática os registros percebidos nos últimos cinco anos (2015-2020) nas fontes das IES. Enfatiza-se as realidades Amazônicas, uma vez que a proposta deste trabalho aborda a experiência da feira de agricultura familiar da UFPA.

O trabalho de Aquino (2014) buscou caracterizar a circulação da produção agrícola no Amazonas, tomando como exemplo três feiras livres, em espaços não acadêmicos, do Estado.

Além da caracterização e funcionamento desses espaços, a autora refletiu sobre a importância e as mudanças observadas ao longo dos anos, tendo como protagonistas os comerciantes, os quais, em muitos casos, também são agricultores familiares.

Para a referida autora, as feiras do estado do Amazonas têm uma funcionalidade que extrapola as relações comerciais entre os agricultores. São, nesse caso, um ambiente oportuno às trocas de saberes, fortalecimento das relações sociais e fraternas entre os participantes. Nos casos analisados, a autora destacou uma relação privilegiada ao papel do atravessador, que, na escala hierárquica (agricultor-atravessador-feirante-consumidor) de circulação dos produtos agrícolas, torna-se um aproveitador. Esse funcionamento em feiras livres da Região está relacionado à dificuldade do agricultor em estocar ou transportar os produtos, que têm um curto tempo de vida, e isso facilita a ação dos atravessadores que compram a preços muito baixos (AQUINO, 2014).

Também no Amazonas, Frade Júnior (2006) demonstrou a história, caracterização e importância da feira do produtor rural no município de Coari, destacando através de sua pesquisa elementos quantitativos de comercialização e a diversidade de produtos comercializados no ambiente. Oliveira (2006) destacou o perfil socioeconômico dos feirantes participantes da feira do produtor rural de Boa Vista, em Roraima, pontuando a problemática de que este ambiente estaria sendo popularizado por atravessadores.

Reflexões de outros autores (GOLÇALVES et al., 2015; AMADOR, 2017; PINTO; FERREIRA, 2017; CASTRO et al., 2018), também, ajudam a compreender as particularidades das feiras livres e o surgimento das feiras temáticas na Amazônia, que, de maneira geral, estão ligadas aos modos de produção adotado por agricultores familiares, representando o contexto que se inserem os agroecossistemas em seus territórios.

No estado do Pará, especialmente em Belém, é possível observar a proliferação de algumas feiras temáticas realizadas em espaços específicos, como as feiras de produtos orgânicos da praça Batista Campos, praça Brasil e *Shopping Grão Pará* (SANTOS et al., 2017). Outros exemplos são as iniciativas de empresas privadas e sociedades de economia mista como a “feirinha” de produtos orgânicos do banco da Amazônia - BASA e feira do parque Estadual do Utinga (GADELHA, 2018), que ocorre ocasionalmente.

Buenaventura Ramírez (2019) dissertou acerca da construção social de mercados na Amazônia paraense, tomando como exemplo o caso de uma comunidade no município do Acará. Entre os resultados, verificou que os agricultores da comunidade comercializam os alimentos através da associação, por meio dos atravessadores e a venda direta ao consumidor

bem como destacou o potencial na venda de alimentos diversificados como frutas *in natura* ou polpas.

No tocante às iniciativas observadas em IES, para além das propostas de criação de feiras temáticas, verifica-se na literatura iniciativas para criação de grupos de consumo consciente, que geralmente ocorrem por meio de projetos de pesquisa, Incubadoras tecnológicas de incentivo ao empreendedorismo rural, NEA'S e programas institucionais.

Algumas experiências Nacionais e locais, também, foram registradas por Buenaventura Ramírez (2019), por exemplo, as experiências da comunidade quilombola Mandira em Cananéia, em São Paulo; o grupo de consumo rede moinho, em Salvador, na Bahia; e a rede Ecológica no Rio de Janeiro.

Como exemplo local, tem-se a iniciativa do Grupo de Consumo Agroecológico GRUCA/UFGA, criado em 2014. O projeto teve como objetivo fortalecer pequenos produtores orgânicos e agroecológicos, aonde cada consumidor do grupo compromete-se com um custo mensal referente a uma cesta de produtos, chamada de *paneiro*<sup>7</sup> cabano. Estas cestas são solicitadas previamente através da lista divulgada via rede social, e repassadas aos consumidores em feiras orgânicas de Belém, e na IACITATA (ponto de cultura alimentar de Belém) (SANTOS et al., 2017). As entregas, também, servem como momento de encontro, pequenas reuniões e informes. Entre as propostas disseminadas pelo grupo, prevalecem acordos e princípios como a transparência nas atividades e a não priorização do lucro, autogestão e decisões coletivas (GONZAGA et al., 2016).

*Encurtando Caminhos* – Uma segunda experiência, é o projeto desenvolvido por estudantes e pesquisadores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA, na cidade de Castanhal, em parceria com agricultores da cooperativa D'Irituia, que teve por objetivo facilitar a comercialização de alimentos da agricultura familiar.

A parceria acontece através da oferta mensal de alimentos feita pelos próprios agricultores de acordo com a disponibilidade em seus estabelecimentos. A lista com os alimentos disponíveis é socializada com os consumidores por meio de aplicativo de mensagens, que então montam o *paneiro* agroecológico com diferentes alimentos como hortaliça, frutas, verduras, alimentos processados e beneficiados. Após a efetivação das encomendas dos *paneiros*, os próprios agricultores (cooperados) entregam no campus, ficando sob responsabilidade dos estudantes que no mesmo dia repassam aos consumidores (CHAVANTE et al., 2018).

---

<sup>7</sup> Os *paneiros* são cestas produzidas a partir do traçado de palha, usados para armazenamento e transporte de diversos materiais e produtos regionais.

O grupo foi constituído por 23 membros, entre: professores, técnicos administrativos, alunos e comunidade externa, conta também com auxílio do NEA, em Castanhal. A iniciativa teve início em 2016 com vigência ao segundo semestre de 2019, e realizou 18 edições totalizando a entrega de 157 paneiros, para 45 parceiros/consumidores (CHAVANTE; GONÇALVES, 2020).

O IDEC, desde 2012, vem registrando iniciativas de feiras agroecológicas e orgânicas, em todo o território nacional, através de um *site* elaborado a partir da campanha “Brasil Saudável e Sustentável” em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social - MDS (IDEC, 2017). Algumas dessas feiras estão concentradas em IES, e com base nessas informações e consulta a outras fontes constitui-se, especificamente, uma lista com iniciativas de feiras Institucionais, citadas no quadro abaixo.

**Quadro 02.** Feiras temáticas realizadas em IES no contexto nacional.

<b>REGIÃO NORTE</b>		
<b>Nome</b>	<b>Instituição</b>	<b>Campus</b>
Feira da Produção Familiar - Agroufam	U.F do Amazonas- UFAM	Manaus
Feira Agroecológica	U.F do Tocantins- UFT	Palmas
Feira da Agricultura Familiar	U.F do Oeste Paraense – UFOPA	Santarém
Feira dos Povos do Campo	U.F do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA	Marabá
Feira da Reforma Agrária e Agricultura Familiar	U.F Rural da Amazônia - UFRA	Belém
Feira da Agricultura Familiar	U.F do Pará- UFPA	Belém
<b>REGIÃO NORDESTE</b>		
Feira do produtor	U.E do Maranhão- UEMA	São Luís
Banca de orgânicos	U.F de Pernambuco- UFPE	Recife
Feira agroecológica	U.F de Sergipe- UFS	Aracajú
Feira agroecológica	U.F da Bahia- UFBA	-
Feira agroecológica	U.F do Piauí- UFPI	-
Feira agroecológica da reforma agrária	U.F da Bahia- UFBA	Salvador
Feira da Agricultura Familiar	I.F do Piauí- IFPI	São Raimundo Nonato
Feira da Faculdade de Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial	Faculdade SENAC	Recife
Feira de Agricultura Familiar	I.F do Rio Grande do Norte- IFRN	Canguaretama
Feira de Agricultura Familiar	U.F do Rio Grande do Norte- UFRN	Natal
Feira de Agricultura Familiar	I.F do Rio Grande do Norte- IFRN	Nova Cruz
Feira de Base Agroecológica Cultural	U.F do Piauí- UFPI	Teresina
Feira de Economia Solidária e Agroecologia	U.F de Pernambuco- UFPE	Recife

Feira Orgânica	U. F de Alagoas- UFAL	Maceió
Feira Orgânica	U.F da Paraíba- UFPB	João Pessoa
<b>REGIÃO CENTRO-OESTE</b>		
Feira do Assentamento Colônia	Universidade de Brasília- UNB	Brasília- DF
Feira do Assentamento Pequeno Wiliam	I.F de Brasília- IFB	Brasília- DF
Feira Institucional Agroecológica da Agricultura familiar	I.F de Goiás- IFG	Goiânia
<b>REGIÃO SUDESTE</b>		
Feira agroecológica	U.F do Rio de Janeiro- UFRJ	Rio de Janeiro
Feira da Agricultura Familiar	U.F Rural do Rio de Janeiro- UFRRJ	Seropédica
Feira agroecológica	U.E do Rio de Janeiro- UERJ	Rio de Janeiro
Feira agroecológica e Solidária	U.F de Uberlândia- UFU	Monte Camelo
Feira Camponesa	U.F do Espírito Santo- UFES	São Mateus
Feira da Agricultura Familiar	U.E Paulista- UNESP	Bauru
Feira agroecológica	U. de São Paulo – USP	Piracicaba
Feira da Agricultura Familiar	U.F de Ouro Preto- UFOP	Mariana
Feira de produtos orgânicos	U.E Paulista- UNESP	Botucatu
Feira Orgânica	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC Rio	Rio de Janeiro
<b>REGIÃO SUL</b>		
Feira da Economia solidária	U. do Extremo Sul Catarinense- UNESC	-
Feira de Produtos Orgânicos	U. F. de Santa Catarina	Florianópolis
Feira agroecológica	U.E do Centro Oeste- UNICENTRO	Irati
Feira Agroecológica	Faculdade de Pato Branco - FADEP	Pato Branco
Feira agroecológica	U. E do Oeste do Paraná- UNIOESTE	-
Feira de Orgânicos	Universidade de Caxias do Sul - UCS	Caxias do Sul
Feira de Orgânicos	U. da Região de Joinville - UNIVILLE	Joinville
Feira de Produtos Orgânicos	U. Tecnológica Federal do Paraná- UTFPR	Pato Branco
Feira de Produtos Orgânicos	U. F do Paraná- UFPR	Curitiba
Feira do IFPR	I.F do Paraná- IFPR	Curitiba
Feira Orgânica	U. do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS	-
Feira de Orgânicos Mulheres da Terra	U.F do Rio Grande do Sul- UFRS	Porto Alegre

Fonte: Pesquisa documental (2021).

Fonte: As fontes consultadas estão apresentadas no apêndice 1.

Na região Amazônica, algo em comum nas feiras institucionais é a diversidade de alimentos e produtos comercializados, que correspondem às hortaliças, frutas regionais e outros

produtos, tais como, pães, doces caseiros, polpas, farinha etc. Outro ponto em comum é que essas iniciativas surgem como um projeto de extensão universitária e recebem apoio institucional na medida em que se estabilizam no *campus*. Abaixo enfatiza-se, sucintamente, os projetos das feiras institucionais percebidas na Região Amazônica.

*UFT* – A feira agroecológica da Universidade Federal do Tocantins (UFT) é uma iniciativa do Núcleo de Estudos em Agroecológica e Desenvolvimento Sustentável - NEADS, idealizada em 2015 na própria universidade. O objetivo da feira é aproximar a Universidade para a realidade dos agricultores da região. A iniciativa foi concretizada a partir de diagnósticos feitos junto a agricultores da região, nos quais foram constatadas as dificuldades de distribuição e comercialização dos alimentos. Os agricultores que participam da feira não detêm custos e manutenção e a participação é exclusiva para produtores de base ecológica (UFT, 2016; BERALDO et al., 2018; BERALDO et al., 2018).

*AGROUFAM* – A Feira da Produção Familiar da Universidade Federal do Amazonas, teve início em 2014, em espaço da própria universidade, tem o apoio da Pró-reitoria de Extensão, e acontece na primeira quinta e sexta-feira de cada mês. Conta com a participação de aproximadamente 100 agricultores familiares, comerciantes e artesãos, vindos de diferentes municípios do estado. Cabe destacar que a AGROUFAM não se limita à um espaço para o livre comércio dos produtos oriundos de agricultores familiares, mas é também um espaço de diálogo e troca de conhecimentos entre os participantes, que preferencialmente devem concentrar suas produções sob os princípios agroecológicos incentivando os demais a praticarem a atividade de forma sustentável. Além disso, a AGROUFAM conta com apoio de outros projetos que objetivam acompanhar o processo produtivo e oferecer formação para os agricultores familiares (SANTIAGO, 2017).

*UFOPA* – A feira de agricultura familiar da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) é um projeto incentivado pela Incubadora de Empreendimentos Solidário do Campus, com apoio da Pró-Reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão - PROCEDE. A feira acontece semanalmente em espaço acadêmico, e conta com a participação de agricultores familiares de diferentes municípios da região, como Mojuí dos Campos, Belterra e Santarém. O objetivo do projeto é proporcionar um ambiente de integração entre a comunidade acadêmica e os agricultores familiares, garantindo a segurança alimentar e nutricional ao público (CARDOSO et al., 2018; UFOPA, 2018).

*UFRA* - Assemelha-se a essa iniciativa a Feira da Reforma Agrária e da Agricultura Familiar promovida pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), *Campus* Belém, desde 2014. A feira faz parte do programa “Ufra na Reforma Agrária”, e tem como objetivo

incentivar os agricultores familiares do assentamento Abril Vermelho, situado em Santa Bárbara do Pará, a comercializarem suas produções, assim como garantir a participação desses nos mercados institucionais de compras do governo (UFRA, 2019).

*UNIFESSPA* – A Feira dos Povos do Campo é realizada junto à comunidade acadêmica da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), ocorre mensalmente nos três *campis* da universidade situados em Marabá. Este projeto é desenvolvido com apoio da PROEX e tem como objetivo promover a interação entre os produtores rurais com a comunidade do município, além de ser uma oportunidade de compartilhar experiências entre os diversos atores envolvidos nessa feira (GONÇALVES et al., 2015). As famílias que comercializam residem em dois assentamentos: Porto Seguro e 26 de março, ambos localizados a aproximadamente 20 km da sede de Marabá. Vale ressaltar que essas famílias também recebem acompanhamento da instituição no sentido de apoiar processos de fortalecimento da agricultura familiar local de base agroecológica ou em fase de transição.

### 3 METODOLOGIA

O período de pandemia tem provocado uma série de impactos socioeducativos e, principalmente, desafiado a comunidade acadêmica-científica que, persistentemente, conduz relevantes estudos em meio ao isolamento social, instabilidade de recursos destinados a tais atividades e tantas outras dúvidas impostas nesse momento histórico.

Nesse contexto, justifica-se que a metodologia idealizada, inicialmente, para esse estudo passou por importantes adaptações em função da enfermidade. Tal recondução foi necessária para reanimar os pensamentos dissertados e reavivar o papel da academia junto aos agentes envolvidos, nesse caso as famílias agricultoras.

O trabalho tem enfoque na abordagem qualitativa (MINAYO, 2001), sendo uma análise exploratória, com procedimentos voltados ao estudo de caso, os quais consistem em investigações de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento (GIL, 2002). A coleta de informações concentrou-se em dois *lócus*: Feira da Agricultura Familiar da UFPA e nos estabelecimentos agrícolas das famílias, no período entre abr-2019 e dez-2020.

#### 3.1 Feira da agricultura familiar da UFPA, *campus* Belém

A feira da UFPA *campus* Belém (Figura 01) foi consolidada em setembro de 2015 como um projeto de extensão universitária da Pro-Reitoria de Extensão - Proex, como alternativa de prestação de serviços na oferta de alimentos saudáveis e de qualidade aos servidores, técnicos, professores da UFPA e às comunidades do entorno.

Ocorre duas vezes ao mês, no complexo cultural do Vadião as margens do Rio Guamá, em Belém – PA. Atualmente, participam mais de 30 famílias que representam diferentes cooperativas, associações e/ou movimentos sociais, oriundos de 14 municípios da região metropolitana de Belém e do nordeste paraense, que se integram, geralmente, por intermédio de algum membro representante da coordenação, professor associado a algum projeto de pesquisa ou a convite de participantes da mesma comunidade.

Mensalmente, os participantes comprometem-se a comparecer no ambiente e datas propostas pela instituição para que seja realizado o evento. Em função da pandemia, todas as atividades presenciais na universidade foram suspensas por tempo indeterminado, assim como a realização da feira que teve a última edição em março de 2020.



Figura 01 – Mapa de localização da feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA.



Fonte: Corrêa e Silva (2019).

## 3.2 Procedimentos e ferramentas

### 3.2.1 Levantamento bibliográfico e pesquisa documental

A construção do estudo incluiu o levantamento de informações através de referências bibliográficas (consultas a livros, artigos, revistas, sites e periódicos) no período vigente da pesquisa, na tentativa de reflexões profundas ao tema estabelecido. A pesquisa documental objetivou agregar informações referente ao resgate histórico de criação da feira e registros dos últimos cinco anos, para isso consultou-se publicações acadêmicas, relatórios finais de projetos, folhetos e registros de pesquisas realizadas na feira da UFPA.

### 3.2.2 Os representantes da UFPA

Além da pesquisa documental, realizou-se entrevistas semiestruturadas (GIL, 2010), com auxílio de roteiro (**Apêndice 1**), junto aos representantes institucionais da UFPA (professores e técnicos administrativos) que participaram do processo de construção da feira ou mantinham algum vínculo com o evento. Entrevistou-se quatro representantes institucionais, os

quais foram contatados através do método *snowball sampling* (Bola de Neve), proposto por Goodman (1961).

### 3.2.3 As famílias na feira da UFPA

A aproximação com as famílias ocorreu durante as primeiras edições da feira em 2019, através de conversas informais e, posteriormente, com a apresentação dos objetivos desta pesquisa. Foi nesse processo que se estabeleceu os “laços sólidos”, abordado por Minayo (2001) como forma necessária para a aproximação inicial com os sujeitos investigados.

A observação não participante ou indireta (MARCONI; LAKATOS, 2010) e, os registros do diário de campo (MINAYO, 2001) auxiliaram, nas compreensões iniciais acerca das motivações que levaram cada família a participar da feira, a organização e dinâmicas do espaço, os alimentos comercializados, o público consumidor, as relações sociais estabelecidas no ambiente através dos diálogos entre agricultor-agricultor e agricultor-consumidor. O diário de campo auxiliou, também, no registro das conversas informais junto aos consumidores que, durante as edições da feira teciam comentários relevantes em relação as motivações para a compra dos alimentos no local, apesar de o público não ser alvo do levantamento.

Logo, realizou-se as entrevistas semiestruturadas (**Apêndice 2**) com dez agricultores familiares e representantes de cada família, em diferentes edições da feira, na busca por confirmar as observações iniciais, mas principalmente para compreender o protagonismo de cada qual enquanto participantes da feira. Com a prática, foi possível captar informações referente a suas origens, modos de produção, preços dos alimentos e produtos, qualidade, suas percepções sobre o espaço, entre outras. Ressalta-se que todas as entrevistas foram gravadas e, autorizadas mediante assinatura de cada participante do termo de consentimento livre e esclarecido (**Apêndice 3**). O quadro 03 mostra um resumo de todos os entrevistados.

**Quadro 03.** Entrevistas realizadas com representantes da UFPA e agricultores familiares, no período de 2019 a 2020.

Representantes da UFPA					
Identificação	Gênero	Representação	Órgão/Município	Período	
P.J.L.S	Masculino	INEAF	UFPA	Set	2019
S.N.S	Feminino	PROEX	UFPA	Set	
W.S.A	Masculino	INEAF	UFPA	Out	
A.L.S	Masculino	ICSA	UFPA	Out	
Entrevistados na feira					
A.C.O.R	Masculino	MST	Santa Isabel	Ago	

S.L.C	Feminino	AABJ/MST	Santa Isabel	Set	
M.S.G	Feminino	PARÁ ORGÂNICO	Vigia de Nazaré	Out	
A.R.R.A	Feminino	AABJ/MST	Santa Isabel	Nov	
A.R.C.G	Feminino	MST	Santa Bárbara	Nov	
A.C.G	Masculino	MST	Santa Bárbara	Nov	
D.R.C	Feminino	MST	Santa Bárbara	Nov	
V.L.S.B	Feminino	Independente	Acará	Jan	<b>2020</b>
R.M.M.A	Feminino	Independente	Bragança	Fev	
S.C.S	Masculino	D'IRITUIA	Irituia	Mar	

Fonte: Autor (2021).

### 3.2.4 Aplicação da folha de verificação (*check list*)

Na perspectiva de registrar de forma dinâmica os produtos comercializados na feira e compreender os processos sazonais dos alimentos, adotou-se como ferramenta a folha de verificação (*check list*) (**Apêndice 4**), elaborada sob orientações de Peinado e Graeml (2007). Esta ferramenta é utilizada para levantamento de dados e verificação de fatos referente a um processo de produção, além de ser “uma maneira de se organizar e apresentar os dados em forma de um quadro ou tabela” (PEINADO; GRAEML, 2007, p. 530).

Com esse instrumento, registraram-se as informações nas quatro primeiras edições da feira, em 2020, período que antecedeu a paralisação das atividades presenciais.

### 3.3 As famílias no campo

Através de visitas *in loco* aos estabelecimentos agrícolas, buscou-se caracterizar uma amostragem de dez agroecossistemas associados à feira. Nessa etapa, coletou-se as informações através de entrevistas semiestruturadas com auxílio de roteiro (**Apêndice 5**) que, buscou identificar três pontos específicos: conhecer a família e o contexto socioeconômico a qual estão inseridos; caracterizar os agroecossistemas familiares; e compreender as lógicas de produção e as mudanças socioprodutivas em função da participação na feira.

A retomada da coleta de dados nas unidades produtivas foi realizada durante o período “menos crítico” da doença (outubro a dezembro de 2020). Para isso, levou-se em consideração os boletins epidemiológicos divulgados pelos órgãos locais. Além disso, fez-se contato com as famílias via telefone e aplicativo de mensagens (*WhatsApp*), almejando prévia autorização para as visitas presenciais em seus respectivos estabelecimentos, assim considerou-se a autorização ou negação de cada qual e as condições de saúde do grupo familiar.

Em cada estabelecimento, buscou-se seguir as recomendações sanitárias e preventivas à disseminação do coronavírus, indicadas pela OMS e através da portaria nº 1.565 de junho/2020 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020). As recomendações preveem o uso de máscara em todos os ambientes e principalmente em locais públicos, o distanciamento de pelo menos um metro e meio entre as pessoas, uso frequente de álcool em gel nas mãos, evitar o compartilhamento de objetos pessoais, aglomerações, e priorizar a permanência em ambientes ventilados.

Para essa amostragem, considerou-se os seguintes critérios:

- Consentimento da família para a atividade presencial no estabelecimento.
- Atual estado de saúde do/a entrevistado/a e demais membros da família.
- Distância e logística de acesso ao estabelecimento.
- Ser agricultor (a) familiar participante na feira.
- Participação em organização social (cooperativa ou associação), quando foi o caso.

Na perspectiva sistêmica, consideraram-se, como parte do processo, os marcos históricos na vida de cada família e as mudanças no contexto econômico e ambiental do agroecossistema. Segundo Garcia Filho (1999), essas informações ajudam a compreender acontecimentos importantes de um determinado território bem como as alterações sociais, ambientais, econômicas, políticas etc., atribuídas ao contexto analisado.

No roteiro, também, foram incluídos questionamentos considerados válidos para investigar estratégias adotadas pelas famílias frente aos impactos no agroecossistema, ocasionados devido à pandemia.

De alguns agroecossistemas visitados, elaborou-se o mapa (croqui) do estabelecimento familiar (GARCIA FILHO, 1999) com o objetivo de verificar a distribuição espacial dos arranjos produtivos, sistema de criação e extrativista quando existente, e de perceber as mudanças na paisagem, dando-se ênfase aos arranjos produtivos implantados mais recentemente, instigando as motivações para tal constituição.

Ressalta-se que, dos dez agroecossistemas analisados três pertencem ao grupo de famílias entrevistadas na feira da UFPA, ou seja, para essas famílias foram aplicados dois questionários (na feira e no campo). Cinco foram entrevistadas somente no estabelecimento, e dois agroecossistemas analisados por meio das informações proveniente da pesquisa documental. Tais adaptações foram necessárias em função do período de pandemia, onde houve restrição em relação as visitas presenciais.

As informações documentais integram o banco de dados do projeto de pesquisa “De onde vem o nosso alimento? Conhecendo e apoiando as famílias feirantes, seus projetos de vida e suas estratégias de produzir para a casa e para a feira”, desenvolvido desde 2018, que tem por objetivo provocar nas pessoas o hábito de consumir alimentos mais saudáveis vindos diretos do produtor, fomentar a lógica da agricultura familiar, proporcionando o ambiente da feira não só de comercialização, mas um espaço agradável de interação entre academia, feirantes e consumidores. E, principalmente, proporcionar troca de saberes.

O projeto foi instituído desde 2018 por professores do INEAF/UFGA, e contemplado com bolsas de iniciação de pesquisa via CAPES e CNPq. Esse conjunto de informações também impulsionou a construção dessa dissertação bem como a aprovação de uma série de projetos de pesquisa relacionados à feira. Essas informações têm contribuído para melhores entendimentos acerca das lógicas socioprodutivas das famílias e o papel da universidade no fortalecimento da rede de comercialização dos alimentos.

### **3.4 Análise de conteúdo**

As gravações foram ouvidas e transcritas em sua integridade com auxílio de aplicativo digital para essa atividade. A transcrição é um procedimento metodológico capaz de auxiliar na interpretação das falas, que muitas das vezes não são capazes de serem percebidas no momento da entrevista (MINAYO, 2001). As observações e relatos, registrados no diário de campo, foram sistematizados e analisados como forma de complementação à análise deste estudo, assim como os fatos percebidos durante o período de coleta das informações em campo. Os registros do *check list* foram esquematizados em planilhas do Microsoft Excel. Tabelas e quadros foram organizados em arquivo Word e Excel.

Consideraram-se, na análise de conteúdo, aspectos econômicos, ambientais, sociais e culturais na perspectiva da abordagem sistêmica, incluindo-se na leitura fenômenos que foram capazes de afetar a tomada de decisão da família ou que contribuíram para mudanças nas lógicas produtivas do grupo familiar. Nessa perspectiva, a abordagem contribuiu para a compreensão da dinâmica familiar (autonomia, reprodução social, tomada de decisão) e os referidos elementos relacionados à feira. Abaixo, no quadro 04, tem-se um resumo do percurso metodológico e os respectivos procedimentos adotados.

**Quadro 04.** Síntese do percurso metodológico e procedimentos adotados durante a pesquisa.

<b>OBJETIVO</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>SUJEITOS ENVOLVIDOS</b>	<b>ELEMENTOS REFLEXIVOS</b>	<b>PERÍODO/LOCAL</b>	
Historiar o processo de construção, funcionamento e transformações na feira de agricultura familiar.	Revisão bibliográfica e pesquisa documental.	Levantamento de trabalhos científicos publicados sobre a feira da UFPA, relatórios, cartilhas, folhetos, sites e outras informações relevantes.	Detalhar os marcos históricos e as diferentes visões da feira, podendo comparar com experiências de casos Brasileiros e Amazônicos, bem como registrar e caracterizar o funcionamento da feira.	Abr/2019 a Fev/2021	
	Entrevista semiestruturada, observação indireta, conversas informais e diário de campo.	Agricultores que participam da feira da UFPA.		Abr/2019 a Mar/2020 - Feira da UFPA	
	Entrevista semiestruturada com aplicação de roteiro para com pessoas chave.	Representantes Institucionais que participaram da construção do projeto da feira.		Out/2019 a Dez/2019 - UFPA	
Caracterizar os sujeitos envolvidos, bem como compreender os espaços de decisões acerca da feira.	Observação indireta e entrevista semiestruturada com aplicação de roteiro.	Agricultores que participam da feira da UFPA.	Caracterizar as famílias e investigar as motivações de inserção neste ambiente; Além disso, verificar as estratégias de inserção e relação com os consumidores.	Abr/2019 a Mar/2020 - Feira da UFPA	
Caracterizar agroecossistemas familiares em diferentes territórios, e relacionar as lógicas produtivas com a participação na feira da UFPA.	Entrevistas com roteiro aberto e fechado.			Conhecer as lógicas de produção para entender as estratégias de participação na feira. Verificar também, os impactos nos agroecossistemas e correlacionar com as estratégias de participação na feira.	Jan a Fev/2020 – Estabelecimentos Familiares
	Diagnóstico dos agroecossistemas.				Out a Dez/2020 - Estabelecimentos familiares
Sistematizar estratégias comerciais das famílias frente aos impactos da pandemia do Covid-19.	Entrevistas com roteiro aberto e fechado.		Compreender estratégias das famílias para enfrentar uma situação de Pandemia (isolamento social) e quais as maiores dificuldades de manutenção das atividades produtivas demandadas pela feira.	Out a Dez/2020 - Estabelecimentos familiares	

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 A história contada sobre a feira da agricultura familiar da UFPA, *campus* Belém

A história da criação da feira de agricultura familiar da UFPA está, diretamente, relacionada com os trabalhos de extensão da universidade. A ação foi instituída com base no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, conforme art. 2º, inciso V do regimento geral da Universidade (UFPA, 2006), mais precisamente, sua repercussão foi ganhando vida a partir de iniciativas do Instituto de Ciências Sociais e Aplicada - ICSA que mantém laços acadêmicos com diferentes famílias, antes mesmo da efetivação da feira.

O instituto contribuiu na implantação do programa institucional para compra de alimentos produzidos por meio da agricultura familiar. Através da contemplação da proposta “Assessoria técnica para elaboração e gestão de projetos sociais voltados para o mercado institucional de alimentos”, aprovado em edital no programa de Extensão Universitária – ProExt<sup>8</sup> ofertado através do Ministério da Educação e Cultura – MEC, iniciou o assessoramento e capacitação de algumas famílias nas regiões do Baixo Tocantins e Salgado Paraense. Com a aprovação do projeto, algumas famílias agricultoras de municípios como Abaetetuba, Cametá, Barcarena, Vigia e Acará foram acompanhadas em suas atividades socioprodutivas entre 2013 e 2014.

O assessoramento ocorreu com ajuda de ações da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Economia Solidária - ITCPES, também vinculada ao ICSA. O trabalho consistia na apresentação da dinâmica de atividades para assessoramento, visando a qualificação dos envolvidos para melhoria da gestão das associações, fortalecimento das ações de economia solidária e treinamento para participação de chamadas públicas a fim de fornecer alimentos para o Restaurante Universitário - RU da UFPA.

Os membros da ITCPES/ICSA identificaram que os agricultores familiares, mesmo representados por associações e cooperativas, demonstravam certa necessidade em possuir um espaço para comercialização dos alimentos e produtos. As chamadas públicas que estavam acontecendo através dos programas institucionais (Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE) nem sempre contemplavam o estado de organização jurídica das associações ou cooperativas, que em alguns casos deixavam de

---

8 O Programa de Extensão Universitária (ProExt) tem o objetivo de apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas. Criado em 2003, o ProExt abrange a extensão universitária com ênfase na inclusão social.

participar dos processos por alguma irregularidade, conseqüentemente, as famílias cooperadas ou associadas perdiam a oportunidade de comercializar os alimentos nas chamadas (A.L.S, ICOSA, 2019). Além disso, o número de famílias era grande e havia necessidade em expandir o comércio de produtos. Entre essas, cita-se as da Associação Parque dos Aracuans do Cafezal - APAC, do município de Barcarena, que foram atuantes nas primeiras chamadas públicas após implantação do programa na UFPA, bem como participaram ativamente da criação e das edições iniciais da feira.

Diante dessa fragilidade, os representantes das cooperativas, agricultores familiares e Pró-reitoria de Extensão – PROEX/UFPA, com colaboração do ICOSA, iniciaram o processo de articulação junto à universidade para formalização de parcerias que buscassem o fortalecimento dos canais de comercialização. Assim, propuseram a criação de um espaço para comercialização no âmbito institucional. A UFPA comprometeu-se em contribuir na organização, apoio estrutural e ajuda na divulgação do evento para alcançar o maior número possível de consumidores (SANTOS et al., 2017; S. N. S, PROEX, 2019).

Essa articulação ocorreu de forma desordenada entre no meio acadêmico, previamente pela falta de experiência por parte da universidade com a inovação de um espaço direto que necessariamente deveria ser constituído e pensado diretamente com as famílias, fato não ocorrido no processo de construção da feira. Santos (2018) ao relatar o histórico de construção da FAF rural (feira da agricultura da UFRRJ) evidenciou a importância do planejamento coletivo e agregação de instituições parceiras na construção do projeto. No caso da Feira da UFPA, se realizado dessa forma, poderia implicar na minimização de conflitos organizacionais que rodeiam o funcionamento do projeto de extensão.

Nessa perspectiva, a primeira edição da feira aconteceu no dia 11 de setembro de 2015, organizada por meio da PROEX e institucionalizada como um projeto de extensão universitária, não tendo apoio de órgãos externos a não ser os próprios institutos e faculdades da universidade (S. N. S, PROEX, 2019). A primeira edição foi amplamente divulgada com ajuda da assessoria de comunicação da UFPA e nos meios de comunicação locais, como mostra a manchete extraída da matéria feita sobre a primeira edição da feira.



Figura 02 - Manchete da matéria de lançamento da primeira feira da agricultura familiar da UFPA, Belém.



Fonte: Adaptado de G1 Pará (2015).

O evento teve como objetivo inicial fortalecer a comercialização de alimentos advindos da agricultura familiar que, em muitos casos não eram comercializados, a não ser via atravessadores nas próprias comunidades rurais (A. L. S., ICESA, 2019). A PROEX buscou concretizar a feira como uma oportunidade para apoiar os agricultores e agricultoras familiares da região, assim como estabelecer uma alternativa de prestação de serviços na oferta de alimentos saudáveis e de qualidade aos servidores, técnicos, estudantes, professores da UFPA e comunidade no entorno do Campus universitário (S. N. S, PROEX, 2019). De fato, a introdução de uma feira nas dependências acadêmicas foi justificada, também, pela demanda de consumidores internos, no entanto a iniciativa não foi sistematizada para fins de registro institucional.

Inicialmente, a Diretoria de Assistência e Integração Estudantil - DAIE/PROEX foi designada para assumir a coordenação do evento. A diretoria acompanhava os participantes no sentido de apoiar a estrutura do espaço e divulgar o evento com intuito de atrair público, mantendo-se à supervisão da diretoria da PROEX na época.

O evento, também, ficou conhecido como “feira do pequeno produtor” ou “feira de produtos orgânicos da UFPA”. A divulgação do termo está relacionada ao fato de que alguns agricultores da época produziam os alimentos sob bases e princípios agroecológicos, sendo que alguns eram certificados como produtores orgânicos. Divulgava-se, amplamente, a ideia de que todos os alimentos comercializados no ambiente seriam orgânicos (A. C. O. R, AGRICULTOR, 2019). A gestão da feira na época promovia eventos de cunho educativo, buscando dialogar com o consumidor sobre a importância do consumo de alimentos saudáveis, dessa forma a feira desempenhava um importante espaço de formação popular para os sujeitos frequentadores do espaço. O trecho abaixo mostra um dos eventos culturais realizado na última edição de 2015:

Teatro na Feira - os frequentadores da feira terão a oportunidade de assistir ao espetáculo teatral “Manga”, encenado pela artista Luiza Prias. O espetáculo aborda a importância do consumo de alimentação saudável e alerta sobre as consequências do uso de produtos transgênicos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2015).

Sobretudo, a feira não poderia garantir a qualidade de alimentos isentos de agrotóxicos, uma vez que nem todos os agricultores participantes eram certificados como produtores orgânicos e boa parte produzia alimentos de forma convencional, ou seja, incorporando materiais que desqualificam a produção orgânica de alimentos. Esse processo produtivo desqualifica os alimentos como orgânico, pois essa corrente é totalmente contrária à utilização de adubos químicos solúveis (DAROLT, 2002).

Em 2016, após algumas edições, a feira de “produtos orgânicos” passou a ser chamada de “feira da agricultura familiar”. A nova denominação ocorreu após uma série de debates entre os próprios participantes e representantes da UFPA, adotando-se também recomendações do Ministério de Agricultura Pecuária e Abastecimento - MAPA, órgão responsável em certificação para produção orgânica. Entre os agricultores incentivadores à mudança, destacam-se os representantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra – MST que agregam, como princípio socioprodutivo, a produção de alimentos sob base agroecológica e participam ativamente das discussões incentivando a importância de produzir alimentos isentos de insumos químicos (agrotóxico, inseticidas, pesticidas, entre outros).

Ainda em 2016, um consumidor que frequentava o ambiente coletou alguns dos alimentos que eram comercializados e destinou a um laboratório de análise química para constatação da ausência de insumos, tendo como resultado que muitos dos alimentos estavam contaminados por algum tipo de agrotóxico. Esse resultado foi compartilhado com os feirantes e estimulou um debate acerca do nome da feira pois, esta não poderia ser categorizada como feira de produtos orgânicos, visto que não se enquadrava exclusivamente como tal (A. C. O. R, Agricultor, 2019). Dessa forma, o termo “feira da agricultura familiar” poderia agregar a diversidade socioprodutiva bem como representar todas as famílias que integravam o projeto.

No período em destaque, o público consumidor era satisfatório para os comerciantes que se agradavam do quantitativo das vendas. Esse fator despertou atenção de novas famílias que passaram a procurar a universidade para conhecer e participar do espaço. O quantitativo de famílias agregadas ao projeto foi aumentando ao decorrer de cada edição e, conseqüentemente, a diversidade de alimentos e produtos oferecidos. Além dos alimentos *in natura*, passou-se a comercializar produtos processados, fitoterápicos, artesanatos, plantas ornamentais, entre outros, como mostra a propaganda da quarta edição da feira de 2015.

Novidades – A 4ª Feira da Agricultura Familiar, além dos gêneros alimentícios, vai ofertar mudas de plantas. Os visitantes vão poder adquirir vasos com babosa, pés de pimenta e várias espécies próprias tanto para o cultivo como para fins de ornamentações. E para quem quiser fazer um lanche, haverá a opção de bolo de macaxeira com café (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2015).

Como forma de organização dos novos participantes, a DAIE/Proex elaborou um cadastro inicial com informações mínimas acerca das famílias, objetivando unir informações consideradas importantes: a origem das famílias, membros, nomes e quais seriam os alimentos comercializados. A iniciativa, também, foi proposta na tentativa de mapear os novos participantes que chegavam à feira. Nesse processo, um banco de informações foi sendo criado e compartilhado com o ICSA que, também, se mantinha a frente da organização e captação das famílias (S.N.S, PROEX, 2019).

Com a visibilidade e repercussão que o evento estava ganhando no ambiente acadêmico, a DAIE/Proex, faculdades, grupos de estudos e institutos passaram a se familiarizar e tentar contribuir academicamente no projeto. O ICSA, através de suas faculdades (economia, contabilidade, administração, engenharia de alimentos), contribuiu ativamente com a captação de recursos junto a instituições apoiadoras para a realização de pesquisas acadêmicas no ambiente, dialogando com os sujeitos e buscando compreender a dinâmica de funcionamento do espaço (A. L. S, ICSA, 2019). A PROEX, também, destinou recursos acadêmicos para suprir as demandas da feira e, nesse período, adquiriu materiais de consumo (mesas, cadeiras, basquetas, bebedouro etc.) destinado para uso exclusivo dos feirantes.

Em 2017, a direção geral da PROEX foi alterada, a DAIE foi transformada em Diretoria de Arte, Cultura, Esporte e Lazer - DACEL, sendo uma superintendência ligada diretamente à reitoria da UFPA. Com isso, a coordenação da feira ficou sob responsabilidade direta da PROEX e outros assessores técnicos passaram a contribuir na organização do projeto de extensão. Basicamente, a função da PROEX seria a de organizar o espaço e orientar as famílias em relação ao funcionamento da feira.

Ao assumir a coordenação, a PROEX, através de seus representantes, constatou que muitas famílias que participavam das primeiras edições já não compareciam nos dias de feiras e isso tornava o espaço esvaziado “a feira estava ‘enfraquecida’ quase parando” (S.N.S, PROEX, 2019). Esse impasse, também, foi percebido por estudantes que realizavam pesquisas por intermédio do ICSA.

O ICSA observou que as famílias participantes não tinham um acompanhamento mais próximo. Logo, deu-se início ao mapeamento dos agentes envolvidos na expectativa de

diagnosticar e programar possíveis intervenções. O trabalho ganhou força principalmente pela atuação dos bolsistas de pesquisa que foram designados para facilitar as informações. Com a familiaridade da realidade vivenciada e as informações iniciais acumuladas, o instituto fortaleceu a aproximação com as famílias e traçou estratégias para permanência dos grupos presentes, por exemplo, a formação continuada para produção de alimentos orgânicos (práticas de manuseio de alimentos processados), treinamentos para as associações e cooperativas relacionados aos procedimentos para a certificação da produção orgânica, acompanhamento financeiro e contábilístico etc. (A.L.S, ICSA, 2019).

Outro marco importante no período foi a realização de uma reunião promovida com representações da PROEX, institutos e faculdades que já acompanhavam a feira (A.C.O.R, AGRICULTOR, 2019; A.L.S, ICSA, 2019), cujo objetivo era verificar as motivações da saída das famílias e organizar as demandas que estavam sendo indicadas pelos próprios agricultores. Na ocasião os encaminhamentos tomados foram:

- Cadastro de novas famílias para compor a feira na tentativa de envolver outros grupos de agricultores;
- A seleção de um agricultor que ficou incumbido de facilitar a socialização das informações referente à feira, representar os agricultores em reuniões junto à universidade e nas tomadas de decisões convenientes a feira;
- Os agricultores passaram a organizar reuniões ao final de cada edição, buscando envolver todos os participantes para avaliar coletivamente o desempenho do dia.

No contexto de (re) animação da feira, a coordenação geral da PROEX buscou envolver mais a fundo os trabalhos do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural - NCADR, atualmente, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares – INEAF. Especificamente, desde a primeira participação na reunião unificada com os demais núcleos de ensino, o INEAF passou a protagonizar relevante atuação. Assim, em 2018, a coordenação passou a ser de autoria do INEAF, fato este acordado junto à PROEX, que no intervalo de tempo não contava com recursos humanos suficientes para acompanhar afincamente o trabalho na feira.

Averiguando a necessidade de fortalecer o projeto e de contribuir diretamente com as famílias agricultoras, o Instituto, por meio de seus representantes, de forma conjunta, isto é, envolvendo a PROEX e demais unidades da universidade, propôs transformar o projeto de extensão em um programa multidisciplinar da universidade, sugerindo que a coordenação não fosse concentrada em uma única representação, mas uma coordenação colegiada com a inclusão de um agricultor como representante das famílias, elaboração de planos anuais de trabalhos com competências específicas para cada unidade do conhecimento, entre outros. Nesse caso, a maior

dificuldade apontada para execução deste planejamento seria o escasso envolvimento por parte dos representantes, o que dificultou ainda mais a sequência de atividades.

O INEAF, também, percebeu que uma das fragilidades da feira seria a falta de reconhecimento por parte da universidade. Para que o programa se consolidasse seria preciso que a UFPA, enquanto gestora da proposta, consolidasse um documento de oficialização junto ao órgão responsável: Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE que tem competência deliberativa para “aprovar programas e projetos integrados de ensino, pesquisa e extensão”, conforme previsto no Art. 25, inciso IX do regimento (UFPA, 2006).

Nesse período, um dos representantes do INEAF sistematizou proposta (minuta do projeto) do programa de extensão universitária denominada “Saberes, sabores e vivências: fortalecimento da feira de agricultura familiar – UFPA/Belém”, cujo objetivo geral é:

Fortalecer e consolidar a Feira da Agricultura Familiar – UFPA Campus do Guamá e seus principais atores, como uma experiência concreta de concepção de ensaio de Política Pública, dentro de uma perspectiva da sustentabilidade socioeconômica, cultural e ambiental e ações de caráter integrados entre Ensino, Pesquisa e Extensão (PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2018).

A proposta da minuta foi no sentido de transformar a atividade de extensão em um programa oficial da universidade. Nesse programa, caberia aos institutos e faculdades a contribuição simultânea e interdisciplinar nas atividades relacionadas diretamente à feira, tal como exemplifica um representante do INEAF:

[...] aonde você poderia articular diferentes unidades, contribuindo em diferentes competências, o INEAF na parte de assessoria agrônômica; talvez o pessoal da tecnologia de alimentos, por exemplo, trabalhar com a parte de processamento de alguns alimentos e produtos, acompanhar, estimular e talvez até orientar. O pessoal de artes trabalhar na questão da cultura e educação popular. O pessoal da economia trabalhar a parte mais de gestão econômica das propriedades, e assim por diante. (W.S.A, INEAF, 2019).

Logo, a minuta do programa prevê o envolvimento direto das famílias em parceria com diferentes representações das faculdades e Institutos da UFPA, citadas abaixo.

- Engenharia de Alimentos- FEA;
- Instituto de Tecnologia e comunicação – ITEC;
- Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA, através das faculdades de Economia (FAECON), Contabilidade (FACONT) e Administração (FAAD);
- Instituto de Ciências da Educação- ICED;
- Instituto de Ciência e Artes- ICA;
- Instituto de Ciências da Saúde – ICS;

- Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF), através da Faculdade de Desenvolvimento Rural e Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas – PPGAA.
- Demais faculdades interessadas em participar do programa.

Diante das ações que estavam sendo realizadas, o INEAF e as demais unidades acadêmicas (ICSA, PROEX, ILC, ITEC e ICS) promoveram uma oficina de planejamento das atividades com o objetivo de impulsionar as ações, fortalecer a proposta da gestão compartilhada, mas também planejar a contribuição de cada unidade ao longo do ano.

A partir da sistematização, foi acordado entre os representantes a necessidade de finalização dos cadastros dos feirantes; a elaboração de um diagnóstico comum a todas as unidades, visto que o ICSA já mantinha uma estrutura inicial; ações de (re) animação e atrações na feira (palestra, roda de diálogo, debates, capacitação etc.); melhoria do espaço da feira junto a prefeitura do *campus* universitário e encaminhamentos junto ao pro reitor; adoção de um canal de divulgação científico; melhoria no *layout* do cartaz da feira e divulgação, entre outras ações (UFPA, 2018).

A partir da oficina de planejamento, a PROEX intensificou as redes de comunicação da feira da UFPA - página no *facebook*, grupo de *whatsApp*, mídias, logo da feira, cartazes e *flys* de divulgação (Figura 03) - na expectativa de facilitar o diálogo com os agricultores e consumidores, de divulgar o evento e de atrair maior público para a feira, principalmente os consumidores que moram no entorno do *campus* universitário.

Com a repercussão que a feira da UFPA ganhou, as famílias começaram a ser demandadas para outros espaços de comercialização e passaram a usufruir das oportunidades. Um desses espaços foi testado na área de moradia da marinha com apoio da UFPA, os próprios agricultores se dispuseram a participar e construir o espaço, no entanto, a iniciativa não repercutiu conforme o esperado. Uma das justificativas apontadas é que boa parte dos consumidores não são naturais da região e que muitos alimentos típicos da Amazônia não eram demandados, conseqüentemente, os agricultores voltavam com parte da mercadoria. Mesmo assim, duas edições da feira da marinha ainda foram realizadas em parceria com as famílias.

Figura 03 - Cartazes utilizados para divulgação das edições da feira de agricultura familiar da UFPA, campus Belém - PA.



Fonte: Pesquisa documental (2019; 2020).

**Legenda:** A e B: Logomarca oficial da feira; C, D, E, F: cartazes de divulgação compartilhadas via *whatsapp* em diferentes períodos.

Ainda em 2018, a feira da agricultura familiar da UFPA recebeu apoio massivo dos estudantes das unidades envolvidas, especialmente, bolsistas de iniciação científica orientados por professores do INEAF. A iniciativa foi financiada com apoio de recursos de diferentes agências financiadoras, mas, principalmente, através da aprovação de uma ementa parlamentar articulada com apoio de um político da região. A ementa disponibilizou o valor de R\$ 3.133,271,00 (Três milhões, cento e trinta e três mil, duzentos e setenta e um reais), por meio do MEC e contemplou 39 (trinta e nove) projetos prioritariamente nas áreas de Arte e Cultura. Dessas ações, seis foram executadas na universidade, sendo uma delas o projeto da feira que recebeu o valor de R\$133.271,00 (cento e trinta e três mil, duzentos e setenta e um reais) (PROEX, 2019), em torno de 4% do valor total.

O INEAF administrou o recurso em função da necessidade que a UFPA tinha em indicar uma entidade administrativa interna para ordenar o tramite das despesas (P.J.L.S, INEAF, 2019), motivo que também levou o instituto a assumir a coordenação da feira. O recurso foi utilizado de forma dinamizada e distribuído junto aos demais institutos que mantinham de alguma forma relações concretas com a feira. Logo, alguns projetos de pesquisas e extensão foram executados na tentativa de compreender profundamente a dinâmica social, econômica, produtiva e aspectos culturais das famílias envolvidas. O INEAF, como mencionado

anteriormente, utilizou parte do recurso para o pagamento de bolsas aos estudantes pesquisadores envolvidos na feira.

Apesar de toda a movimentação e importância atribuída à efetivação do programa, até a realização das últimas edições, a minuta do programa “Saberes, sabores e vivências: fortalecimento da feira de agricultura familiar – UFPA/Belém” não havia sido registrada na câmara de projetos da PROEX, dessa forma a feira de agricultura familiar da UFPA não se consolidou como um programa oficial da universidade. Além disso, algumas metas estabelecidas a partir da oficina de planejamento não foram cumpridas por parte das unidades envolvidas, bem como há carência de reuniões para o debate coletivo das decisões que afeta o coletivo, o que de certa forma provoca uma vaga contribuição por parte de algumas famílias.

Contudo, nos últimos dois anos, o evento tem sido amplamente divulgado dentro da própria instituição através de cartazes digitais compartilhados por aplicativo de mensagens e impressos alocados em pontos estratégicos de circulação dos consumidores. Mesmo assim, o trabalho não tem se mostrado eficiente visto que alguns agricultores indicam que o apoio da UFPA precisa ser fortalecido ao que se refere à propaganda e divulgação do espaço.

Nesse sentido, as famílias de forma coletiva iniciaram um movimento para enriquecer o *marketing* nas vendas, e, desde o segundo semestre de 2019, retomaram por conta própria a contratação de um divulgador sonoro, responsável em duas vezes por semana fazer a propaganda da data e assim motivar o comparecimento dos consumidores à feira. Ao final do evento cada agricultor é convidado a contribuir com determinado valor para manter a propaganda (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Outra novidade recente foi a criação de um sorteio para os clientes. Ao final do horário da feira uma cesta é elaborada com diversos produtos, cada agricultor contribui doando um alimento ou produto de sua banca (uma garrafa de tucupi, um maço de couve, um quilo de farinha, um frango caipira, uma garrafa de mel etc.). O cliente que visita a feira e compra no mínimo R\$ 20,00 (vinte reais) em qualquer banca ganha o direito de depositar um cupom na urna e concorrer ao prêmio. Essa estratégia de *marketing* é vantajosa, pois, muitos agricultores relatam ser uma estratégia de fidelização dos clientes que chama a atenção de consumidores e estimula o retorno com a intenção de contribuir, comprando os alimentos, mas também de ser o ganhador da premiação.

Mesmo com cenário de constantes mudanças entre 2018 e 2021, foram realizadas 30 edições da feira (Quadro 05), uma ou duas vezes ao mês, conforme as datas comemorativas, contando com apoio de estudantes, professores e representantes da PROEX.



**Quadro 05.** Histórico das edições da feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA, no período de 2018 a 2021.

MÊS/ANO	2018	2019	2020	2021
JAN			X	Pandemia
FEV		X	X X	
MAR		X X	X	
ABR		X X		
MAIO		X X		
JUN		X X		
JUL		Recesso		
AGO	X	X X	Pandemia	
SET	X	X X		
OUT	X X	X X		
NOV	X	X X		X
DEZ	X	X X		

Fonte: Pesquisa documental (2019 - 2021).

Nos meses iniciais do ano de 2020, durante a realização das primeiras edições do ano, três novos feirantes foram cadastrados e integrados ao grupo da feira. No entanto, como medida de prevenção e respeitando as determinações de segurança para o período de pandemia a feira foi suspensa em março de 2020, data em que a UFPA paralisou suas atividades presenciais, tal como permanece até o ano vigente.

Com o processo gradativo de retomada das atividades presenciais a UFPA, por meio da PROEX, retomou de forma experimental a feira em novembro de 2021. Através de aplicativo de mensagem (*WhatsApp*), fez-se o convite para as famílias e divulgaram-se os procedimentos sanitários que deveriam ser adotados durante o evento, sendo: distanciamento entre as bancas, consumidores e feirantes, uso obrigatório de máscaras e uso de álcool gel (UFPA, 2021) (Figura 04). Nessa retomada, somente o público interno da UFPA teve acesso aos feirantes, uma vez que o acesso à universidade tem sido restringido por conta da pandemia.

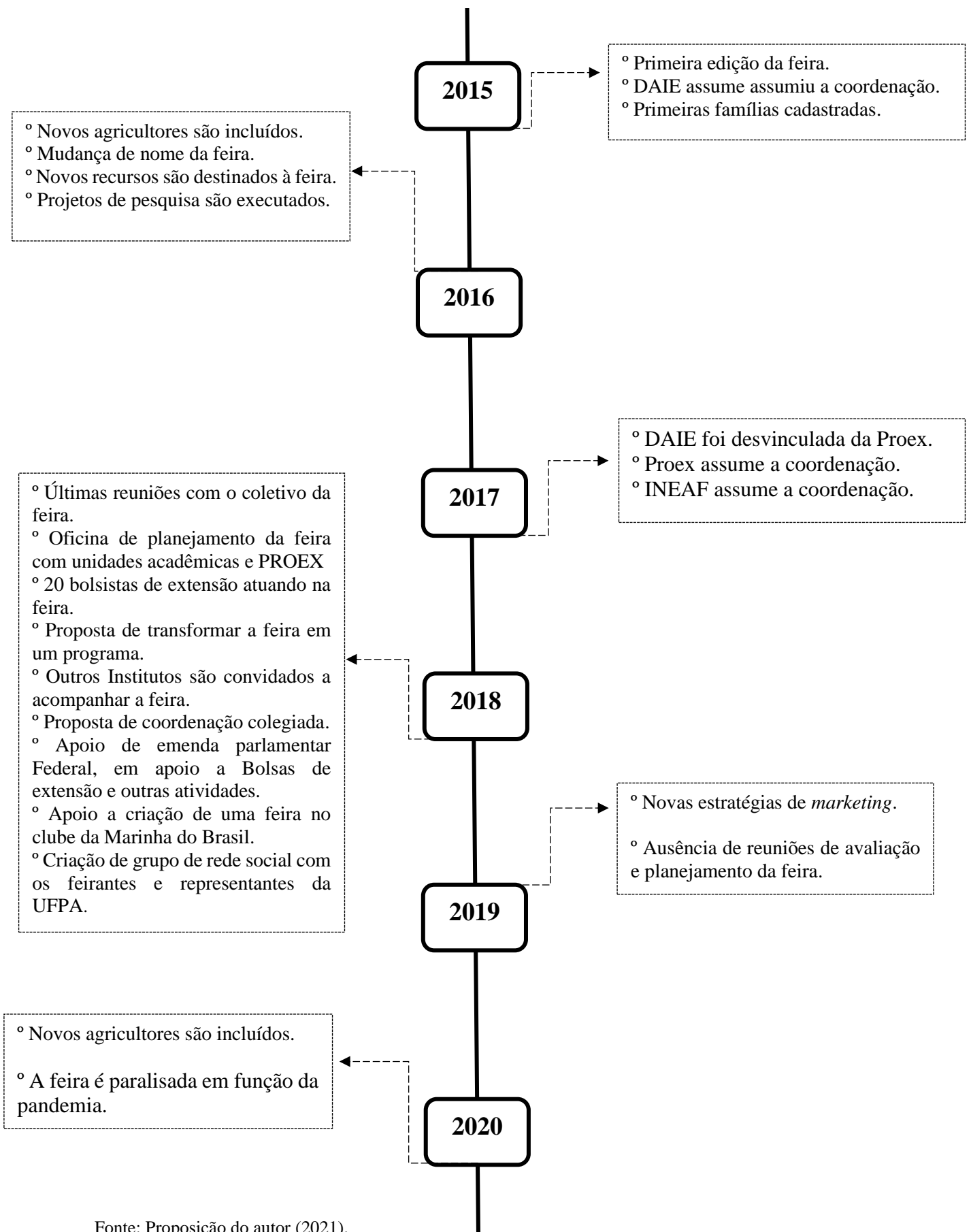
Figura 04 – Vista geral da feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA, em novembro de 2021.



Fonte: Acervo do Autor (2021).

Ao longo de cinco anos de existência, a feira da UFPA foi sendo construída em meio as mudanças organizacionais, recebeu relevantes apoios financeiros, acompanhamento para criação de tecnologias aplicadas ao comércio, entre outras ações que transformaram esse espaço em um laboratório vivo, mas com uma série de fragilidades que implicam no avanço e institucionalização do projeto. Além disso, o protagonismo dos principais agentes nesse processo histórico (agricultores e agricultoras) mostra-se esquecido, assim como o real sentido de construir uma feira em ambiente acadêmico que, nesse caso, acredita-se ser uma oportunidade para contribuir no processo socioprodutivo e garantir mudanças de paradigmas no tocante à organização social das comunidades do campo e dos agroecossistemas em diferentes territórios. Abaixo, apresenta-se de forma simplificada os marcos históricos da feira da UFPA (Figura 05).

Figura 05 – Síntese dos principais acontecimentos percebidos na feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA.



Fonte: Proposição do autor (2021).

#### 4.1.1 Retomando o debate: fortalecimento da feira da agricultura familiar

No início de 2019, o INEAF reforçou, junto à PROEX, o pedido para aprovação no CONSEPE do documento que oficializa a feira como um programa de extensão da UFPA. Convém mencionar as justificativas atribuídas à consolidação deste projeto, como a primeira seria os inúmeros benefícios à diferentes públicos, como as famílias envolvidas na produção e comercialização de alimentos, a comunidade acadêmica da UFPA e os próprios moradores do entorno da instituição (UFPA, 2018), sem contar na importância do próprio espaço como um ambiente acadêmico propício aos educandos que podem fortalecer a dinâmica das pesquisas científicas. Com isso, a feira da UFPA passaria a ser vista não somente como um espaço destinado à comercialização de alimentos e dos produtos, mas como um ambiente de caráter pedagógico, adequado também à formação dos agricultores enquanto sujeitos do campo.

Outro importante elemento diz respeito a quantidade de trabalhos elaborados (artigos, monografias, resumos expandidos) que tem a dinâmica da feira e os sujeitos envolvidos como objeto de estudo, conseqüentemente, torna-se propício à aprendizagem significativa, aconselhável do ponto de vista pedagógico por facilitar a didática de ensino e oferece às pessoas a vivência prática com a realidade (W. S. A, INEAF, 2019).

Essas produções acadêmicas são reflexos dos esforços profissionais de professores e estudantes que, de forma conjunta, buscam captar recursos através de agências financiadoras. Nessa perspectiva, buscou-se sistematizar no quadro 06 alguns dos projetos envolvidos desde o início da constituição da feira, com intuito de visibilizar a importância deste espaço para a formação social, profissional e acadêmica de todos os envolvidos.

**Quadro 06.** Lista dos projetos que estão relacionados com a feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA.

ÓRGÃO FINANCIADOR	UNIDADE	TÍTULO DO PROJETO	VIGÊNCIA
PROEX	ICSA	Programa Integrado Mercado Institucional de Alimentos	2017-2018
PROEX	INEAF	Núcleo de Estudos Agroecológicos Ajuri? NEA Ajuri: Espaço de formação e extensão interdisciplinar para o fortalecimento da Agricultura Familiar amazônica.	2017-2018
PROEX	ITEC	Valorização dos produtos da agricultura familiar através da tecnologia de alimentos.	2017-2018
PROEX	INEAF	Identificação e Mapeamento de Agroecossistemas de Referência em Inovação Tecnológica de Base Agroecológica.	2018-2019

PROEX	INEAF	De onde vem o nosso alimento? Conhecendo e apoiando as famílias feirantes, seus projetos de vida e suas estratégias de produzir para a casa e para a feira.	2018-2019
PROEX	ICSA	Contabilidade para desenvolvimento da agricultura familiar no Estado do Pará- CAF.	2018-2019
PROEX	INEAF	Feirante Agricultor: Impactos da feira da agricultura familiar/Ufpa em sistemas de produção camponeses. (NÃO CONTEMPLADO)	2019-2020
PROEX	INEAF	Adequação das organizações de agricultores familiares para a comercialização de produtos alimentares de qualidade.	2019-2020
CNPq	INEAF	Implantação da Certificação Participativa de Produtos Orgânicos da Agricultura Familiar do Nordeste Paraense-PA.	2019-2020
PROEX	INEAF	O papel da feira da agricultura familiar/Ufpa na valorização e produção de alimentos saudáveis pela agricultura familiar	2020-2021
PROPESP	INEAF	Agricultura Familiar e suas estratégias de inovações tecnológicas para o desenvolvimento rural em contexto da Amazônia Paraense.	2020-2021
PROEX	INEAF	Agricultura Familiar e Pandemia COVID-19: necessária (re) aproximação entre quem produz e quem compra.	2021-2022

Fonte: Pesquisa documental (2021).

O não reconhecimento da feira por parte da universidade implica diretamente na “legalização” da atividade comercial, esse impasse é unânime entre os representantes do INEAF, tal como mostra o trecho de um representante entrevistado:

[...] porque no nosso entendimento somente essa aprovação garantiria uma estabilidade administrativa para os estudantes bolsistas e contribuição dos pesquisadores dos demais centros. Por enquanto, o que é a feira? Se não relativamente um espaço informal, eu diria até institucionalmente... Não me parece além do financiamento da ementa parlamentar. Você não tem um compromisso formal institucional da universidade (P. J. L. S, INEAF, 2019).

Essa instabilidade tem causado progressivamente situações abaláveis para a realização da feira e tem sido percebida por algumas famílias que participam a mais tempo do espaço. Um desses casos pode ser descrito neste construto. Em determinado período, próximo a uma edição da atividade, a PROEX sinalizou que na data estabelecida a feira não poderia acontecer devido à realização de um evento programado no espaço do Vadião (local onde a feira é realizada). Diante da situação, os representantes do INEAF junto com os agricultores precisaram intervir para reaver o ocorrido, o que causou certo desconforto para alguns professores envolvidos diretamente com a feira.

Tal situação, atíça novamente o debate acerca do insucesso da gestão compartilhada proposta às unidades da UFPA, que pode estar associada a falta de prática em fazer uma gestão coletiva entre as unidades acadêmicas e Reitoria, já que algumas faculdades e institutos “culturalmente” realizam ações de forma isolada, o que dificulta o alcance das metas coletivas. Diferentes visões sobre este assunto são destacadas a seguir.

O representante do ICSA infere que impasse para a ampliação e fortalecimento da feira está no modelo da gestão compartilhada e que “muitas das vezes a concepção metodológica acaba não dialogando. Por isso o ICSA acabou se afastando do espaço de feira, porque muitas das metas traçadas a partir do planejamento não foram cumpridas” (A.L.S, ICSA, 2019). Entre essas metas, cita-se o fato de alguns dos alimentos comercializados precisarem receber maior atenção como refrigeração, fato em que a universidade enquanto instituição colaboradora no aspecto da estrutura poderia intervir visando a melhoria para os agricultores.

Por outro lado, a PROEX chama atenção na falta de comprometimento por parte dos coordenadores, os quais poderiam manter, de forma mais ativa, o acompanhamento das famílias. Mas, defende a atuação da atual gestão, e afirma que o conjunto de ações voltada à feira (compra de materiais para os feirantes, organização do espaço, aquisição de ementa parlamentar) trouxe uma proximidade entre universidade e comunidade.

Recentemente a Proex auxiliou contribuiu na iniciativa de expansão do projeto para os municípios de Tucuruí e Altamira. Nesses locais iniciou de forma experimental a inclusão de feiras junto aos agricultores da região. Tal ampliação é atribuída à consolidação da gestão realizada na Feira do *campus*, além de que a gestão “[...] conseguiu impulsionar o programa, performance alcançada em virtude do desempenho da equipe organizadora e da manutenção do contato regular com os produtores da feira [...]” (SOUTO; SILVA, 2019, p. 1641).

Já, na visão dos representantes do INEAF, a gestão compartilhada esbarra nas diferentes concepções acerca do papel da feira, do processo metodológico da gestão não ser unanime entre os coordenadores e, também, a falta de compromisso alguns agentes atuantes.

O exposto reforça a existência da fragilidade na governança administrativa, a carência de espaços para decisões coletivas e definição de políticas institucionais, deixando de incorporar eventualmente a participação de outros parceiros que poderiam contribuir na estruturação da rede de comercialização, variante reforçada no trecho abaixo:

Tivemos várias sugestões de outros espaços que queriam se beneficiar da participação dos agricultores da feira da UFPA pra compor o deles, ou seja, tu tem uma dinâmica, uma demanda social pra esses produtos, mas o fato é que a universidade não consegue equacionar a relação. Administrativamente corta as pernas, porque você não tem nenhum espaço de decisão para, por exemplo,

negociar uma parceria com uma prefeitura, com uma EMATER, etc., isso corta as pernas, porque tu não pode depois fazer crescer a discussão, construir outras ações em prol do coletivo (P.J.L.S, INEAF, 2019).

Situações conflituosas como essas poderiam claramente ser evitadas se a Instituição cumprisse com o papel junto aos agricultores que compõem a feira. Dessa forma, acredita-se que a aprovação do documento que institucionaliza a feira em um programa é necessária para reconhecimento do programa de extensão e assim facilitar inúmeras medidas como o reforço para continuar a captação de recursos destinados às pesquisas, melhorias socioeconômicas para as famílias, estruturas físicas adaptáveis à realidade dos agricultores, criação de novos espaços de comercialização etc., assim como promover a capacitação e formação das famílias para a busca da autonomia econômica e a prática da economia solidária nos Municípios de origem.

A exemplo da importância da institucionalização da feira como um programa, cita-se novamente a experiência da FAF Rural, na qual, a partir da aprovação do projeto pelo órgão responsável, o espaço foi ganhando visibilidade e dando credibilidade para o alcance dos objetivos propostos inicialmente. Esse fato é evidenciado no trecho abaixo.

Após a institucionalização do Projeto por meio de aprovação pela Câmara de Extensão e registro na Pró-Reitoria de Extensão, foram adquiridas, com recursos do orçamento da UFRRJ, dez barracas para disponibilizar aos agricultores. Além disso, a Universidade assumiu o pagamento de duas bolsas de Residência Agrônoma para agrônomos recém-formados que integraram a coordenação da FAF-Rural, os quais organizaram a distribuição das barracas, ajudaram a construir e asseguraram o cumprimento do Regimento pelos feirantes, cadastraram os interessados em participar, dirimiram conflitos e faziam a interlocução entre feirantes e a Universidade e prestavam ATER aos agricultores (SANTOS, 2018, p. 24).

Nessa perspectiva, convém mencionar, também, que a UFPA enquanto órgão com forte influência nas relações extra institucional, poderia assumir um papel não somente de abastecimento interno dos próprios funcionários, mas impulsionar uma relação com as prefeituras dos municípios de origem das famílias, bem como com a própria região de Belém, incentivando iniciativas que busquem aproximação entre consumidor-produtor e a oferta de alimentos com qualidade. Para isso, se faz necessário aprofundar o trabalho de reconhecimento das famílias e suas lógicas de produção agrícola, incorporando aspectos dos agroecossistemas.

É nessa linha ideológica que outras experiências de feiras institucionais ganharam repercussão em diferentes regiões, como o caso exitoso da UFRRJ e UFAM. Como destacado por Santos (2018), a significação social das universidades públicas deve se dirigir para fortalecer as interações com a comunidade de modo a contribuir para o desenvolvimento sustentável, com melhoria da qualidade de vida da população.

Tais afirmações estão em acordo com as propostas citadas por um entrevistado, representante do INEAF, ao afirmar que:

A universidade tem que encarar a feira como um experimento, e agora tem que ampliar já que tá funcionando. Tem que ampliar a história e os passos, pra mim são esses três que te falei: o primeiro é a universidade que tem que colocar “ordem na casa”; depois criar um espaço de governança com representação dos agricultores; e operacionalizar isso como um espaço de discussão pra ampliar, porque demanda existe (P.J.L.S, INEAF, 2019).

Dessa forma, nota-se que a feira é um espaço que ultrapassa os limites comerciais e por meio dela é possível valorizar a dinâmica social dos agricultores, visto que “a feira é sempre um local de troca de conhecimentos, de experiência, de saberes e informação” (W. S. A, INEAF, 2019), e no âmbito extra institucional é conveniente para apoiar e dar visibilidade à agricultura familiar, estimular o associativismo e à inserção de jovens e mulheres em ações dessa natureza, promovendo o fortalecimento dos mercados locais (SANTOS, 2018).

Mesmo com os impasses, a feira continua acontecendo e através dela há interação com a comunidade urbana e rural, mas essa interação ainda é pouco valorizada pela própria universidade devido a não institucionalização da feira como um programa. Por isso, tem-se mais uma justificativa que reforça a importância de dar prosseguimento ao processo regulamentador. Frente a essa transformação, a própria universidade colocaria em prática o princípio da cooperação e desenvolvimento regional, “firmando-se como suporte técnico e científico de excelência no atendimento de serviços de interesse comunitário e das demandas sóciopolíticoculturais para uma Amazônia economicamente viável, ambientalmente segura e socialmente justa.” (UFPA, 2006).

#### **4.2 O cenário para além do comércio**

A feira é realizada no complexo cultural do Vadião (nome dado ao espaço de recreação da universidade), localizado às margens do Rio Guamá, nas dependências do *Campus* Belém (ver figura 01). O evento é realizado quinzenalmente, sempre na primeira e terceira sexta feira de cada mês, com exceção dos meses de férias (janeiro e julho). A última edição do evento aconteceu em março de 2020, dias antes da suspensão das atividades presenciais.

As vendas iniciam às 8h da manhã e terminam às 13h. As famílias começam a chegar antes das 6h para iniciar o descarregamento dos alimentos e produtos. Muitos viajam horas para chegar ao local e assim vão dando vida a mais um dia de feira. Um técnico da PROEX é



responsável em auxiliá-los na organização do espaço, concedendo a cada família uma estrutura básica de mesas, cadeiras e basquetas para expor os produtos aos consumidores (Figura 06).

Cada família ocupa uma banca, e nesse espaço um membro do grupo familiar delega as funções, gerencia a estética do espaço, a ordem da exposição dos produtos, enquanto os outros integrantes (geralmente os homens) são incumbidos de atrair a clientela, descarregar a carga e repor os alimentos à medida que vão sendo vendidos. Vale ressaltar que somente duas bancas observadas na feira mantem pessoas contratadas para ajudar nas atividades, as demais empregam exclusivamente a mão de obra familiar. Quando um membro da família não pode comparecer, é substituído por algum parente (sobrinho, filho, irmão etc.) para que as vendas não sejam interrompidas e assim a família possa participar no dia de feira.

Figura 06 – Vista geral das bancas na feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA.



Fonte: ASCOM UFPA (2019).

A presença feminina nesse espaço reforça a importância da participação da mulher como protagonista nas tomadas de decisão em âmbito familiar, consagrando-se como representante da família e gerenciando as atividades para além da produção agrícola, extrapolando as atividades domésticas, historicamente, atribuída à sua imagem.

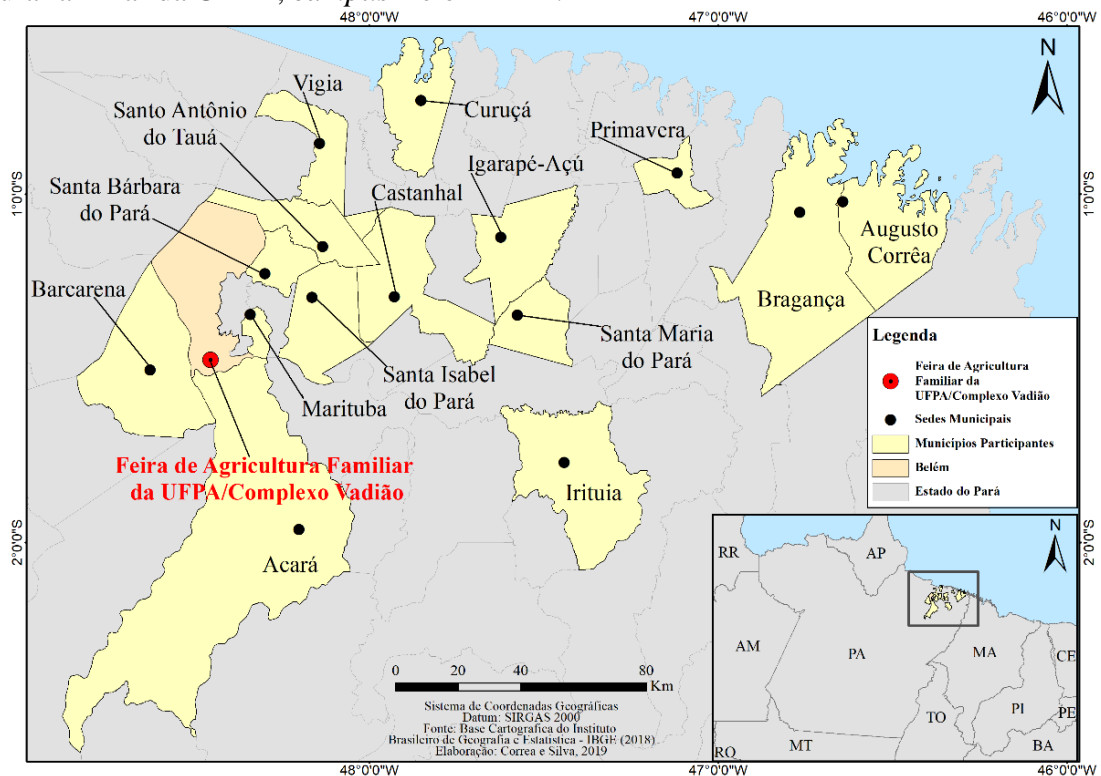
O protagonismo da mulher nos espaços de feiras é uma característica percebida nas feiras temáticas, isso mostra o avanço do empoderamento feminino nas tomadas de decisão, participação e autonomia da mulher como pessoa integrante do grupo familiar (SANTOS, 2018; BUENAVENTURA RAMIREZ, 2019). Para Oliveira (2004), a participação de outros familiares, geralmente, os mais jovens, inicia-se para dar apoio aos pais, e, posteriormente, torna-se mais intensa já que a atividade desperta o interesse dos jovens, compulsando a prática

da economia solidária e distorcendo parâmetros postos pela lógica capitalista. No caso da feira da UFPA, a participação de familiares na banca reflete uma das características da agricultura familiar Amazônica, a qual tem a família como parte essencial do processo socioeconômico, e nesse caso, pode-se associar ao princípio da autonomia, citado por Ploeg (2008).

O último levantamento de informações mostrou que a feira comporta 36 famílias, mas o cruzamento de informação (registros de frequências e cadastros) demonstra que ao longo de cinco anos de existência foram mais de 60 participantes que mantiveram vínculo com o espaço, seja em algumas edições, uma única vez ou que participam frequentemente, nesse caso os próprios agricultores se autodenominam como “novatos, antigos e veteranos”, como forma de indicar as famílias com maior grau de atuação no projeto.

Essas famílias são oriundas de 14 diferentes municípios do Pará, localizados na região metropolitana e nordeste do Estado, sendo: Acará, Augusto Corrêa, Barcarena, Bragança, Belém, Santo Antônio do Tauá, Santa Isabel do Pará, Curuçá, Igarapé Açu, Irituia, Primavera, Santa Bárbara do Pará, Vigia de Nazaré, e mais recentemente um agricultor de Castanhal (Figura 07). A maioria é residente nos municípios de Santa Isabel, Irituia e Santa Bárbara, distante 35 km, 40 km, e 180 km, respectivamente, de Belém.

Figura 07 – Mapa com os municípios de residência das famílias que participam da feira da agricultura familiar da UFPA, *campus* Belém – PA.



Fonte: Corrêa e Silva (2019).

Desde a primeira edição da feira, os agricultores e agricultoras foram estabelecendo vínculos de amizade com os consumidores que, frequentemente, retornam ao espaço para novas compras. Tais relações não se restringem somente entre o consumidor e agricultor, mas também são existentes entre os agricultores. Muitos, antes mesmo de participar da feira, já se conheciam de outras situações vivenciadas, seja de outra feira, de uma formação compartilhada ou por serem vizinhos de assentamento. Mas há, também, aqueles que estabeleceram vínculos de amizade a partir da convivência e interpretam o espaço como uma oportunidade de “ganho pessoal”, um ambiente para se fazer amizade e fortalecer a troca de conhecimentos em prol de determinada causa do grupo, além de possibilitar a troca de saberes tradicionais e técnicas socioprodutivas. Assim, sublinha-se que, em dia de feira, o complexo do vadião se transforma em um grande festejo para os agricultores. Essa sensação de contentamento foi expressa por uma agricultora em forma de poema, onde se comprova que a partir deste espaço, também, é possível se resgatar os valores artísticos do público envolvido.

Figura 08 – Poema em homenagem à feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA.

#### POEMA PARA A FEIRA

Na Feira da UFPA, tudo de bom acontece  
 Há interação com o público e o produtor na TV aparece  
 A alegria é presente, a tristeza vai embora  
 É gente atendendo gente  
 Quando não dá para ir, a gente fica triste e até chora  
 A organização é pai d'égua: E não há nenhuma distinção  
 Quem vende isso ou aquilo  
 O que vale é a emoção de vender com qualidade  
 Produto sem atravessador  
 Tudo agro ecologicamente plantado e colhido diretamente do produtor.

Olha o jambu chegando  
 A banana amarelando  
 A bike som divulgando, o produtor vai mandando  
 Desce cesta, monta mesa, arruma produto, abre isopor  
 É polpa, é queijo, é a manteiga  
 Doce de leite seu doutor  
 O frango já vem preparado  
 O tucupí está na garrafa, cozido ou feiro molho  
 Pra apimentar o pirão escaldado

Abacaxi de Barcarena  
 Hortaliças de São Miguel  
 Irituia com suas polpas e frutas  
 Santa Maria com seu mel  
 Augusto Corrêa tem a farinha  
 E me perdoe quem eu esqueci  
 Mas povo amigo, produtores, tudo de bom tá aqui  
 Organização nota mil, que nomes não dá pra citar,  
 Meu abraço apertadinho  
 Quando termina uma feira  
 A saudade é tremenda  
 Até a feira que virá.

Fonte: ASCOM UFPA (2015), elaborado por Ana Alice – Agricultora familiar.

Essas observações sociais interagem conforme o mencionado por Godoy e Anjos (2007). Para os autores, além da interação na feira, há a possibilidade da troca entre os conhecimentos do meio rural-urbano, bem como dos próprios agricultores inseridos em diferentes localidades, fato que dificilmente acontece na dinâmica de canais curtos individualizados. Além disso, prevalece, nesses espaços, o ato da cooperação entre os comerciantes agricultores, percebido pelos autores como prática comum em feiras agroecológicas.

Apesar dessa construção sociocultural ter sido estabelecida, é preciso mencionar que a feira ainda perpassa por uma série de empecilhos que afeta diretamente os feirantes. Nesse contexto, os entrevistados chamam a atenção para a atual necessidade de maior divulgação para os consumidores quanto aos dias de realização da feira. As famílias inferem que o quantitativo de público frequentador tem se tornado instável, esse fato está relacionado à divulgação realizada na UFPA. Os agricultores mais antigos relatam a mudança dizendo que

Antigamente a feira era mais cheia, às vezes, não tinha espaço pro pessoal andar, mas agora tem dia que ela da boa, tem dia que da fraca. Isso é ruim pra gente, porque a gente tem que voltar com produtos pra casa (A.R.A, AGRICULTORA, 2019).

Em muitos casos, isso representa prejuízo, principalmente, pelo fato dessas famílias não residirem em Belém, tendo que arcar com custos logísticos. O empecilho da falta de divulgação da feira no espaço da UFPA, é mais bem descrito no relato de duas agricultoras, ao afirmarem:

O que eu acho que precisa melhorar aqui na feira é a questão de divulgação né? precisa melhorar. Melhorar também as instalações, tendo que colocar no lugar com maior visibilidade para feira. Aqui a gente acaba perdendo cliente: primeiro porque muita gente não entra na UFPA, não sabem quando é o dia da nossa feira. Eu acho que poderia ser colocado em um local pra melhorar a visibilidade (R. M. M. A, AGRICULTORA, 2019).

O pessoal não sabia que tinha feira, se não tinha trazido dinheiro. É assim a dificuldade que a gente tem, aí nós estamos com um projeto aí pra nós mesmo mandar fazer o cartaz e pagar uma pessoa pra pôr a data, porque a data desse ano eu já tenho...até em dezembro já tem as datas já tudinho né, aí o ano que vem eu não sei, Deus é quem sabe né... (A. R. R. A, AGRICULTORA, 2019).

A PROEX, através de correio eletrônico, socializa uma proposição de datas para os demais institutos e cada qual propõe alterações ou demonstra aceite. Essa gestão de informação é repassada para os agricultores através de aplicativos de mensagens (*WhatsApp*) que, muitas vezes, não são eficazes, visto que nem todos participam das tomadas de decisões. Em alguns casos, as datas são alternadas para outro dia da semana, geralmente, em função de datas

comemorativas que ofertam maior público consumidor, por exemplo, mês em comemoração ao dia das mães, semana santa, cívrio de Belém e festas de final de ano.

Este cenário difere da primeira edição, realizada em 2015, onde foi constatado que a divulgação contribuiu bastante para o sucesso de público e, conseqüentemente, impulsionou as vendas e aprovação dos consumidores que frequentaram o local, demonstrando a importância do *marketing* como meio de fortalecimento da atividade e a ausência dessa ação é, também, um empecilho para a comercialização em outras feiras orgânicas na cidade de Belém (SANTOS et al., 2017).

A proposta de duas edições da feira ao mês foi uma das mudanças percebidas no último ano. Esta ação foi proposta por parte dos agricultores familiares, justificando que haveria demanda de público e assim poderiam melhorar o quantitativo de alimentos comercializados. Mesmo com o plano de trabalho e a intensificação das redes de comunicação (*facebook*, grupo de *WhatsApp*, cartazes e *fliers*) por parte da direção da feira, o alcance dos consumidores não tem sido satisfatório para os feirantes.

Novamente traz-se à tona os impasses no processo de funcionamento da feira e, principalmente, a fragilidade acerca do protagonismo das famílias nas tomadas de decisões.

Entende-se que as ações que envolvem os feirantes devem ser dialogadas de forma coletiva, dando-se voz e exercício da democracia aos agentes envolvidos no projeto de extensão. Esse processo poderia ser legislado via regimento, a exemplo da experiência da FAF Rural (SANTOS, 2018), fato, ainda não percebido na feira da UFPA, que quando comparada a outras experiências a nível institucional, se mostra frágil em termos organizacionais.

#### 4.2.1 Quem chega vende: grupos e outras redes comerciais das famílias

A iniciação das famílias no espaço da feira da UFPA não segue critérios fixos. De maneira geral, a forma mais comum é o pertencimento a alguma representação social como as cooperativas, associações e/ou movimentos sociais. Há casos percebidos de famílias que tiveram conhecimento da feira através da divulgação nos meios de comunicação ou em outras feiras da cidade, procuraram os responsáveis, manifestaram interesse, fizeram o cadastro disponibilizado via Proex e iniciaram a participação. Esse foi o caso de uma comerciante de mel que ingressou, em 2018, através da indicação da irmã, estudante da UFPA, que frequentava o ambiente como consumidora.

Um dos entrevistados destaca que o início das vendas veio após o convite de um professor que desenvolvia um projeto de pesquisa e incubação na comunidade, e detectou a carência de redes que as famílias tinham para comercializar seus produtos. Essa família reside em Santa Isabel do Pará, participa, desde 2015, da feira e disseminou a ideia para outras comerciantes que fazem parte da associação, e hoje possuem a própria banca na feira.

Também, através de convite uma agricultora, integrante da Pará Orgânico, que participa, desde 2017, relatou que antes contribuía com a mãe nas vendas de plantas ornamentais e produtos fitoterápicos em outras feiras, e diante do convite do mesmo professor decidiu “conhecer” o espaço, e percebeu um grande potencial para impulsionar as vendas. Outro caso refere-se a família, residente no município do Acará e participantes desde 2018, que conheceu a feira por meio da participação em uma exposição que acontecia no IFPA - Castanhal. Na ocasião a agricultora expos chocolate artesanal, produto que comercializa como fonte de renda do estabelecimento agrícola. Sua chegada à UFPA é relatada:

[...] eu cheguei aqui nessa feira, eu estava em Castanhal expondo, na feira de lá, no Ifpa... foi um convite feito por uma professora de lá... foi com ela que eu cheguei lá, ela teve na nossa localidade, onde eu moro, ela conhece lá. Ela lançou o convite pra mim ir pra lá e de lá, no meu último dia de feira já tava um rapaz que tava procurando por quem era que gostaria de participar aqui...que me lançaram o convite em agosto de 2018, aí outubro tava aqui, aí agora tá fazendo um ano (V. L. S. B, AGRICULTORA, 2019).

Entre 2017 e 2018, após a reunião coletiva com representantes de diferentes institutos, o INEAF concretizou o convite para famílias que já mantinham contato prévio com alguns professores da universidade e novos integrantes foram inseridos no espaço da feira. Essa parceria resultou em uma forte reanimação da feira, pois, nesse período, havia poucos agricultores compondo o espaço, como já destacado anteriormente.

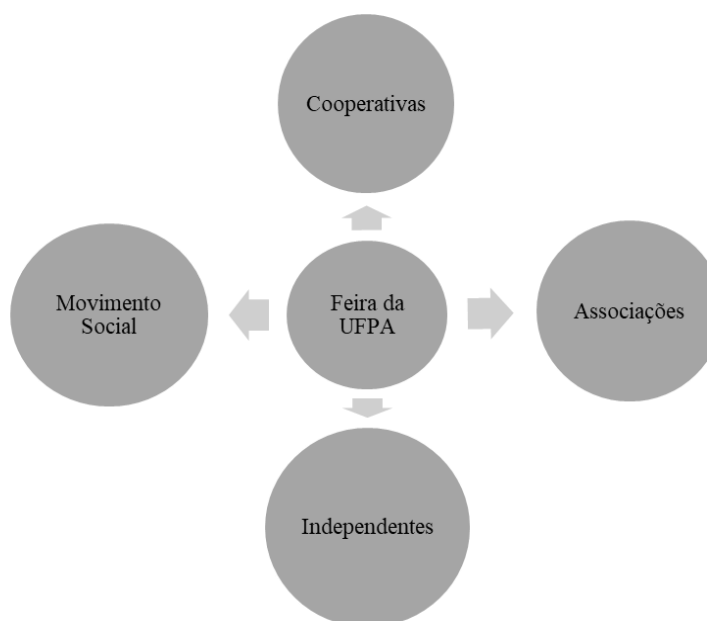
No processo de observação não participante, no período da coleta de dados, foi possível presenciar a inclusão de três novos integrantes, os quais participaram das duas primeiras edições de 2020. A primeira família é representada por uma agricultora que procurou a coordenação do espaço para comercialização de hortaliças, os ganhos seriam destinados para contribuição de uma casa de caridade locada em Benevides. A representante teve conhecimento do espaço através da indicação de outros agricultores, que já participam há mais tempo, e foi informada que poderia participar desde que procurasse a coordenação e realizasse o cadastramento.

A segunda agricultora já participa de outras feiras de produtos orgânicos em Belém, comercializa produtos fitoterápicos, cosméticos naturais e, através de convite de consumidores, optou em conhecer a feira da UFPA.

Por fim, a família mais recente ingressou na feira para comercializar, principalmente, derivados do leite, que segundo o representante é o “forte” de seu estabelecimento. Essa família reside no Assentamento João Batista II, em Castanhal-Pará, e mantém parceria através de projetos de pesquisa com o INEAF que busca contribuir em aspectos técnicos produtivos para fortalecimento da produção de forragens destinada à alimentação bovina. O agricultor relata que há bastante tempo pretendia se inserir neste espaço e que decidiu conhecer para avaliar a viabilidade, mas, principalmente, encarar o espaço como uma alternativa de driblar os atravessadores e assim agregar valor aos produtos.

Esse processo individualizado de ingresso no canal de comercialização reflete diretamente a ausência da gestão e atuação coletiva no espaço. Além dos casos descritos, a feira caracteriza-se por abranger diferentes grupos sociais, com dinâmicas socioprodutivas distintas, o que torna o espaço diversificado culturalmente. Os feirantes identificados foram enquadrados em quatro grupos sociais, representados no esquema abaixo (Figura 09).

Figura 09 – Grupos sociais envolvidos com a feira da agricultura familiar da UFPA, *campus* Belém – PA.



Fonte: Proposição do autor (2021).

Parte dos entrevistados pertencem ou pertenceram a mais de um grupo, esse é o caso de famílias que fizeram parte do MST e, atualmente, se apresentam como membros da associação do assentamento que residem. Há, também, o grupo de agricultores independentes, ou seja, aqueles que não se integram a nenhuma representação e buscam divulgar o trabalho desenvolvido através da identificação do estabelecimento onde são produzidos os alimentos,

estes também revendem produtos que na essência não são produzidos em seus respectivos lotes. Na integra, as organizações sociais identificadas com vínculo na feira são:

- **PARÁ ORGÂNICO** - Associação dos Produtores Orgânicos do Pará.
- **APAC** - Associação Parque dos Aracuans do Cafezal.
- **APROCAMP** - Associação de produtores e produtoras rurais da comunidade de campo limpo.
- **AACBJ** - Associação de agricultores da comunidade Boa Jesus.
- **AACJN** - Associação de agricultores da comunidade João Novo.
- **AMIGA** - Associação de criadores e criadoras de abelhas melíferas do município de Igarapé Açu.
- **ACAJOB** - Associação Comunitária do Assentamento João Batista II.
- **COOPRIMA** - Cooperativa de trabalho dos agricultores familiares do município de primavera.
- **D'IRITUIA** - Cooperativa agropecuária dos produtores familiares Irituienses.
- **COOMAC** - Cooperativa Mista Agroaquícola de Curuçá.
- **MST – PA** - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

Através dessas representações, as famílias passaram a comercializar na feira, seja por incentivo dos companheiros ou como forma de representação da cooperativa ou associação, e assim manter o vínculo com a universidade, por exemplo, as famílias da cooperativa D'Irituia. Normalmente, nem todas se fazem presente, mas duas ou três cooperadas sempre representam a cooperativa, levando produtos de seus cooperados para ser comercializado. Ao final, o valor é repassado para as mesmas e uma parte é destinada como porcentagem da cooperativa, assim como os custos com deslocamento. Essa é uma realidade percebida, também, com as famílias de Santa Isabel que fazem parte de diferentes assentamentos e, em função do grau de parentesco, acabam comercializando os alimentos uns dos outros, mantendo as relações de fraternidade e colaboração entre o grupo.

Esse processo cooperativo pode ser inserido no contexto da economia solidária e soma esforços para fortalecer a autogestão dos grupos familiares. As práticas colaborativas, seja no espaço da feira ou fora dela, reforçam a importância da organização comercial em redes (BUENAVENTURA RAMÍREZ, 2019). A contribuição instantânea entre os feirantes é fruto de uma educação popular (OLIVEIRA, 2004), como reforça Godoy (2005, p. 190) ao afirmar que “na feira livre ecológica é corriqueiro aos feirantes, atender os consumidores da banca do vizinho, vender os produtos do colega, fazer o troco e colocar o dinheiro na gaveta deste”. Essa relação de confiança construída reflete o grau da organização nas comunidades onde essas famílias estão inseridas e trazem à feira o mesmo sentimento colaborativo.



Além disso, as cooperativas desempenham um importante papel social, enquanto pessoa jurídica, no sentido de captação de chamadas para participação em programas institucionais como PAA e PNAE, sendo uma alternativa para ampliar as vendas e estender as redes de contatos. Desse modo, a prática do cooperativismo é fortalecida em resposta às dificuldades socioeconômicas como um fator de inclusão social (CRÚZIO, 2005). Logo, as cooperativas configuram-se como uma alternativa para inclusão nos mercados locais, ampliando as possibilidades da participação justa no ganho comercial (OLIVEIRA, 2015) de forma equitativa e igualitária, uma vez que busca promover a agregação de valor à produção agrícola, garantido maior produtividade e rentabilidade às atividades desenvolvidas por seus membros.

Além da feira da UFPA, as famílias participam de outras redes de comercialização incorporadas na lógica dos CCC. A maioria são feiras temáticas, idealizadas na perspectiva de oferecer alimentos de qualidade e produzidos de forma agroecológica. Algumas dessas feiras são realizadas nos municípios onde as famílias residem (Quadro 07).

**Quadro 07.** Relação de outras feiras temáticas que as famílias agricultoras comercializam os produtos.

LOCAL	MUNICÍPIO
Feira de orgânicos da Praça Batista Campos	Belém
Feira de orgânicos da Praça Brasil	
Feira de orgânicos da Igreja Messiânica	
Feira orgânica do shopping bosque grão Pará	
Feirinha verde do parque shopping	
Feira do Polo Joalheiro	
Feira de agricultura familiar da Universidade Federal Rural da Amazônia	
Feira de Agricultura familiar do parque zoobotânico Emilio Goeldi	
Feira de agricultura familiar na secretaria de meio ambiente e sustentabilidade SEMAS	
Feira do agricultor no parque do Utinga	
Feira estadual da reforma agrária do MST	
Feira “da 25” de setembro	
Feira no condomínio <i>Bella Citta</i>	
Feira do Entroncamento	Santa Isabel
Feira independente	Vigia de Nazaré
Feira do Pau D´arco	Santa Bárbara

Fonte: Pesquisa de Campo (2019).

Sobre a participação em diferentes Circuitos Curtos de Comercialização, Wilkinson (2008) reforça que novos mercados são possíveis de serem construídos para agregar a agricultura familiar, para isso é preciso traçar estratégias que valorizem a tradição, a natureza, estratégias voltadas ao artesanal e ao conhecimento local. Schmitt e Guimarães (2008) apontam alguns potenciais percebidos através da participação em programas institucionais, sendo os principais: o incentivo a outras iniciativas de CCC, o fortalecimento das redes das organizações sociais como associações e cooperativas, o diálogo entre os agentes mediante a um processo de produção de base agroecológica, e o fortalecimento e perspectivas de mercado para a agricultura familiar através da disponibilização de alimentos. Fatos associados ao exposto neste trabalho.

Ainda sobre a chegada e permanência das famílias à feira, nota-se, através dos relatos, que há uma variação no tempo de participação no projeto. Os registros apontaram que os feirantes mais antigos moradores de municípios como Barcarena, São Miguel do Guamá, Salinas e Igarapé-Açu deixaram de frequentar a feira da UFPA.

Uma das possíveis explicações para tal situação, refere-se ao fato de as famílias apresentarem determinado grau de organização na busca por novos canais de comercialização, mais acessíveis e instaurados no próprio território de origem, dessa forma deixam de frequentar a feira da UFPA por ser importuna e/ou menos lucrativa. Para essas famílias, a feira pode ser vista como um ambiente para além de um espaço de comercialização, mais uma oportunidade para formação e troca de conhecimentos, ensejando dessa forma constituir novos caminhos e captar propostas para participação em programas institucionais.

Outra possível resposta pode estar relacionada ao fator logístico, conforme relato dos entrevistados ao afirmarem que o deslocamento do estabelecimento até o *campus* da UFPA é um empecilho em termos de custos. Apesar da feira ser atrativa e propícia para a divulgação do trabalho efetuado no campo, a insegurança financeira torna-se determinante.

Assim, alguns agricultores buscam estratégias para tentar driblar os gastos, como menciona um agricultor quando questionado se já havia tido prejuízo na feira.

Da forma que se tem trabalhado sim, pois a gente não vem a Belém somente para vender já vem por algum outro motivo, aí aproveita e já participa, então não tem muito gasto com logística, mas se for o caso de vir somente para vender na feira talvez não compense (A. C. O. R, Agricultor, 2019).

A distância, também, é apontada como um dos motivos da instabilidade na frequência das famílias, pois essas pessoas quando não possuem condução própria necessitam fretar um transporte com custos entre R\$150,00 a R\$250,00 dependendo da localidade, e nem sempre há garantia de retorno financeiro com as vendas feitas no dia de feira. Essa é uma desvantagem

das vendas diretas em CCC, visto que “[...] na participação de feiras se têm o risco de que as vendas não compensem o investimento feito para o transporte dos produtos” (BUENAVENTURA RAMIREZ, 2019, p. 67), mas como vantagem proporciona o fortalecimento das relações comerciais, institucionais e a prática do comércio justo entre os envolvidos.

Por outro lado, um segundo grupo de famílias participa e comercializa alimentos e produtos desde as primeiras edições realizadas em 2015, sendo essa característica atribuída às famílias de Santa Izabel, Santa Bárbara e Irituia, municípios mais próximos de Belém; outras comparecem ocasionalmente em períodos sazonais nas chamadas “alta da feira” ou em datas comemorativas.

Essa ação tem chamado atenção dos agricultores por impulsionar determinada competitividade nas vendas, pois há desconexão nos preços atribuídos aos alimentos por parte dos agricultores “visitantes”. Uma participante mais antiga exemplifica a necessidade da definição de regras para a inclusão de novos participantes, essa relata que “para o ingresso das famílias deveria haver algum critério, uma vez que existem famílias que estão presentes sempre na feira, toda feira, e não é justo que venha alguém um ou dois dias, venda e vá embora” (S. L. C, agricultora, 2019).

Novamente, esse fator implica diretamente na falta de espaços para tomada de decisões e diálogos. Certamente, a imagem construída em torno da feira da UFPA é a de um espaço desconectado do real objetivo quando se foi criado o projeto ou nas palavras dos agricultores “uma feira sem regras, badernada!”. Acredita-se que o caminho sobre esses empecilhos não é determinar regras de proibição, visto que a feira da UFPA deve ser um espaço acolhedor, incentivador e propício para uma (trans)formação socioeconômica, produtiva e cultural, mas a instauração e envolvimento do coletivo em momentos de decisão, como em assembleias, são essenciais para visibilizar o projeto e torná-lo eficaz.

Contudo, a feira continua sendo popularizada por famílias mais antigas e na dinâmica da chegada de novos comerciantes. De forma geral, há percepções deste espaço ser conveniente à divulgação dos alimentos produzidos pela agricultura familiar de forma agroecológica. Como exemplo, cita-se a realidade de uma família que mantém residência em Belém, porém o estabelecimento agrícola situa-se em Bragança, nordeste do Pará, distante cerca de 300 km da UFPA. Essa feirante ingressou na feira em 2018, principalmente, para divulgar a produção de mel, visto que em Bragança prevalece a comercialização de farinha e pouco se conhece sobre a atividade apícola realizada de forma agroecológica no estabelecimento (Figura 10).

Para tanto, essa agricultora viu na feira da UFPA um espaço propício para divulgar não somente os produtos agroecológicos, mas também ampliar a rede de contatos de produtores dentro da mesma lógica produtiva, assim como trocar experiência e informações tanto com os consumidores quanto outros produtores.

Figura 10 – Mel comercializado na feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém-PA.



Fonte: Acervo do autor (2021).

#### 4.2.2 Bons alimentos, ótimos consumidores!

No campo das relações sociais construídas a partir da feira, os consumidores, também, são agentes protagonistas e motivadores aos olhos dos agricultores. Essa relação de fraternidade foi constatada nas primeiras imersões em campo, quando, nas observações indiretas, se observou gestos de simpatia na negociação de preços que gera um “pequeno” desconto ou quando esses consumidores eram presenteados com uma fruta a mais, o que geralmente garante o retorno na feira seguinte.

Esses consumidores acabam retornando a banca com o sentimento de satisfação do consumo, mas também por se sentirem satisfeitos com a qualidade do produto, e assim indicam para outros consumidores que vão à feira para comprovar a propaganda. Uma agricultora enfatizou um caso interessante que resume o descrito.

*Na edição especial da feira de outubro/2019, véspera do Círio de Belém, um cliente fidelizado a ela questionou o valor de um produto. Percebendo que o valor estava um pouco acima das demais bancas indagou a mesma, dizendo que não iria mais consumir seus produtos,*

*porque os preços deveriam ser os mesmos em todas as bancas. Diante da situação, após ter explicado ao cliente que não se tratava de um de seus produtos e sim de outra banca do mesmo assentamento, decidiu acompanhar o preço das demais bancas. O cliente então deixou o espaço indignado. Na feira seguinte retornou à sua banca, se desculpando pelo ocorrido e disse que sempre gosta de consumir seus produtos porque já tem a garantia da qualidade, e que sempre recomenda. O consumidor aconselhou à agricultura que sempre deixasse os preços de acordo com as demais bancas por que assim todos sairiam ganhando (DIÁRIO DE CAMPO, 2019, grifo do autor).*

No comparativo entre as feiras convencionais e feiras agroecológicas, feito por Godoy (2005), constatou-se que o grau de relação entre os consumidores da feira temática é muito mais intenso do que as convencionais. De certo modo, nas feiras convencionais, há uma corriqueira visitação motivada pela necessidade de produtos mais baratos e imediatos, sem atributo de qualidade e origem. Já, em feiras onde o próprio produtor é o comerciante há maior sensibilidade e envolvimento com quem chega para comprar.

Frente ao exposto e considerando que os consumidores, também, integram o projeto da feira, destaca-se dois importantes levantamentos referente ao perfil desse público, pois há uma singela inquietação acerca de quais são as motivações que leva esse público a consumir os produtos, especificamente, comercializados na feira da UFPA, ademais esses levantamentos ajudam a caracterizar a feira e preencher lacunas neste construto.

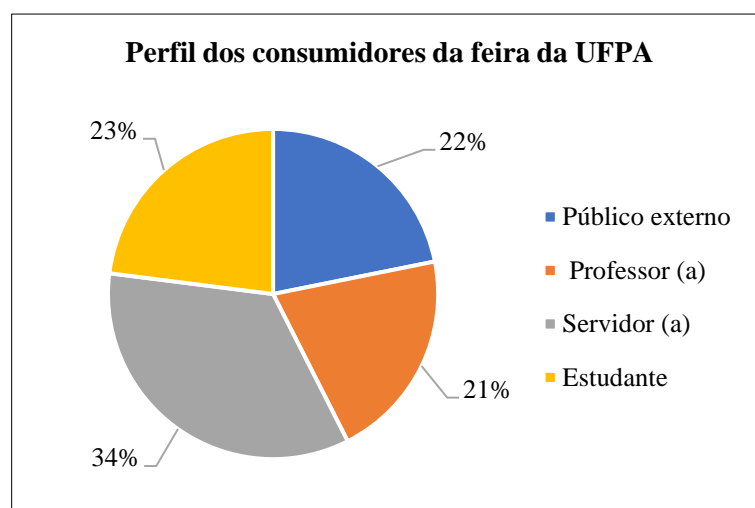
Assim, em 2018, estudantes associados ao ICSA executaram um levantamento para traçar o perfil dos frequentadores e constataram que, em dias com maiores movimentos, o número de visitantes chega a 700 pessoas, sendo mais de 40% moradores de bairros do entorno da universidade. Esses consumidores em sua maioria são atraídos por conta da familiaridade com os comerciantes/agricultores e pela necessidade do consumo de alimentos saudáveis (A. L. S., ICSA, 2019).

Em uma segunda análise, o INEAF diagnosticou que esse público é composto, na maioria, por mulheres com idades acima de 50 anos, que têm suas origens em municípios de diferentes regiões do estado do Pará e que possuem alguma relação com o meio rural. Acredita-se que esses consumidores buscam a feira com intuito de adquirir alimentos que remetem determinadas memórias afetivas relacionadas à vida no campo. Deve-se, também, a troca de experiências e saberes, no compartilhamento de receitas tradicionais, chás, informações nutricionais dos produtos etc. (GODOY, 2005).

Ainda sobre o perfil, os consumidores foram classificados de acordo com o Gráfico 01. Nota-se que a maior parte dos entrevistados mantém alguma relação com a universidade, mas

de certa forma um número relevante de consumidores constitui o público externo à universidade. Estes por sua vez, são informados sobre as datas das feiras através da divulgação de cartazes e pelos próprios feirantes.

**Gráfico 01.** Perfil dos consumidores da Feira da Agricultura Familiar da UFPA, campus Belém – PA.



Fonte: Pesquisa documental (2021).

O público frequentador de feiras temáticas (agroecológicas, orgânicas, agricultura familiar) apresenta um perfil semelhante, sendo a maioria com bom grau de poder aquisitivo que buscam a feira para o consumo de alimentos saudáveis e com qualidade. Nas experiências em espaços institucionais, há maior participação do público da própria instituição (professores, técnicos administrativos, estudantes), mas à medida que a experiência vai ganhando visibilidade e intensificando as ações, o público externo também é envolvido (SANTIAGO, 2017; SANTOS, 2018; BUENAVENTURA RAMÍREZ, 2019).

Além da feira da UFPA, os entrevistados frequentam outros espaços de comercialização e afirmaram que consomem diferentes alimentos, de acordo com a disponibilidade e variação dos preços, além disso buscam as feiras por conta da variedade de alimentos que, muitas das vezes, é limitada nos hipermercados da capital.

Vale frisar que estes mesmos consumidores classificaram a feira como um bom espaço para compras, também, frequentam o ambiente motivados pela praticidade, boa qualidade dos produtos orgânicos assim como a possibilidade de ajudar os agricultores familiares. Entre as sugestões para melhorar a feira, os mais relatados foram: realizar o evento pelo menos uma vez ao mês, aumentar a variedade de produtos, melhorar a divulgação e o horário em que esta ocorre.

#### 4.2.3 Na feira tem de tudo!

Ao longo de quase cinco anos de existência, esse espaço tem se caracterizado, também, pela oferta diversificada de alimentos, fazendo com que o ambiente seja reconhecido por muitos consumidores como um espaço de “fartura” ou “abundância”. Nas primeiras edições, os alimentos oferecidos eram concentrados em dois grupos de consumo: as olerícolas (hortaliças e verduras) e as frutíferas regionais. Em função do crescimento da quantidade de famílias participantes, a feira foi sendo enriquecida e passou a ofertar outros alimentos *in natura*, produtos processados e beneficiados, produtos fitoterápicos, artesanatos, plantas ornamentais e medicinais, adubo orgânico, entre outros.

Nessa perspectiva, o levantamento, realizado nos meses iniciais de 2020, identificou mais de 80 (oitenta) itens e produtos que são comercializados na feira da UFPA, os quais foram enquadrados em quatro grupos: Hortaliças e legumes (grupo 1); frutas, raízes e leguminosas (grupo 2); alimentos processados e beneficiados (grupo 3); e outros produtos (grupo 4), (Quadro 08). Em cada um, é possível perceber os alimentos e produtos que sempre são ofertados na feira, considerando o período de análise.

Dentre as hortaliças (grupo 1) as principais são: couve (*Brassica oleracea* L.), chicória (*Cichorium intybus* L.) cheiro verde (*Coriandrum sativum* L.) e salsa (*Petroselinum sativum* L.). No grupo 2, identificou-se o limão (*Citrus limonium*), macaxeira (*Manihot esculenta* Crantz.), mamão (*Carica papaya* L.), castanha do Pará (*Bertholletia excelsa* Bonpl.); Cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* W.S) e urucum (*Bixa orellana*). Já nos grupos 3 e 4, encontra-se o biscoito de castanha, farinha lavada, queijo, mel, ovos de galinha caipira, frango caipira, adubos, peixe, e o tucupi<sup>9</sup>. Essa variedade de alimentos percebidas no espaço de comercialização reflete as características socioprodutivas de cada agroecossistema familiar onde prevalece, em alguns casos, a valorização da biodiversidade local, fato também constatado por Buenaventura Ramírez (2019), no estudo de uma comunidade rural no município do Acará – PA.

---

9 A manipueira ou tucupi é o líquido residual gerado na agroindústria da mandioca, no momento da prensagem da massa ralada para a confecção da farinha-de-mesa, ou extração do amido. O líquido é bastante consumido em pratos típicos da região e faz parte da culinária do Norte do Brasil (FERREIRA et al., 2001).

**Quadro 08.** Alimentos e produtos comercializados na feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA, no período de janeiro a março de 2020.

<b>Principais alimentos e produtos comercializados na feira da agricultura familiar da UFPA.</b>					
<b>HORTALIÇAS E LEGUMES</b>		<b>Edições da feira entre Janeiro e Março de 2020</b>			
<b>Nome científico</b>	<b>Nome comum</b>	<b>1ª/2020</b>	<b>2ª/2020</b>	<b>3ª/2020</b>	<b>4ª/2020</b>
<i>Cucurbita moschata</i> Duch	Abóbora	x	x		x
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	x	x	x	
<i>Lactuca sativa</i>	Alface americana		x		
<i>Allium schoenoprasum</i> L.	Cebolinha	x	x		x
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Cheiro-verde	x	x	x	x
<i>Cichorium intybus</i> L.	Chicória	x	x	x	x
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	x	x	x	x
<i>Spinacea oleracea</i> L.	Espinafre			x	
<i>Mentha spicata</i> L.	Hortelã				x
<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K.Jansen	Jambu	x		x	
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço			x	x
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	x			
<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Mastruz	x			
<i>Cucumis sativus</i>	Pepino	x	x		
<i>Pimienta Acemira</i>	Pimentinha	x	x		x
<i>Capiscum spp.</i>	Pimenta de cheiro	x	x		
<i>Abelmoschus esculentus</i>	Quiabo	x	x		x
<i>Brassica oleracea</i> L.	Repolho				x
<i>Eruca vesicaria</i> ssp	Rúcula		x		
<i>Petroselinum sativum</i> L.	Salsa	x	x	x	x
<i>Solanum lycopersicum</i> var. cerasiforme	Tomate cereja			x	x
<b>FRUTAS, RAÍZES E LEGUMINOSAS</b>					
<i>Ananas comosus</i> L. Merrill	Abacaxi	x	x	x	
<i>Malpighia emarginata</i>	Acerola	x		x	
<i>Musa</i> spp.	Banana		x	x	x
<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart.	Biribá			x	
<i>Theobroma cacao</i>	Cacau				x
<i>Spondias dulcis</i>	Cajarana			x	
<i>Averrhoa carambola</i>	Carabola			x	
<i>Bertholletia excelsa</i>	Castanha do Pará	x	x	x	x
<i>Coccus nucifera</i> L.	Coco		x		
<i>Theobroma grandiflorum</i> W. S	Cupuaçu	x	x	x	x
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão	x		x	x
<i>Artocarpus altilis</i>	Fruta-Pão				x
<i>Inga edulis</i>	Ingá				x
<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	Jambo				x
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	x	x	x	x



<i>Mangifera indica</i>	Manga					X
<i>Garcinia mangostana</i>	Mangustão					X
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Macaxeira	X	X	X		X
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá		X			X
<i>Zea mays</i>	Milho					X
<i>Citrus sinensis</i> L. Osbeck	Laranja		X	X		X
<i>Citrus limonium</i>	Limão	X	X	X		X
<i>Bactris gasipaes</i> H.B.K	Pupunha		X	X		X
<i>Nephelium lappaceum</i>	Rambutã					X
<i>Citrus spp</i>	Tangerina		X	X		X
<b><i>Bixa orellana</i></b>	Urucum	X	X	X		X
<i>Endopleura uchi</i>	Uxi			X		
<b>ALIMENTOS PROCESSADOS E BENEFICIADOS</b>						
----	Biscoito de Castanha	X	X	X		X
----	Café em pó natural			X		
----	Chocolate artesanal		X			X
----	Coalhada					X
<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K.Jansen	Cachaça de jambu	X		X		
----	Canjica					X
----	Extrato de própolis	X				
----	Farinha lavada	X	X	X		X
----	Farinha de tapioca	X	X			X
----	Farofa saborizada	X	X			X
----	Goma de tapioca	X	X			X
----	Geleia saborizada	X				
----	Iogurte Natural			X		X
----	Maniva pré-cozida	X				
----	Manteiga		X	X		
----	Mel		X	X		X
----	Pé de moleque					X
----	Polpa de frutas		X	X		X
----	Queijo	X	X	X		X
----	Polpa de fruta			X		X
----	Tucupi	X	X			X
----	Tucupi com pimenta	X	X	X		X
<b>OUTROS PRODUTOS</b>						
----	Adubo Orgânico	X	X	X		X
<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K.Jansen	Cachaça de jambu		X			
<i>Brachyura</i>	Carangueijo	X		X		
----	Cosméticos	X	X	X		X
----	Frango caipira congelado	X	X	X		X
<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K.Jansen	Flor de jambu		X			

----	Peixe	x	x	x	x
----	Camarão salgado e congelado	x	x	x	x
<i>Mytilus edulis</i>	Mexilhão	x			
----	Óleos fitoterápicos	x	x	x	x
----	Ovos caipira	x	x		x
----	Plantas ornamentais	x	x	x	x
----	Plantas medicinais	x	x	x	x
----	Remédios fitoterápicos	x	x	x	x

Fonte: Pesquisa de campo (2020).

A alface (*Lactuca sativa* L.), apesar de não ter aparecido em todas as edições, é uma folhosa bastante demanda pelos consumidores, assim como a couve (*Brassica oleracea* L.) que segundo os agricultores tem uma rápida saída nos dias de feira. Essa procura é atribuída por eles ao fato de o preço ser atrativo, a qualidade e a quantidade de folhas por cada maço produzido. Contudo, a elevação nos preços atribuídos às folhosas nos meses iniciais do ano causa certo impacto aos consumidores, que retratam desconforto no momento da compra, mas ainda assim adquirem os alimentos por considerarem mais viável quando comparado a outras feiras da região. Essa elevação no preço das hortaliças está associada as condições climáticas do período do ano que interferem no desenvolvimento das plantas, além da relação oferta e demanda já que muitos produtores diminuem a produção no período inicial do ano (SILVA et al., 2017).

Os preços das hortaliças comercializadas na Região Metropolitana de Belém sofrem forte influência das condições climáticas e são determinados pela oferta e demanda. Os índices estacionais dos preços mais elevados estão concentrados no primeiro semestre. O estudo da sazonalidade dos preços é importante, pois pode direcionar os produtores para uma distribuição de produção mais eficiente, guiar o consumidor para a melhor época de compra, além de subsidiar o poder público na implantação de políticas de comercialização agrícola.

Alguns alimentos comercializados na feira são encontrados somente em determinado período do ano, fato intimamente relacionado a sazonalidade de cada um. A pupunha (*Bactris gasipaes* H. B. K.), por exemplo, é um alimento bastante procurado por consumidores no período da safra que, geralmente, ocorre no primeiro semestre do ano (período das chuvas ou inverno amazônico), assim como na produção do cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* Willd. Ex Spreng), jambo (*Syzygium jambos* L. Alston), açáí (*Euterpe oleracea* Mart.) e o milho (*Zea mays* L.) (Figura 11). Dessa forma, as chamadas “frutas da época” como manga (*Mangifera indica* L.); uxi (*Endopleura uchi* (Huber) Cuatrec.), rambutã (*Nephelium lappaceum*. L.),

mangostão (*Garcinia mangostana* L.), pitaya (*Cereus undatus* Haworth), ingá (*Inga edulis* L.), entre outros, nem sempre são encontrados nas bancas.

Figura 11 – Alimentos e produtos comercializados na feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA.



Fonte: ASCOM UFPA (2019).

Segundo Pino (2014), a sazonalidade refere-se ao temporário, que é típico de uma época, e ocorre na produção agrícola devido às variações climáticas das estações do ano. Buenaventura Ramírez (2019) inferiu que por conta da sazonalidade de alimentos a renda mensal das famílias pode variar conforme a temporada do ano. A sazonalidade das frutas tipicamente amazônicas também está relacionada a Ecofisiologia de cada espécie vegetal, que, no geral, perpassaram por adaptações no ecossistema a qual foram inseridas.

Os agricultores que participam da feira desfrutam do espaço para ofertar alimentos que, muitas vezes, são produzidos intencionalmente para o consumo da família e que são encontrados espontaneamente nos arranjos produtivos do agroecossistema familiar, nesse caso a feira é entendida por estes como uma oportunidade de comercialização e valorização desses alimentos. As famílias da cooperativa D'Irituia caracterizam a feira pela oferta abundante de

frutas que mesmo em pequena quantidade quase sempre são vendidas, justamente, pelo fato de que outras bancas não oferecem o produto.

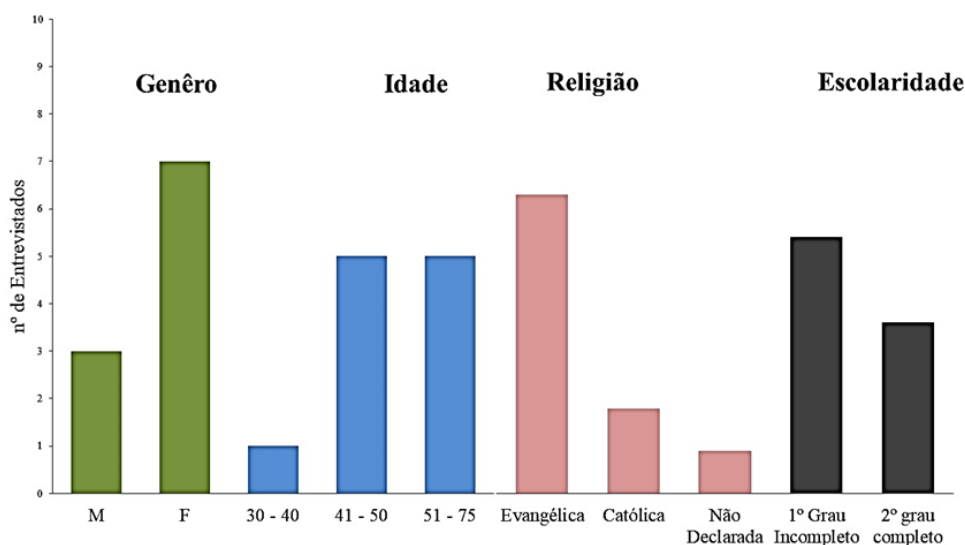
### **4.3 Alguns agroecossistemas de feirantes e suas escolhas sobre o que produzir**

#### **4.3.1 Perfil dos entrevistados e o contexto familiar**

Faz-se necessário relembrar que agroecossistemas são constituídos por um conjunto de elementos e fatores interligados, onde se desenvolvem as atividades produtivas com garantia ao autoconsumo, renda da família e a produção de alimentos baseados na agricultura camponesa (SILVA; MARTINS, 2009) e, portanto, acredita-se que duas afirmações são indispensáveis neste construto: o núcleo familiar compõe o agroecossistema o qual está inserido; e para uma análise sistêmica é necessário considerar variáveis ecológicas, produtivas, técnicas, socioculturais, políticas etc., elementos estes que ajudam a entender o contexto de cada realidade em uma escala ampliada.

No ato das entrevistas formalizadas nos estabelecimentos, cada família designou uma pessoa como representante do agroecossistema, geralmente esse membro, também, faz-se presente na feira e fica incumbido de gerenciar a atividade na banca. A composição dos grupos familiares estudados varia de um a cinco membros (pai, mãe, filhos e/ou filhas) residentes na propriedade. Os entrevistados são naturais de outros estados como Maranhão e Ceará, sendo, predominante, a naturalidade de municípios do Nordeste Paraense como Capitão Poço, Primavera e Vigia. Dentre os entrevistados, as mulheres foram maioria, apresentando diferentes idades, religião e graus de escolaridade, como mostra a Gráfico 02.

**Gráfico 02.** Perfil dos representantes nos agroecossistemas relacionados à feira da agricultura familiar da UFPA, campus Belém – PA.



Fonte: Proposição do autor (2021).

A maior parte das famílias vive, exclusivamente, da renda agrícola e recebem algum benefício social (como o Programa Federal da Bolsa Família<sup>10</sup>). Os estabelecimentos estão situados em comunidades tradicionais, assentamento ou zonas rurais dos respectivos municípios e foram adquiridos de diferentes formas: herança, compra ou apropriação. Com relação a documentação todas as famílias possuem Declaração de Aptidão ao Pronaf - DAP, portanto estão enquadradas como agricultoras, algumas apresentam Cadastro Ambiental Rural-CAR e título provisório da terra.

Para a realização das atividades agropecuárias ocorre o emprego da mão de obra familiar com eventual contratação externa em períodos sazonais, outros elementos comuns entre as famílias são: todas acessaram financiamento via crédito rural para atividades específicas em diferentes períodos; fazem parte de alguma representação social (associação ou cooperativa); recebem, ocasionalmente, assistência técnica para fortalecimentos das atividades produtivas por meio da Empresa Brasileira de Assistência técnica e Extensão Rural – EMATER- PA; e todas as famílias comercializam os alimentos em mais de uma feira. Algumas participam ou já participaram de chamadas em programas institucionais (PAA e PNAE), e, ocasionalmente, repassam os produtos para atravessadores no próprio local de morada.

10 O bolsa família é um programa de transferência direta de renda às famílias em estado de pobreza ou extrema pobreza, cujo objetivos são garantir o combate a fome e promover a segurança alimentar, garantir o acesso a saúde, educação e serviços públicos em geral (BRASIL, 2021).

#### 4.3.2 Contextualização dos agroecossistemas e seus respectivos territórios.

A Amazônia legal engloba os sete estados da região norte do Brasil (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia e Tocantins), que estão subdivididos em meso e microrregião, segundo a divisão territorial proposta pelo IBGE. O Pará representa quase 30% do território Amazônico brasileiro e 15% do Brasil. Esse estado subdivide-se em seis mesorregiões: Baixo Amazonas, Marajó, Região Metropolitana de Belém, Nordeste, Sudoeste e Sudeste Paraense, somando ao todo 22 microrregiões constituídas a partir de uma perspectiva histórico-espacial e social (CORDEIRO et al., 2017).

Nesse contexto, analisou-se a realidade de um conjunto de agroecossistemas (dez casos) relacionados com a feira da UFPA, os quais foram organizados em três grupos: terra de fartura, terra das folhosas e terras agroecológicas (Quadro 09). Os agroecossistemas serão identificados daqui para frente pela denominação atribuída aos estabelecimentos familiares como forma de melhor compreender a realidade socioprodutiva de cada qual.

**Quadro 09.** Identificação dos agroecossistemas analisados, que estão relacionados com a feira da agricultura familiar da UFPA, *campus* Belém – PA.

<b>Grupos</b>	<b>Localização</b>	<b>Denominação dos agroecossistemas</b>
Terra de fartura	Santa Bárbara do Pará	Sítio Pupunheira
		Chácara Mamãe Ione
		Sítio Santa Rita
Terra das Folhosas	Santa Isabel do Pará	Sítio Peniel
		Sítio Mastruz
		Sítio Fé em Deus
		Sítio Caipirão
Terras agroecológicas	Marituba	Sítio Ramos e Flores
	Santa Isabel do Pará	Sítio Benção de Deus
	Capitão Poço	Sítio São Francisco

Fonte: Autor (2021).

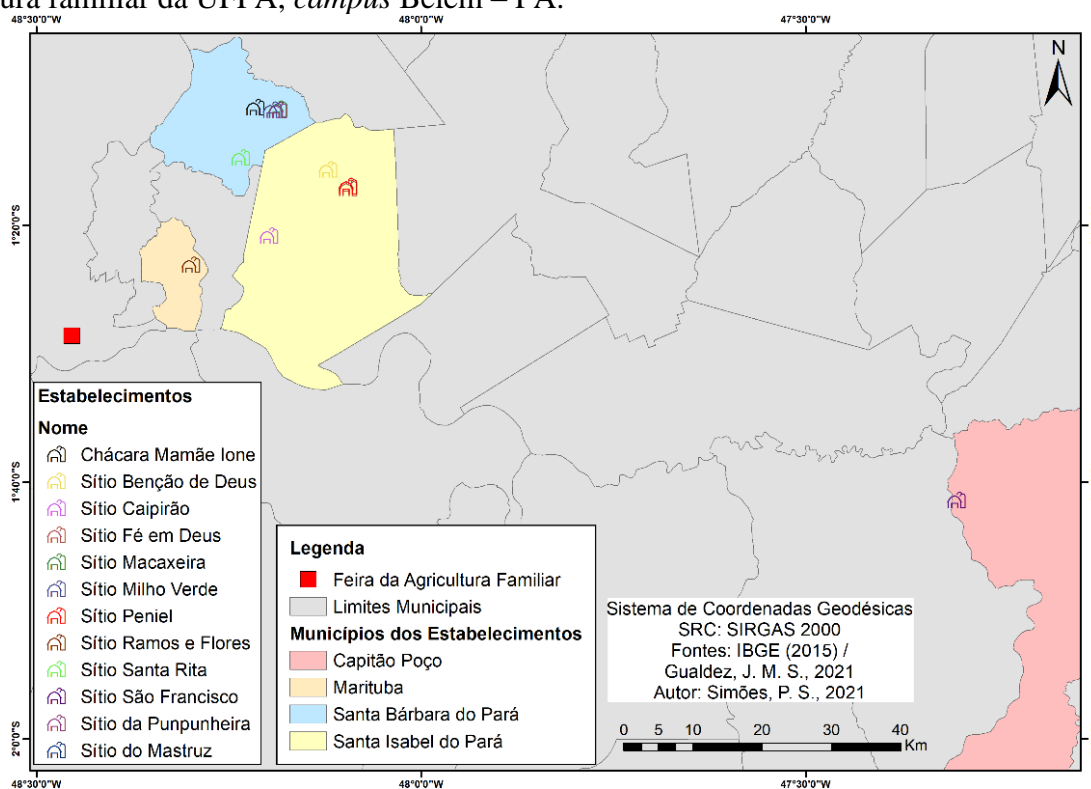
Desses estabelecimentos, nove estão concentrados na Região Metropolitana de Belém – RMB, nos municípios de Marituba, Santa Isabel e Santa Bárbara do Pará, distantes 20, 40 e 35 km, respectivamente, da capital (Figura 12).

As cidades no entorno de Belém, capital do estado do Pará, foram sendo constituídas de forma mais intensa a partir da década de 1960, resultante do processo de integração nacional realizado por meio da abertura de rodovias federais. Logo, a década de 1970 é marcada pelo

fluxo migratório de pessoas para Belém, processo consequente a uma série de políticas destinadas ao desenvolvimento regional com destaque a implantação de grandes projetos industriais. Sobretudo, a RMB sofreu um crescimento acelerado da densidade populacional, dessa forma os aspectos socioeconômicos (PIB, transporte ferroviário, comércio, educação etc.) dessa mesorregião concentram-se na forte dependência com a cidade de Belém (IPEA, 2015; SEDOP, 2018).

Atualmente, a RMB é composta pelos municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara, Santa Isabel e Castanhal, que geograficamente têm seus territórios conturbados em torno do eixo da BR-316. Na mesorregião, habitam 2,4 milhões de pessoas (29% da população do Pará), desse total 3,7% residem em zonas rurais (SEDOP, 2018).

Figura 12 – Mapa de localização dos estabelecimentos analisados relacionados com a feira da agricultura familiar da UFPA, *campus* Belém – PA.



Fonte: Simões (2021).

Santa Isabel e Marituba concentram grandes atividades no setor do comércio que se destina não somente ao abastecimento municipal, mas também para o atendimento de municípios próximos. Santa Isabel, também, destaca-se entre os municípios que compõe a RMB, por ser o segundo com maior população residente em comunidades tradicionais ou em áreas ainda não reconhecida pelo Estado, e com relevante população que desenvolve atividade

agropecuária e isso reflete a lógica rural que ainda é encontrada nas bordas da zona municipal (SEDOP, 2018).

Vale reforçar que Santa Isabel do Pará está, geograficamente, localizada entre Castanhal e Belém, dois importantes polos econômicos que englobam as cidades adjacentes. O mercado informal, a atividade avícola praticada por grandes empresas e a agricultura são as principais fontes econômicas do município que também mostra marcante tendência para a agropecuária (JUSTINIANO et al., 2014). Historicamente, a olericultura é marca dos estabelecimentos familiares presentes nas diversas agrovilas que rodeiam o centro urbano, especialmente, o cultivo de espécies folhosas (cheiro verde, alface, couve) e produções estas destinadas ao abastecimento de Santa Isabel e das cidades próximas.

Já, o município de Santa Bárbara do Pará concentra o menor contingente populacional dentre os municípios que compõem a RMB, apesar de ser o quarto maior em extensão territorial, sendo 60% dessa área rural (IBGE, 2018). A economia de Santa Bárbara do Pará é composta por atividades de comércio, empregos em órgãos públicos, serviços turísticos e agricultura. A cidade foi constituída em torno da Rodovia PA 408 e boa parte das comunidades rurais aglomeraram-se às margens da área que pertencia a uma empresa de cultivo do dendê (*Elaeis guineensis* Jacq.), dentre essas está o Projeto de Assentamento – PA Abril Vermelho, local que se encontram os estabelecimentos relacionados com a feira.

O Abril Vermelho é resultado de um processo histórico de luta que envolveu mais de 600 famílias que compõem o MST. O PA foi criado em 2009, sendo o segundo mais recente da RMB, possui área de 6.803 ha, somando 393 lotes que estão divididos em quatro polos, onde residem mais de 400 famílias (PAULINO et al., 2020), mas acredita-se que este número possa ser bem maior, pois somente no polo quatro residiam mais de 450 pessoas entre crianças, jovens e adultos. A regularização da área ainda está na terceira das sete fases seguidas pelo INCRA. As famílias que habitam neste território são de origem tanto rural quanto urbana, fazendo com que o perfil sociocultural dos grupos seja bastante heterogêneo.

O último agroecossistema analisado- incluído no grupo “terras agroecológicas” - está localizado no município de Capitão Poço, distante mais de 200 km de Belém, na microrregião do Guamá que integra o Nordeste Paraense.

Esta região é marcada por um processo histórico de antropização em função da construção da rodovia Belém-Brasília (BR-010). A condição histórica implicou em um forte fluxo migratório de pessoas vindas de outros estados, principalmente, entre as décadas de 1950 e 1980, período de construção da rodovia, logo as vilas foram se constituindo e geraram os atuais municípios da microrregião. Esse processo influenciou em mudanças “no sistema de



manejo do solo, com reflexos no valor cultural, social, econômico, político e ambiental da população local” (CORDEIRO et al., 2017, p. 21.).

Esses marcos históricos fazem com que o Nordeste paraense seja reconhecido por sua diversidade agrícola com predomínio da pecuária, mas há, também, relevante existência de paisagens características da capoeira em diferentes níveis de sucessão, espécies perenes e intensificação do reflorestamento com base nos sistemas agroflorestais (CORDEIRO et al., 2017). A atividade econômica e de transporte, especificamente, na microrregião do Guamá sofrem forte influência da antiga estrada de ferro de Bragança e da malha rodoviária conectada ao longo das rodovias Belém-Brasília. Dessa forma, a conectividade com os mercados de outras regiões, como a metropolitana de Belém, é percebida com certa frequência entre os produtores rurais que habitam nesse território, os quais mantêm um papel decisivo no abastecimento dos mercados consumidores locais, alcançando também outros centros consumidores.

#### 4.3.3 Terra de fartura alimentar e cultivo de “autonomia” familiar

A feira da UFPA é marcada pela presença das famílias que pertencem ao PA Abril Vermelho, juntas essas famílias caracterizam o espaço com a oferta de diversos alimentos, como frutas, derivados da mandioca, hortaliças e iguarias. Neste território, investigou-se a relação da feira com três agroecossistemas (*Sítio da Pupunheira*<sup>11</sup>, *Chácara Mamãe Ione* e *Sítio Santa Rita*). Nesse conjunto, associam-se os membros dos agroecossistemas *Sítio Macaxeira* e *Milho verde* (ver figura 12) que pertencem a dois dos sete filhos da matriarca responsável pelo Sítio Pupunheira, todos moradores do assentamento.

Ao conjunto, agrega-se às relações de parentesco, fortemente observadas no ambiente da feira quando, por exemplo, na ausência de um membro responsável pela banca, o outro assume, de modo que os produtos sejam sempre ofertados no período do evento, também quando um parente não pode comparecer à feira os produtos são repassados para o outro integrante da família para ser comercializado em uma só banca.

Cada família tem uma marca registrada na feira ou como as próprias inferem “o forte” da banca. Potencialmente, os membros do Santa Rita são reconhecidos por seus “beijus” enriquecidos com coco; a família da chácara mamãe Ione por seus biscoitos, frutas e pelos recentes temperos especiais que enriquecem o sabor da comida; por fim, tem-se a pupunha, o

---

11 O estabelecimento não possui denominação. O nome adotado é simbólico e caracteriza a principal produção percebida no lote.

açaí *in natura* e o milho assado como principais produtos advindos do sítio pupunheira, mas é na imagem da maniçoba<sup>12</sup> e da galinha caipira que a matriarca é reconhecida por clientes e colegas da feira que garantem o almoço do dia.

A oferta desses alimentos é um reflexo da realidade local dos agroecossistemas, isso é, transmitem ao consumidor a imagem da diversidade socioproductiva presente nos estabelecimentos agrícolas, nestes, por sua vez, é possível encontrar quintais agroflorestais constituídos por frutíferas (cupuaçu, cacau, banana, jaca, laranja, hambutã etc.), áreas destinadas à roça (mandioca, macaxeira, feijão, milho), horticultura (abóbora, folhosas, batata doce, etc.), criação de animais de pequeno porte (galinha, pato, peru, porco, etc), assim como as estruturas utilizadas para o processamento que originam tradicionais subprodutos como a farinha, goma de tapioca e o tucupí (Figura 13).

Figura 13 – Vista geral dos agroecossistemas Sítio Pupunheira e Santa Rita, no assentamento Abril Vermelho, em Santa Bárbara do Pará.



Fonte: Acervo do autor (2021).

---

12 A maniçoba é um prato típico da culinária Paraense, feito à base de folha da mandioca, cozida e temperada com outros ingredientes.

Há, também, o cultivo de pupunha e açaí, consideradas atividades essenciais nos agroecossistemas, visto que esses frutos são sazonais, portanto, a extração e, conseqüentemente, a comercialização do excedente intensifica-se conforme disponibilidade ao longo do ano, como ocorre com algumas frutas típicas da região amazônica. Essa diversidade agrícola impulsiona a construção da imagem dos agroecossistemas como espaços de fartura, e, estruturalmente, proporcionam segurança alimentar às famílias, uma vez que toda a produção é destinada, prioritariamente, ao consumo familiar.

Os agroecossistemas em questão assemelham-se por apresentar vasta diversidade de alimentos produzidos, a incorporação de princípios agroecológicos como elemento fundamental da atividade produtiva e a valorização da ajuda mútua entre o coletivo (economia solidária). À luz do que expressa Ploeg (2008), essa diversificação é adotada nos estabelecimentos como forma de reduzir a dependência de mercados e de produtos externos, assim como garantir a autossustentação do agroecossistema (princípio de autonomia camponesa). Vale lembrar que as diferentes combinações nos arranjos produtivos são incorporadas como um princípio técnico da produção agroecológica (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014).

O processo socioprodutivo para esse conjunto de famílias sempre esteve agregado à lógica da valorização da biodiversidade e da garantia de mercado. Os lotes são considerados lugares de fartura e território que garante o alimento ao longo do ano. Nesse ritmo, expressa uma agricultora “o SAF’S e a horta é o que mais me dá rendimento aqui, é o nosso forte né? mas aqui de tudo dá. Hortaliça eu já tentei, consegui! feijão, arroz e milho. Olha essa terra é tão boa pra feijão e milho que faz lama quando dá” (A. R. M. P, AGRICULTORA, 2020).

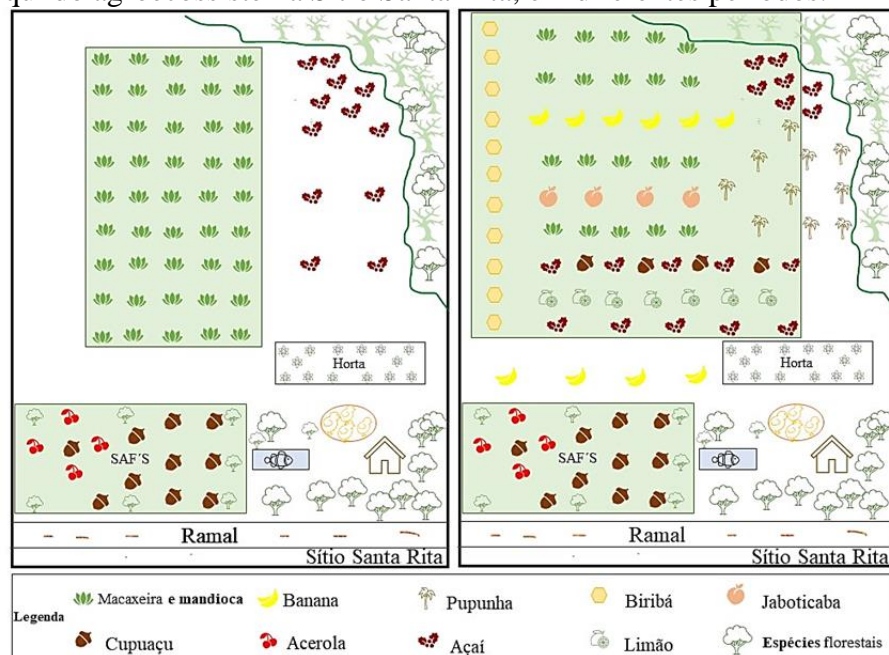
Os demais agroecossistemas do assentamento também incluem os sistemas agrofloretais como uma das principais atividades socioprodutivas, além da atividade de horticultura. Nessa perspectiva, as famílias fortaleceram ao longo dos anos as atividades produtivas, e buscaram enriquecer e diversificar os espaços de produção.

O conjunto de atividades produtivas foi sendo estruturado por cada família ao longo dos anos, especificamente, desde que chegaram ao assentamento. Certamente, a busca por novos mercados e novas atividades, também, foi aperfeiçoado de acordo com o contexto do grupo familiar. Nesse sentido, ao ingressarem na feira da UFPA, houve uma reorganização na dinâmica socioeconômica influenciada pelo ritmo das vendas, o que impactou, diretamente, na ampliação de alguns arranjos produtivos já existente nos lotes. As mudanças na organização dos agroecossistemas podem estar associadas ao projeto de cada grupo familiar, levando-se em

consideração as ações do meio social, econômico e cultural (BOURGEOIS, 1995), a qual este está inserido.

Por outro lado, pode-se associar a expansão dos arranjos produtivos com a intensificação das vendas na feira da UFPA e em outros canais de comercialização da região (feira do município, vendas no próprio estabelecimento etc.). Como exemplo, ilustra-se na figura 14 o processo de expansão dos arranjos produtivos em um período anterior à participação na feira e o atual estado percebido no agroecossistema *Sítio Santa Rita*.

Figura 14 – Croqui do agroecossistema *Sítio Santa Rita*, em diferentes períodos.



Fonte: Proposição do autor (2021).

Convém destacar que esta expansão parece ser também uma estratégia sociocultural relacionada diretamente à busca da autonomia do grupo familiar (PLOEG, 2008). Considerando a lógica socioprodutiva em questão e a tipologia proposta por Lefort (1990), é possível afirmar que a feira produz um impacto modificador nas práticas desenvolvidas nesse agroecossistema, pois motivou a família a ampliar a parcela, mantendo o principal arranjo produtivo, mesmo introduzindo novas espécies e demandando uma mudança na gestão do trabalho, ou seja, intensificando as atividades agrícolas no *Sítio Santa Rita*.

Pode-se destacar, também, que para as famílias do assentamento Abril Vermelho, a feira é entendida como um espaço que absorve a produção e valoriza o que é produzido nos agroecossistemas.

Deste modo, a organização de trabalho nesses estabelecimentos torna-se complexa em função do emprego da mão de obra dedicada ao processamento dos produtos (biscoitos, goma,

beiju, tucupi etc.) vendidos na feira, pois o processo de fabricação depende da disponibilidade de mão de obra familiar (DAROLT, 2013).

Ainda que essas atividades tenham sido intensificadas e os arranjos produtivos expandidos, observou-se que uma parte dos produtos produzidos por estas famílias não são necessariamente comercializados na feira da UFPA (por exemplo, plantas medicinais e aromáticas e algumas frutíferas). Uma justificativa atribuída é a dificuldade encontrada para transportar parte desses produtos, como expressada no relato abaixo da agricultora do sítio pupunheira.

O que eu tenho dificuldade, o que eu sinto que eu tenho dificuldade, as vezes, é de um carro, porque as vezes meu filho tá ocupado, aí as vezes não tem como levar. Olha, hoje, se, amanhã se eu tiver que ir pra feira eu tenho que pedir pro meu outro genro me levar hoje já a noite, porque amanhã ele já vai pra feira em Belém, vai levar a pupunha dele pra Belém. Aí ele já não tem como me levar amanhã. Ai se eu quiser ir pra feira eu já tenho que ir hoje e deixar a mercadoria lá no depósito pra eu, de manhã, ir de moto. É essa mais a minha dificuldade aqui, sabe? Agora, se eu tivesse um carro seria melhor, né? Porque eu não pediria pra ninguém (M. N. R. S, AGRICULTORA, 2020).

Outro indicador associado é a distância do local de produção até a feira em Belém (SANTOS et al., 2017), também por estas famílias já terem fixado uma clientela regular que demanda alimentos e produtos específicos, a exemplo do beiju, da goma de tapioca e os biscoitos de castanha.

Ainda no tocante à dinâmica feira-agroecossistema, outra relação que se estabelece é o fato dessas famílias pertencerem ao MST, o que soma para que esses assentados sejam reconhecidos por suas lutas históricas relacionada à conquista do território. Com 30 anos de existência, o MST-PA consolidou-se como um importante movimento político de organização combativa, de enfrentamento aos interesses capitalistas do campo, de luta pela terra. Recentemente, vem assumindo a defesa de uma agricultura ecológica, ou seja, contrária ao uso de agrotóxicos e da transgenia, com isso tem buscado uma forma de produção racional que permita a migração produtivista/tecnicista para outro baseado na perspectiva agroecológica, com enfoque na produção de alimentos saudáveis no campo e na equidade social, que contribua para que as famílias tenham garantia do auto sustento, (BORSATTO; CARMO, 2013), assim como proporcionar a estabilidade socioeconômica do grupo familiar.

Assim, a feira pode ser entendida como um espaço sociopolítico oportuno para dar visibilidade a “bandeiras de lutas camponesas” e apreciar a valorização do movimento social e da diversidade existente nos agroecossistemas. Logo, a participação na feira é propícia para desconstruir a histórica marginalização criada em torno do movimento e mostrar para a

sociedade através do diálogo as bandeiras de luta do MST, como: a produção de alimentos na perspectiva agroecológica, o direito à terra e o desejo pela reforma agrária. Conforme ressaltou Amador e Silva (2017), as feiras destinadas à agricultura familiar podem desempenhar um papel além da dimensão econômica, abarcando funções estratégicas na produção e no modo das relações político-cultural.

#### 4.3.4 Santa Isabel: terra das “folhosas”

Outro importante grupo que marca o espaço da feira são as famílias pertencentes a AACBJ, de Santa Isabel do Pará. Nessa organização social, incluem-se os agroecossistemas *Sítio Peniel*, *Mastruz* e *Fé em Deus*, reconhecidos na feira pelo comércio de hortaliças, principalmente, as folhosas (couve, alface, cebolinha, cheiro verde e mastruz), mas, comumente, outros produtos são encontrados nas bancas durante a feira como frutas, temperos e bolos.

Um quarto caso que pode ser incluído nesse grupo refere-se ao agroecossistema *Sítio Caipirão*<sup>13</sup>, que, segundo o proprietário, se desvinculou recentemente da AACBJ (Associação da Comunidade Bom Jesus) e passou a integrar a associação da comunidade rural (Nova Olinda) onde o estabelecimento está presente. O sítio Caipirão é uma exceção na realidade socioproductiva da região e, como o próprio nome sugere, o “forte” na feira é a comercialização de frango caipira abatido, sendo a principal atividade percebida no estabelecimento agrícola.

A família é natural do estado do Ceará e migraram, recentemente, para o estado do Pará na expectativa de adquirir determinada estabilidade econômica, melhor qualidade de vida, assim como restabelecer a afetividade com o meio rural, como ocorria na presença paterna do patriarca que já conhecia a região e disseminava boas impressões para o desenvolvimento de atividades agrícolas. Com a chegada na Região, adquiriram um pequeno lote (5 ha) com poucos arranjos produtivos (1 ha de açaí e cupuaçu, área de forragem, capoeira e mata com vegetação secundária) e logo investiram em um galpão para criação de 100 aves, em sistema semi-intensivo.

Mesmo com as dificuldades sanitárias e estruturais percebidas no processo de criação avícola, a família foi estabelecendo vínculos com o mercado da Região e através de amigos passou a conhecer os espaços propícios ao comércio. O ingresso como membro da associação

---

13 O sítio Mastruz e Caipirão não possuem denominação. O nome adotado é simbólico e caracteriza a principal produção percebida nos lotes.

foi fundamental para a reorganização do agroecossistema e foi assim que o agricultor chegou à feira da UFPA, como percebido em sua fala.

Na hora que ele me convidou eu aceitei na mesma hora. Eu disse: Universidade Federal do Pará. Se eu chegar em um canto, em outra feira e dizer... As vezes as pessoas perguntam ‘onde o Sr. vende seus frangos?’ eu vendo na UFPA, aí elas já olham com outros olhos. E quando eu recebi essa proposta eu logo vi que esse espaço ajuda muito né, que a gente precisa na roça né. De início eu não via a UFPA somente como uma fonte de renda, como uma fonte de venda para meu produto, mas sim uma linha de outros segmentos pra gente estar se beneficiando, pra ter esse apoio, e é muito bom na UFPA né (E. S. A, AGRICULTOR, 2020).

Nesse caso específico, a feira tem sido significativa para impulsionar as vendas dos produtos, o ganho de mercado, atribuir visibilidade à atividade do agricultor que, nesse caso também destaca a importância da Universidade como um excelente espaço para construção das relações socioeconômicas junto aos clientes.

A partir das boas vendas realizadas na feira da UFPA, a família buscou fortalecer a principal atividade agrícola do estabelecimento, assim almejam ampliar os galpões e melhorar a estrutura para o aproveitamento integral dos resíduos avícolas (cama de frango) para fornecer aos vendedores pré-estabelecidos, também, pretendem adquirir um maquinário para o processamento de frango, como mostra o trecho abaixo.

Quero dar uma ajeitada nos meus galpões né. Quero acimentar, fazer de alvenaria. Até porque eu tenho uma ideia desse esterco de comercializar em Belém, porque um fardo daqueles de farinha, pacote que chama né, de esterco de 20 kilos em Belém deve tá custando uns 20,00. Aqui eu vendo uma saca mais ou menos de 40 a 45 kilos a cinco reais pros meninos aqui da horta. Isso aí é uma coisa que eu quero fazer tudo bonitinho, mas eu preciso de dinheiro né pra fazer isso [...] fazendo os galpões eu consigo tirar essa cama de frango limpinha, sem terra, pra poder vender (E. S. A, AGRICULTOR, 2020).

Mesmo com o avanço na organização socioprodutiva, o grupo familiar ainda apresenta forte dependência de fatores externos. Por outro lado, deve-se considerar que o agroecossistema está em processo de reestruturação e mesmo que a família esteja descapitalizada busca alternativas para concretizar o planejamento traçado a longo prazo. Em outras palavras, estabelecem uma vasta resiliência em meio as adversidades socioprodutivas, portanto a feira integra o plano de reestruturação no lote, estabelecendo uma relação essencial para a família. Esse processo, também, pode estar associado ao fenômeno da reprodução social interligado a reprodução material já que engloba os fenômenos relacionados ao sustento do grupo por meio da combinação de fatores como procedimentos técnicos empregados para sua exploração e representações subjacentes (RAYNAUT, 2018).

Em termos de impacto sociotécnico no sítio Caipirão, segundo Lefort (1990), a feira parece impactar de forma complementar, não alterando a estrutura e nem o funcionamento do

subsistema de criação já existente, pouco alterando os fatores envolvidos na atividade de criação de aves pela família.

Na mesma lógica socioprodutiva, mas com diferentes estratégias, tem-se os agroecossistemas da comunidade Bom Jesus. Esses territórios resultam do processo de ocupação de uma antiga fazenda, fato ocorrido em meados de 2007, e muitos migrantes de municípios do Nordeste Paraense (Capitão Poço e Nova Esperança do Piriá) vieram para o local em busca de um espaço para produzir. O número grande de famílias concentradas na área fez com que a divisão territorial fosse reduzida e isso impediu que a comunidade periurbana fosse transformada em assentamento, logo cada estabelecimento não ultrapassou a extensão de 3 ha.

Os agroecossistemas *Sítio Peniel* e *Mastruz* têm o cultivo de hortaliças como principal atividade familiar, sendo o arranjo que mais fornece produtos para comercialização na feira. Essa produção é cultivada sob sistema convencional<sup>14</sup>, em poucos canteiros rasteiros, com uso de agrotóxicos no controle de competições por insetos-praga e por doenças (Figura 15). Também, nesses estabelecimentos, são encontrados plantios de espécies frutíferas em área de mata secundária. Vale ressaltar que o proprietário do *Sítio Mastruz* complementa a renda familiar com a oferta da mão de obra na própria comunidade, especialmente, em épocas de baixa no mercado das hortaliças.

Vizinho a eles encontra-se o “*Sítio Fé em Deus*”. Este agroecossistema dispõe de uma área para produção que foi expandida com a compra de outros lotes; a família apresenta um sistema bem diversificado, composto de cultivos sazonais (macaxeira, feijão, milho), espécies frutíferas (laranja, limão, coco, açaí), além da criação de pequenos animais, e alguns equinos incorporados em tarefas que exigem esforço físico. Contudo, a principal atividade é a produção de hortaliças cultivadas em sistema hidropônico, fruto da parceria entre o patriarca e um sócio.

---

14 Modelo de produção que incorpora ao longo da cadeia produtiva insumos químicos, de solubilidade imediata, bem como dos chamados agrotóxicos, para controle de plantas indesejadas à cultura agrícola (herbicidas), pragas e doenças (inseticidas, fungicidas, bactericidas).



Figura 15 - Vista geral do agroecossistema Sítio Peniel, na comunidade Bom Jesus, em Santa Isabel do Pará.



Fonte: Acervo do autor (2021).

O investimento permitiu a estruturação de um galpão com seis bancadas, oferecendo produção de alta escala de alface, e, ocasionalmente, de espécies como pepino, rúcula, cheiro verde, abobora, e, mais recentemente, melancia. O cultivo da alface plantada em maior quantidade e de forma intensa justifica-se devido a demanda de fornecimento para as grandes redes de supermercados em Belém. Esse compromisso informal não garante à família a obrigatoriedade de compra por parte dos requisitantes. Essa relação é descrita na fala da agricultora.

É assim, a gente faz o pedido: olha, tem verdura! Ai eles vão lá e dão a resposta. Ai vai 200 pra um, 150 pra outro ai vão lá e dão a resposta, assim a gente soma. No máximo é 1.000 maços cada viagem. A gente ‘tava’ entregando duas vezes na semana, de segunda pra terça e de sexta pra sábado, ai como agora deu essa chuvada elas (as plantas) não desenvolve bastante por que o sol é que faz elas crescer rápido então agora é só uma vez por semana (A. R. R. A, AGRICULTORA, 2020).

A rede de supermercado que compra a produção estabelece o preço base para ser adquirido o produto, mas de certa forma desconsidera a variação de custos ao longo da cadeia produtiva. Além disso, tem-se o custo com deslocamento para as entregas semanais e para promover as vendas do produto nas unidades do supermercado distribuídas ao longo da cidade. A relação de fornecimento de alimentos do produtor para as redes de supermercados é constituída sobre uma perspectiva desordenada, onde há uma imposição no modo de produzir

que desconsidera a realidade local da produção de base familiar, o que de certa forma gera determinada seletividade dos produtos oferecidos (WILKINSON, 2008, p.15).

À essa realidade, depreende-se que a adoção da atividade agrícola em questão (hidroponia) está relacionada a dependência do mercado convencional (vendas com presença de intermediadores), logo esse agroecossistema parece estar em contraposição ao princípio da autonomia familiar e, de certa forma, a atividade agrícola não sofreu influência direta da participação na feira, apesar das hortaliças, também, serem comercializadas neste espaço.

Se por um lado, essa família mantém determinado grau de relação com as redes de supermercado; por outro mostra-se adepta a outras possibilidades que venham a agregar valor ao produto, como o caso da participação na feira da UFPA.

De maneira geral, ao conjunto de agroecossistemas analisados, infere-se que a participação na feira soma um importante ganho financeiro para os grupos familiares, especialmente, para aqueles que se encontram fragilizados ou em processo de readaptação (como o caso do *Sítio Caipirão*). Esse fator, também, é uma motivação para participar do evento, mesmo com a distância percorrida entre o local de produção e o da comercialização. A partir desse incremento na renda, por exemplo, o agricultor fortalece o sistema de produção, amplia os arranjos produtivos, redesenha os planos familiares, entre outros fatores. Nota-se que para essas famílias a feira impulsionou a estrutura econômica, fato percebido no relato de um agricultor que expressa:

No aspecto econômico a feira é a maior fonte de arrecadação, contribui pra complementar o recurso total da família. É da renda da feira que mantenho meus filhos na universidade... a feira fortalece o escoamento do que eu produzo. Olha! Só com o dinheiro das vendas aqui eu já consegui estruturar a minha casinha, acredita? é por isso que faço questão de vim pra cá (R. J. S, AGRICULTOR, 2019).

De fato, o comércio em feiras institucionais contribui financeiramente com os grupos participantes e esse elemento é um importante atrativo para que as famílias agricultoras possam inserir-se nessas redes locais que buscam encurtar o caminho da produção até o consumidor final. Santos (2018), através do levantamento de rendimento bruto dos feirantes da FAF Rural, constatou que, a partir da realização do evento duas vezes por semana, houve um impulso maciço de até 30% na renda mensal dos participantes.

Além disso, os entrevistados afirmaram que o canal é um importante ponto de comercialização e proporciona maior integração da universidade com a comunidade, fatos que corroboram com a realidade dos feirantes da feira da UFPA.

Como mencionado, as feiras temáticas (agricultura familiar, agroecológica, orgânicas etc.) têm sido, cada vez mais, fortalecidas e disseminadas a nível nacional e local. Essa expansão não se justifica apenas pelos ganhos financeiros, mas também, ao fato de serem espaços alternativos, construídos historicamente em respeito aos princípios da realidade camponesa (DAROLT, 2013).

Outra importante relação percebida na dinâmica feira-agroecossistemas é que a iniciativa do projeto de extensão tem incentivado algumas famílias a buscarem novos espaços para o comércio dos produtos. Essa afirmativa comprovou-se a partir da experiência das matriarcas do Sítio *Fé em Deus e Peniel*, que, após ingressarem na feira da UFPA, identificaram a carência que os moradores de um condomínio particular, no município vizinho, apresentavam para a compra de determinados alimentos. Frente a isso, articularam um espaço em que pudessem expor seus alimentos e atender a demanda dos moradores, logo propuseram uma feira experimental.

Eu vi que o pessoal lá do condomínio não tinha feira por perto. Primeiro eu fiquei com vergonha né, porque a gente já é tão desprezado que as vezes já fica pensativa. Daí fui lá pra saber como que fazia pra começar a vender né, porque já fica na rota. Aí procurei primeiro a direção do condomínio, e depois fomos na prefeitura. Aí mandaram a gente ir na secretaria de emprego e renda, e até que a gente conseguiu. Aí eu chamei ela pra me ajudar [...] a gente começou em maio de 2019, e ia toda quinta feira. Agora essa banca tá todo dia. Agora a gente já não quer sair mais de lá. Pra gente é até mais vantagem vender lá do que no nosso próprio município, porque aqui a concorrência é muita.. muita... nem compensa (S. L. C, AGRICULTORA, 2019).

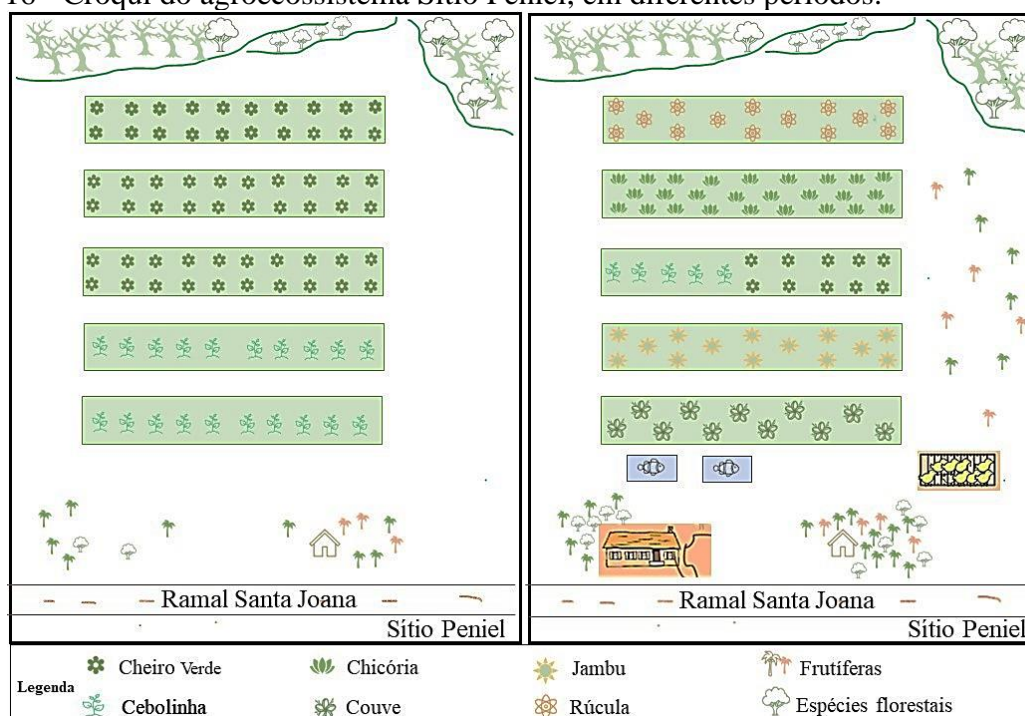
Essa ação concretizada, possibilitou ainda mais confiança para as famílias no sentido de buscar a inserção em outros espaços propícios à agricultura de base familiar. Por meio dessa ação, a agricultora do Sítio *Peniel* (que também é a atual presidente da AACBJ) passou a incentivar os demais agricultores da comunidade a buscar esses espaços de comercialização, bem como iniciou a venda dos produtos dos vizinhos em nome da associação, visando fortalecer os laços entre agricultores da comunidade.

Esses resultados mostram que a participação em Circuitos Curtos de Comercialização em âmbito regional é uma estratégia para o fortalecimento da agricultura familiar que busca, cada vez mais, se apropriar da construção desses espaços, visando a autonomia socioeconômica. O resultado condiz com o achado por Buenaventura Ramirez (2019) que mostrou a realidade de famílias da comunidade de Boa Vista, no Acará, onde parte delas limitava-se ao comércio via atravessadores. Com a participação em outros canais, passaram a receber os valores justos de acordo com os custos de produção e fortaleceram as vendas dos moradores da comunidade.

Deve-se considerar, por outro lado, que esse processo de inserção das famílias em novos espaços de comercialização pode apresentar riscos na gestão organizacional dos agroecossistemas (tempo dedicado às atividades agrícolas, organização de trabalho da família etc.). Conforme ressalta Lefort (1990), as inovações adotadas nos estabelecimentos devem ser ajustadas e/ou harmonizadas de acordo com as condições econômicas que caracterizam cada meio em questão, isto é, as famílias que optam em expandir o comércio de seus produtos e assumem os riscos de tal ação.

Assim como na análise do grupo anterior, a feira da UFPA, também, tem provocado determinadas mudanças nos arranjos produtivos nos estabelecimentos desse grupo, de modo que essas alterações têm significado maior grau de diversificação na principal atividade socioprodutiva: o cultivo de hortaliças. É o que mostra a figura 16 referente a evolução do Sítio Peniel em diferentes períodos.

Figura 16 - Croqui do agroecossistema Sítio Peniel, em diferentes períodos.



Fonte: Proposição do autor (2021).

A figura 16 mostra a evolução do arranjo produtivo de hortaliças onde a família exemplifica que antes de participarem da feira a produção era concentrada em duas espécies folhosas, porque a venda se concentrava no sistema atacado para revendedores da região e nas duas espécies (cheiro verde e cebolinha) que eram as mais demandadas no mercado. A partir do ingresso na feira e nos demais espaços conquistados, nitidamente, a família passou a

rotacionar as espécies olerícolas na tentativa de atender as demandas do público consumidor da feira.

Além da atividade hortícola nesse agroecossistema, a família ampliou as atividades consideradas complementares, como o cultivo de frutíferas, a criação avícola e, mais recentemente, tem investido na implantação de um tanque para criação de peixes (Figura 17), fatores motivados a partir da participação na feira da UFPA, uma vez que haveria demanda de consumidores. Caso parecido ocorre na realidade do Sítio Mastruz, onde as folhosas (couve, cheiro verde e cebolinha) são plantadas com certo grau de prioridade, mas a produção de mastruz foi implementada no cotidiano, visto que nenhuma das famílias na região oferta a espécie no espaço da feira.

Figura 17 – Galpão para criação de frango caipira e tanques para criação de peixes no Sítio Peniel, em Santa Isabel do Pará.



Fonte: Acervo do autor (2021).

Frente ao exposto, convém salientar que, mesmo inseridos em um contexto de intensas modificações socioprodutivas, as famílias perpassam por desafios que estão associados a realidade sociocultural de construção dos agroecossistemas. A horticultura, como principal atividade dos agroecossistemas (com exceção do *sítio Caipirão*), pode ter sido uma alternativa estratégica para suprir a delimitação territorial desses estabelecimentos, visto que essa é uma atividade agrícola com retorno mais rápido e oportuna do ponto de vista econômico.

Por mais que esses agroecossistemas estejam tomando rumos para a diversificação, a principal atividade ainda é a produção de hortaliças e, de certa forma, essa especialização pode ser entendida como um risco à sustentabilidade dos estabelecimentos, como lembram Silva et al., (2017), ao afirmarem que quanto maior a diversidade de atividades, maior seria a sustentabilidade da unidade familiar, sendo o contrário também verdadeiro, ou seja, a maior especialização produtiva consiste no menor potencial de sustentabilidade.

É possível aferir, também, que a limitação territorial para produção de alimentos induz os grupos familiares a buscar estratégias no território, como o comércio de culturas dos sítios vizinhos. Nesse caso, a feira da UFPA exerce um importante papel social e contribui para a permanência das famílias no campo, incentivando-as a produzir alimentos e mostrando possibilidades de mercados justos. É a partir da feira que famílias descapitalizadas (por exemplo, Sítio Caipirão) se animam para fortalecer os espaços produtivos e assumem os riscos quando adotam novas estratégias e tecnologias socioprodutivas.

Esse processo de comutação pode ser citado como um dos impactos que a feira tem causado na dinâmica socioprodutiva do grupo. Sobretudo a feira, quando encarada como item inovador, pode significar para essas famílias um elemento essencial ou complementar na dinâmica produtiva, uma vez que para cada agroecossistema esse espaço tem uma relação peculiar.

Adotando-se a tipologia proposta por Lefort (1990), acredita-se que a possibilidade de venda na feira confere impactos modificadores nos agroecossistemas de Santa Isabel do Pará, especificamente no casos do Sítio Peniel, Mastruz e Fé em Deus, pois iniciar o cultivo de novas espécies olerícolas, além de novos espaços de produção (subsistemas produtivos), exige do grupo familiar a adoção de técnicas novas ou mesmo impõem uma alteração no manejo (irrigação, controle fitossanitário etc.). Além disso, o cultivo de espécies frutíferas e a criação de animais são elementos a mais que podem exigir uma reorganização da mão de obra familiar empregada, acarretando modificações na gestão familiar de novas atividades.

#### 4.3.5 Terras agroecológicas: riquezas de sabores e saberes

O último grupo analisado refere-se ao *Sítio Ramos e Flores*, *Sítio Benção de Deus* e *Sítio São Francisco*, localizados em Marituba, Santa Isabel e Irituia, respectivamente. Apesar de estarem incluídos em diferentes territórios, estes agroecossistemas têm a produção agrícola baseada nos princípios agroecológicos como principal semelhança, o que faz com que essas famílias sejam reconhecidas na feira da UFPA pela amplitude de produtos ofertados em suas bancas.

O *Sítio Ramos e Flores* é reconhecido na feira pela exuberância das plantas ornamentais, aromáticas e medicinais, remédios fitoterápicos e cosméticos, especialidade da proprietária que também é certificada como produtora orgânica e integra a Pará Orgânico.

Os cosméticos e fitoterápicos são produzidos no próprio estabelecimento e resultam de um árduo processo em parceria com organizações e instituições locais, entre elas a UFPA que, por meio de projetos de pesquisa, equipou um laboratório caseiro para que a agricultora pudesse manipular e extrair as essências das plantas, conforme exige a legislação farmacêutica. Esses produtos são vendidos nas feiras, repassados por meio de encomendas e, ocasionalmente, levados para exposição em eventos, logo, o trabalho ganhou visibilidade e reconhecimento dos clientes por conta da qualidade oferecida.

Assim, a agricultora especializou-se e passou a ser referenciada por amigos e clientes, principalmente, por socializar conhecimentos e recomendar os produtos ideais para cada enfermidade, mas, como lembra a agricultora, essa transição exigiu tempo e dedicação:

Esse trabalho que eu faço é um trabalho que envolve muito amor. Até eu levar o conhecimento pra ti, eu conseguir te convencer a comprar meu produto, usar, gostar e voltar pra comprar de novo é um caminho muito longo. Então eu saía ofertando, não tinha onde vender, eu saía nos centros de saúde apresentando meus cremes, minhas pomadas, me sentava com uma sacolinha do lado e conversava com os clientes e dizia ‘olha eu tenho uma pomada que é boa pra isso’ se ela não tivesse dinheiro na hora ela me dava o endereço pegava e mandava entregar. E assim eu cansei de trabalhar (G. S. R, AGRICULTORA, 2020).

Em 2017, a agricultora passou a comercializar os produtos na feira da UFPA a convite de um professor, a partir de então intensificou as vendas dos produtos e estabeleceu uma clientela fixa. Esse público consumidor demandou à proprietária a inclusão de outras medicinais e de adubo orgânico, visto que esse item ainda não era comercializado na feira. Como o produto já era produzido no estabelecimento agrícola para uso nos arranjos produtivos, oportunamente a agricultora o incluiu como uma novidade da banca.

No agroecossistema, encontram-se outros arranjos produtivos destinados para o consumo familiar como o SAF's (pupunha, carambola, açai, cupuaçu, cacau, teca, banana, urucum, cajarana e acerola), canteiros para produção de olerícolas (principalmente folhosas) e criação de aves para coleta de ovos caipiras. Sobretudo, o que mais desperta interesse para a agricultora é o comércio das plantas medicinais e os produtos fitoterápicos (Figura 18), pois, esse trabalho tornou-se complementar na renda familiar, sendo a feira da UFPA uma oportunidade para a divulgação do trabalho do grupo familiar.

Figura 18 – Vista geral da área de produção de plantas ornamentais no Sítio Ramos e Flores, em Marituba – PA.



Fonte: Acervo do autor (2021).

Já, o Sítio *Benção de Deus*, localizado na comunidade João Novo, em Santa Isabel do Pará, apresenta uma pequena extensão territorial (0,4 ha) que resulta de um processo de herança ainda não consolidada. Nesse espaço, a família dedica-se ao cultivo de culturas anuais (macaxeira principalmente), frutíferas e na criação de galinha caipira que, esporadicamente, são vendidas para complementar a renda. No lote, há, também, canteiros para plantio de batata doce e hortaliças (couve, alface, cheiro verde, cebolinha, repolho), mas, principalmente, para o cultivo de jambu que se destaca como a principal espécie cultivada.

Essa produção é intensificada em função do fornecimento da flor para uma empresa privada a qual compra a matéria prima para elaboração de cachaça artesanal em grande escala. A parceria, afirma o agricultor, só foi possível devido o modelo de produção adotado no agroecossistema, isso é baseado na produção isenta de agroquímicos. Dessa forma, ao longo do



ciclo da cultura, o agricultor faz uso de práticas agrícolas (manejo, controle fitossanitário, rotação de cultura etc.) baseada em princípios agroecológicos, visando a melhoria da produção.

O modelo de agricultura adotado no agroecossistema é fortemente disseminado para outras famílias da comunidade e a troca de experiência rendeu ao agricultor um vasto conhecimento acerca do manejo agroecológico, como é percebido em uma de suas falas.

A gente não trabalha com veneno não, tem essa outra vantagem...aqui somos agroecológico, não somos orgânicos e não temos o selo de orgânico, ainda tem mais isso. Como tô te falando, aqui deixo tudo pra semente hoje [referindo-se aos canteiros], aí aqui é couve que tô começando de novo, e tem cheiro verde. A lesma tá entrando aqui na couve, mas eu vou comprar aquele sal grosso de botar na carne. Então o que vou fazer ? Vou cercar tudinho de sal. Lesmicida não pode ser usado porque é veneno. O lesmicida por mais que eu jogue ele aqui ó, 2 metro fora do solo ele ainda pode ser afetado pra cá, porque essa lesma pode comer lá e morrer aqui dentro. Sabe por que é fácil acabar com a lesma com sal ? Porque a lesma é social, é educada, porque a lesma só come de um jeito, se ela entrar por aqui, toda noite ela vem só por aqui, ela vem comendo igual. Aí eu tiro um bocado de folha de bananeira, cubro ele com a palha de banana que é pra ele aguentar bastante dias (E. S. C, AGRICULTOR, 2020).

O modo de produção também possibilita que a família seja reconhecida nos espaços de comercialização e na própria feira da UFPA como a “banca do jambu”, e a partir de tal visibilidade a família passou a integrar uma feira de produtos orgânicos em Belém. Além disso, a fixação de uma clientela específica que demanda os alimentos orgânicos engrandecem o trabalho no lote, estabelece uma relação de mercado, faz com que a família persista e dissemine a importância da produção dos alimentos de forma agroecológica.

Assim, como nos outros estabelecimentos situados em Santa Isabel, o Sítio Benção de Deus apresenta limitação de área para plantio, mas esse fator tem sido driblado pela família que busca por constantes inovações. Uma das estratégias adotadas foi investir na diversificação de alimentos cultivados no lote e no uso compartilhado nas terras vizinhas para o plantio de espécies que demandam maior área, como a macaxeira.

A família destina à feira, além dos alimentos produzidos no lote, outros produtos que são comprados na própria comunidade com valores considerados justos. Essa parceria foi estabelecida como forma de contribuir com os moradores que não se fazem presentes nesse espaço de comercialização, assim justifica o proprietário.

Aqui eu trabalho quase como uma cooperativa, o pai do [...] tem desse feijão lá plantado, eu pego com ele, tem o [...] que planta abobora, só que é mais longe pra gente ir na casa dele, planta também um pouco de chicória, eu não trabalho com a mercadoria só minha, entendeu? Mas eu pego, levo pra feira,

vendo e repasso o dinheiro pra eles. Aí tiro só um valor do custo mesmo, e assim a gente vai se ajudando . . . (E. S. C, AGRICULTOR, 2020).

Se inclui a esse grupo a realidade da família do *Sítio São Francisco*, em Capitão Poço, que representa a cooperativa D'Irituia durante as edições da feira da UFPA. No agroecossistema, encontra-se uma diversidade de atividades socioprodutivas, incluindo culturas anuais, agrícolas perenes, espécies florestais e pastagem (SILVA; SILVA, 2018).

Entre essas, destaca-se o cultivo de frutíferas como: açaí, banana, limão, tangerina, laranja, cupuaçu, goiaba, cacau, coco, manga, abacaxi, entre outras, utilizadas em sua maioria para produção de polpas comumente fornecidas para a cooperativa e outros espaços de comercialização como as vendas na feira da UFPA.

Há, também, as hortaliças que, nesse caso, não são comercializadas na feira em função da distância percorrida do local de produção, o que, certamente, causaria prejuízo por conta das perdas por isso, torna-se mais conveniente as vendas de produtos duráveis, os quais possam retornar quando não vendidos. Vale destacar que, além da casa existente no sítio São Francisco, a família possui uma residência na cidade de Irituia, que serve de apoio para armazenamento dos produtos e onde muitos “fregueses” fazem a retirada das encomendas.

Todo o processo de produção é feito com a introdução dos suplementos coletados no próprio estabelecimento, isto é, permitindo o processo de retroalimentação dos arranjos produtivos, diminuindo a necessidade de insumos externos ao agroecossistema. Esse processo fortalece o sistema alimentar por estabelecer uma relação sinérgicas entre os componentes biológicos como a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas agrícolas (ALTIERI, 2004). Dessa forma, a estabilidade produtiva garante, além do consumo da família, a oferta de alimentos suficientes para a comercialização em diferentes canais.

A família cooperada tem como marca o comércio de frutas, farinha, queijo, cachaças, licor de variados sabores, biscoitos de castanha, farofas apimentadas, doces, geleias e molhos especiais. Além disso, agregam às vendas produtos (goma de tapioca, mel, farinha etc.) de famílias cooperadas que não podem se deslocar à Belém.

Nesse caso específico, a feira da UFPA pode ser entendida como uma estratégia para fixar relações institucionais benéficas à cooperativa e para a própria família, de modo a fortalecer ações, criar acordos e inserção em projetos que buscam melhorias socioprodutivas, econômicas e tecnologias aplicáveis a realidade do campo, assim como participar de chamadas públicas nos programas institucionais oferecidos na Universidade (PAA e PANAE). A partir dessa relação - relata a agricultora - foi possível levar cursos de capacitação para a comunidade,

e beneficiar os cooperados através de um projeto que objetivou a capacitação dos agricultores para a implantação de SAF's.

De maneira geral, pode-se atribuir, do ponto de vista produtivo, que esse grupo de agroecossistemas estabeleceu uma relação complementar com a feira da UFPA (LEFORT, 1990), uma vez que as atividades agrícolas percebidas nos lotes já eram práticas no cotidiano dos grupos familiares (por exemplo, a produção de queijo, as hortaliças, cultivo de plantas medicinais, produção de biscoitos, farofas etc.), portanto, a partir do ingresso na feira, essas atividades continuam a ser práticas comuns nos estabelecimentos, ou seja, não houve mudanças significativas no funcionamento do sistema produtivo, apesar de certa intensidade no ritmo de produção.

Como visto, para esse conjunto de agroecossistemas (assim como as do grupo do assentamento Abril Vermelho), a produção agrícola é destinada, prioritariamente, para o consumo familiar, ou seja, é um espaço que absorve o excedente dos estabelecimentos agrícolas. Esse fator está intrinsecamente relacionado ao princípio da autonomia que “(...) materializa-se na criação e no desenvolvimento de uma base de recursos autogerida, envolvendo tanto recursos sociais como naturais” (PLOEG, 2009, p.19), bem como visa fortalecer o poder de decisão das famílias através da flexibilização das relações com o mercado local (PLOEG, 2008).

Do ponto de vista socioeconômico, a feira parece ser mais uma oportunidade para a divulgação dos produtos e do modo de produzir das famílias, caso exemplificado a partir do Sítio Ramos e Flores. Essa relação econômica pode estar associada a economia natural, mencionada por Chayanov (1981), em que cada grupo familiar agrega ao trabalho o retorno material que não necessariamente se reduz ao valor líquido, mas as respostas patrimoniais referentes ao conjunto de meios necessários à produção.

A organização produtiva em cada estabelecimento é influenciada pelo histórico de vida, pelos marcos da conquista do território, assim como a herança cultural dos locais de origem das famílias. Logo, a escolha das atividades agrícolas nos estabelecimentos sofre influência de cada região.

A feira, de certa forma, é um espaço de incentivo para as atividades agrícolas de base agroecológica dessas famílias, que tem os consumidores como componentes fundamentais na consolidação e troca dos saberes, fato esse associado à dimensão socioeconômica e cultural da agroecologia (GUZMÁN, 2013) por considerar as relações sociais e a valorização da pluralidade cultural.

Também, pode-se inferir que esse grupo representa a realidade de outras famílias que, têm, no espaço da feira, a oportunidade de uma construção coletiva de novos conhecimentos e a oportunidade de troca de saberes populares, acadêmicos e científicos. Para esse grupo, a feira pode representar o local de encontro, de socialização, de articulação política, sindical, local de reprodução da identidade e da cultura de um território. Justamente, por isso, são espaços privilegiados que guardam grande potencial para ações coletivas. Como lembra Guimarães (2010), ao afirmar que estes espaços têm um caráter além do comercial, inserindo-se no contexto de reafirmação da identidade popular do povo brasileiro já que destaca os costumes, resgate de valores e sensação de integração social, além de ser expressão de resistência camponesa e disputa de um modelo sustentável de produção.

O quadro 10 apresenta uma síntese acerca dos impactos da feira, segundo a tipologia proposta por Lefort (1990), nos agroecossistemas analisados nesse estudo. Nota-se, em cada caso estudado, a constituição de uma relação a partir da realidade sociocultural e produtiva das famílias, desse modo a feira é agregada como um elemento inovador nos agroecossistemas.

**Quadro 10.** Síntese dos impactos da feira da UFPA, campus Belém, nos agroecossistemas analisados, segundo a tipologia de Lefort (1990)

Grupos	Denominação dos agroecossistemas	Tipo de impacto da feira (LEFORT, 1990)	Características importantes
Terras de fartura	Sítio Santa Rita	Impacto <b>modificador</b> nas práticas desenvolvidas.	A feira motivou as famílias a ampliarem os arranjos produtivos, e a inclusão de novas espécies, intensificando as atividades produtivas da família e gestão do trabalho.
	Chácara Mamãe Ione		
	Sítio Pupunheira		
Terra das Folhosas	Sítio Peniel	Impacto <b>modificador</b> nas práticas desenvolvidas e relações comerciais.	A partir da feira as famílias passaram a diversificar o principal arranjo produtivo nos estabelecimentos, e se inseriram em novos espaços de comercialização, impactando em uma reorganização da gestão de trabalho.
	Sítio Mastruz		
	Sítio Fé em Deus		
	Sítio Caipirão	Impacto <b>complementar</b> nas relações comerciais	A feira parece impactar de forma complementar, não alterando a estrutura e nem o funcionamento do subsistema de criação já existente no lote.
Terras agroecológicas	Sítio Ramos e Flores	Impactos <b>complementares</b> nas relações comerciais e institucionais.	Não houve mudanças significativas no funcionamento do sistema produtivo, apesar de certa intensidade no ritmo de produção. As atividades agrícolas percebidas nos lotes já eram práticas no cotidiano dos grupos familiares. Nesses casos, a feira é uma oportunidade comercial, institucional e para troca de conhecimentos tradicionais.
	Sítio Benção de Deus		
	Sítio São Francisco		

Fonte: Autor (2021).

#### 4.3.6 Alguns impactos e adaptações nos agroecossistemas, frente a pandemia mundial

No período de levantamento das informações em campo, foi possível investigar a realidade de cinco agroecossistemas (Pupunheira; Santa Rita; Caipirão; Benção de Deus e; Fé em Deus) em relação ao enfrentamento da pandemia causada pelo novo coronavírus (COVID-19). As informações foram coletadas a partir das visitas *in loco*, no período de outubro a dezembro de 2020 (período menos crítico da pandemia), e como principal critério para a escolha da amostragem considerou-se o consentimento da família para a atividade presencial no estabelecimento.

De forma unânime, as famílias foram afetadas com a disseminação da doença; assim como na realidade universal, tiveram perdas relevantes de amigos e/ou de membros de seus núcleos familiares.

Em março de 2020, início da pandemia, a feira da UFPA foi suspensa por tempo indeterminado. Dessa forma, os feirantes tiveram de ser afastados do ambiente de comércio que garantia rendas significativas, afetando financeiramente parte das famílias que dependiam diretamente desse espaço. De forma menos drástica, o fator financeiro foi sentido na realidade das famílias inseridas em outros canais de comercialização, como lembra o agricultor do Sítio Benção de Deus.

Eu não fui afetado tanto porque eu tenho outras feiras, eu não dependia só da UFPA. Alguns agricultores que dependem só da UFPA eu tenho certeza que foram afetados demais, porque ali entrava um dinheiro muito bom, ali é uma feira que você faz 1.000,00, 800,00, 500,00 reais, você tá entendendo? Então pra aquele agricultor que não tinha outro meio de venda, ali afetou demais... Mesmo eu não tendo a feira eu forneci bastante minhas flor de jambu pra empresa que tenho parceria. Foi isso que me ajudou bastante, entende? (E.S. C, AGRICULTOR, 2020).

Por mais que o grupo analisado tenha sido beneficiado com auxílio financeiro via política pública (auxílio emergencial)<sup>15</sup> para complementar a renda no período de isolamento social, a paralisação das atividades socioeconômicas resultou em uma instabilidade financeira do grupo familiar, induzindo-os a realizar empréstimos para sanar dívidas acumuladas.

Nesse contexto de isolamento social, os agricultores firmaram estratégias socioprodutivas e comerciais a fim de retomar o cotidiano, estabelecendo o processo de

---

<sup>15</sup> O auxílio emergencial foi um benefício emergencial aprovado pelo Congresso Nacional e sancionado pela Presidência da República, com intuito de garantir uma renda mínima aos brasileiros em situação mais vulnerável durante a pandemia do Covid-19. Nesse caso, populações rurais e que se enquadram nos quesitos, tiveram acesso ao benefício. (Fonte: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/servicos/auxilio-emergencial>).

reorganização dos agroecossistemas, sendo a principal dela o fortalecimento de outras redes de comercialização como: feiras locais, vendas através do PAA e no próprio estabelecimento (Quadro 11).

**Quadro 11.** Principais estratégias comerciais adotadas pelas famílias durante o período de pandemia.

Localização	Identificação	Estratégias Adotadas
Santa Isabel do Pará	Sítio Fé em Deus	Vendas no estabelecimento (galinha, pato etc.).
	Sítio Benção de Deus	Ampliou o fornecimento da flor de jambu para uma empresa privada.
		Retomou as vendas em outras feiras regionais.
	Sítio Caipirão	Passou a entregar frangos abatidos para clientes em Belém, incluindo consumidores da feira da UFPA.
Vendas dos produtos para atravessadores no estabelecimento.		
Santa Bárbara do Pará	Sítio Santa Rita	Vendas dos produtos para atravessadores no estabelecimento.
		Retomou o fornecimento para um grupo de consumo da UFPA.
		Retomou as vendas em outras feiras regionais.
	Sítio Pupunheira	Fornecimento de alimentos via PAA.
		Retomou as vendas em outras feiras regionais.

Fonte: Proposição do autor (2021).

A agricultora que integra o grupo de consumo relatou sobre a parceria fixada junto a um integrante do MST. Duas vezes ao mês, o intermediador recolhe os produtos no próprio estabelecimento e destina aos consumidores em Belém. O repasse dos produtos (macaxeira, galinha caipira, farinha, entre outras) para o grupo é feito sob o mesmo preço praticado na feira e, nesse caso, descontando o valor dos custos com deslocamento.

As estratégias citadas dialogam com as diferentes iniciativas em nível nacional, que buscam minimizar os impactos da pandemia na dinâmica da agricultura familiar. Breitenbach (2021) classificou as ações em dois grupos: ações governamentais e políticas públicas emergenciais; e ações da sociedade civil, agricultores, organizações representativas e demais atores da sociedade. No segundo grupo, destacam-se as novas dinâmicas de trabalho e comércio, e as redes de solidariedade e ações humanitárias, agregando a importância da participação dos consumidores nos grupos de consumo. Tal como, da importância humanitária destinada aos agricultores familiares em processo de readaptação socioproductiva.

A retomada das vendas nas feiras regionais foi acontecendo gradativamente, de acordo com a flexibilização sanitária de cada região. Porém, essa retomada não tem sido atrativa para

os agricultores que associam o enfraquecimento desses espaços ao fato de o maior público consumidor ser do grupo de risco. Embora, algumas feiras tenham retomado, o comércio de alimentos desses espaços, notoriamente, foi afetado por conta da baixa circulação de pessoas (ALVES et al., 2020) que vivenciam um lento processo de (re)adaptação social, chamado “novo normal”.

As vendas dos produtos no próprio estabelecimento para atravessadores foi uma alternativa encontrada pelas famílias, mas essa relação comercial, para alguns, torna-se inviável em função dos preços praticados em cima de cada produto, submetendo-os ao fornecimento a baixo custo. Por outro lado, no caso específico do agroecossistema Fé em Deus, foi a forma mais viável para suprir a ausência da feira da UFPA, bem como suprir o déficit do fornecimento dos produtos resultante da produção hidropônica, principal atividade produtiva nesse agroecossistema, como relata a agricultora:

A gente trabalha direto aqui na nossa terra. Nosso forte é a hidroponia, mas veio a pandemia e parou. Eu tirava o dinheiro da feira para comprar os adubos. Esse ano eu tinha muito pato e galinha, aí fui vendendo devido à pandemia. Esses patos que eu ‘tava’ criando era pra vender tudinho lá na UFPA. Eu já tinha comprado grandinho só para engordar pra quando chegar a data certa eu vender. Mas acabou que tive que vender por aqui mesmo, porque a gente parou a hidroponia (A. R. R. A, AGRICULTORA, 2020).

Reitera-se o papel da UFPA enquanto instituição parceira na formalização de estratégias junto às famílias que compõe a feira. Diante de uma realidade atípica, ações coletivas que possam auxiliar as famílias nesse período são de fundamental importância, dentre essas a estruturação de grupos de consumo consciente, ou mesmo na organização em rede (via aplicativos de mensagens) para facilitar o comércio da produção das famílias. Uma ação dessa natureza foi iniciada por meio dos colaboradores do INEAF (professores, técnicos e alguns consumidores externos), junto aos agricultores ligados a feira da UFPA. Durante o período de suspensão da feira, alguns feirantes entregavam uma vez ao mês os produtos diretamente na casa dos consumidores, de acordo com o pedido previamente elaborado pelos consumidores.

Na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, os professores, consumidores e feirantes constituíram a Feira Virtual dos Povos do Campo, que se baseou na divulgação dos produtos por meios digitais, estimulando a participação comunitária e adotando-se o sistema de entregas *Delivery* (ALVES et al., 2020).

Além do impacto financeiro, a pandemia, também, afetou diretamente a produção agrícola nos agroecossistemas. Atividades como o cultivo de hortaliças, criação de frangos caipiras e a produção de produtos perecíveis (iogurte, beiju, goma) foram suspensas nos



estabelecimentos analisados. Breitenbach (2021) infere que essa mudança é consequência direta da redução ou paralização do escoamento desses produtos, além de que “os vínculos construídos entre consumidores e agricultores familiares sofreram distanciamentos, em alguns casos, e aproximação, em outros.” (BREITENBACH, 2021, p. 190).

No sítio Fé em Deus, o cultivo de alface e rúcula em sistema hidropônico (Figura 19) foi suspenso logo no início da pandemia, pois a rede de supermercado que comprava a produção da família alegou restrições para a entrega das mercadorias, apesar de estarem retomando lentamente a produção. No caso do Sítio Santa Rita, os projetos previstos para o ano de 2020, em parceria com uma instituição pública Estadual, foram adiados. O planejamento previa a construção de uma Unidade Demonstrativa para a criação de abelha sem ferrão, o fornecimento de mandioca melhorada e a implantação de um pimental no sítio.

Figura 19 – Produção de hortaliças em sistema hidropônico no Sítio Fé em Deus, em Santa Isabel do Pará.



Fonte: Acervo do autor (2020).

Essa redução ou suspensão de algumas atividades está associada ao fator da perecibilidade dos alimentos (a exemplo das hortaliças), visto que alguns desses passam por um processo rápido de amadurecimento até mesmo na própria planta. Frente a suspensão da feira, os agricultores veem-se diante de um impasse comercial e na tentativa de evitar perdas acabam repassando os alimentos a preços abaixo do mercado (CLAUDINO, 2020; BREITENBACH, 2021).

Nesse processo de isolamento, o custo de produção do frango caipira (no sítio Caipirão) precisou ser elevado por conta do aumento da ração avícola, mesmo com a redução do plantel

no estabelecimento, os custos com manejo e sanitização mantiveram-se elevado, assim explica o agricultor que:

Lá na feira eu vendia o frango a 35,00 reais, e sempre dava um desconto as vezes né, se o cliente fosse amigo. Mas hoje, o custo que eu 'to' tendo com a manutenção, pra manter isso aqui não tem como ser esse preço. Ai se eu for entregar pra clientes lá em Belém tem que ser no mínimo 45,00, e tem que ser uma quantidade boa pra poder tirar o custo de deslocamento, tá entendendo? Aí, no caso aqui dos atravessadores, eu passava antes de 30,00. Os meus frangos, agora, não consigo passar menos de 32,00, mas ainda assim não é vantagem porque só com ração que eu gasto não é pouco.

Apesar do período de isolamento ter impactado a dinâmica socioproductiva e econômica nos agroecossistemas, as famílias afirmaram que o consumo de alimentos não foi modificado junto ao grupo familiar, já que as atividades produtivas existentes nos lotes garantiram os alimentos necessários para sustentação do grupo familiar no período vigente da pandemia. Esse “conforto” alimentar é reflexo da manutenção dos agroecossistemas, autonomia socioproductiva e valorização da diversificação dos arranjos produtivos (PLOEG, 2008), preceitos esses relacionados aos princípios agroecológicos que buscam, entre outros resultados, a garantia da segurança e soberania alimentar dos povos camponeses (CASSARINO, 2015). Por outro lado, não se pode afirmar que a família inserida no contexto de uma produção especializada tem a mesma garantia alimentar, pois o agroecossistema pode mostrar-se fragilizado em termos da autossustentação e diante de um impacto mostra-se menos resiliente, quando comparado aos diversificados.

## 5 CONCLUSÕES

O processo histórico em torno da criação da feira da agricultura familiar da UFPA, *campus* Belém, mostrou importantes marcos e mudanças ao longo dos cinco anos de existência. Esse espaço, inserido na dinâmica dos circuitos curtos de comercialização, foi instituído a partir da demanda dos agricultores familiares não incluídos nas chamadas públicas para compras institucionais. A Universidade, em contrapartida, esquematizou a feira como um projeto de extensão universitária, tendo o público interno (professores, técnicos e estudantes) e comunidade ao entorno do *campus* como principais consumidores.

Nesse processo, a feira tem envolvido um conjunto de faculdades e institutos que desenvolvem inúmeros projetos de pesquisas acerca da dinâmica socioeconômica. No entanto, esse espaço foi sendo constituído de forma voluntariada e sem uma lógica organizacional de agregação de novos feirantes. Detectaram-se, em consequência a isso, implicações: ausência de reuniões de avaliação e planejamento, falta de espaços para decisões, ausência de divulgação e público consumidor etc., o que afeta o estímulo das famílias como protagonistas no espaço.

Constatou-se que as famílias feirantes residem em diferentes municípios do Nordeste paraense e região metropolitana de Belém e são representadas, na maioria, por mulheres que desempenham um importante papel na feira. Todas as famílias participam de outros canais de comercialização como feiras, programas institucionais ou vendas diretas no estabelecimento agrícola. Em alguns casos, a feira da UFPA tem potencializado a abertura de novas janelas para os feirantes que dela participam, a exemplo da realidade do Sítio Peniel, além disso a rede de contatos entre os agricultores se torna ampla possibilitando a inclusão destes em outras feiras locais.

Os agricultores participam de associações, cooperativas e ou movimentos sociais que contribuem na articulação social e desempenham importante papel para a inclusão nos mercados locais. A partir dessas representações, as famílias, também, criam vínculos, estabelecem parcerias com a universidade e captam benefícios destinados ao desenvolvimento das atividades no campo.

De maneira geral, a feira é caracterizada pela diversidade de alimentos e de produtos comercializados, incluídos em quatro grupos: hortaliças e legumes; frutas, raízes e leguminosas; alimentos processados e beneficiados; e outros produtos, como peixe, camarão, plantas medicinais e fitoterápicos. Dessa forma, a feira mostra-se como um espaço estratégico para dar visibilidade a produção de alimentos saudáveis, produzidos nos agroecossistemas, mas também

é oportuna para a criação de laços sociais, políticos e fortalecimento da fraternidade entre os feirantes e consumidores.

Na relação estabelecida entre os agroecossistemas e a feira, infere-se que esse espaço de comercialização tem impactado as lógicas produtivas familiares de diferentes formas. No conjunto analisado, a constituição dos arranjos produtivos dos estabelecimentos pode estar relacionada com a necessidade de garantir a reprodução social e material, assim como a busca por uma autonomia socioprodutiva e da relação com os mercados locais. Considerou-se, nessa análise, como fator limitante, por exemplo, a disponibilidade de área para plantio que ajuda a explicar a especialização produtiva em determinados agroecossistemas e a dificuldade de oferta de alimentos ao longo do ano.

A participação das famílias na feira da UFPA pode ser compreendida como uma estratégia adotada com intuito de fortalecer as comunidades rurais e suas formas artesanais de produção. Com a intensificação das vendas e a demanda por novos produtos, ocorre, em alguns casos, o processo de ampliação e a diversificação dos arranjos produtivos nos estabelecimentos agrícolas, estabelecendo-se uma relação modificadora na dinâmica de trabalho do grupo familiar, como também na organização e gestão dos agroecossistemas. Essa intensificação, também, resulta na busca por novos espaços para comercialização, como outras feiras temáticas.

Em outros casos estudados, a feira causou um efeito de baixo impacto (complementar) na lógica socioprodutiva, onde não se constata alterações significativas na dinâmica socioprodutiva. Nesses casos, a participação da família parece ser uma estratégia para atribuir visibilidade aos produtos e estabelecer parcerias institucionais, mas no contexto econômico tem contribuído fortemente para a renda familiar, garantindo certa segurança ao grupo familiar.

No atual período de pandemia, observou-se que as famílias têm adotado estratégias comerciais com intuito de driblar os impactos do isolamento social assim como da ausência da feira da UFPA, dentre essas o retorno ou adoção de outras redes de comercialização (feiras locais, vendas através do PAA e no próprio estabelecimento), mas esse retorno às feiras tem sido pouco atrativo para as famílias, uma vez que o público consumidor tem sido escasso.

A pandemia também causou impactos na produção agrícola de alguns agroecossistemas, especialmente naqueles que têm a horticultura como principal atividade do lote, fato relacionado à precibilidade dos produtos e impactos nos preços no período pandêmico, conseqüentemente, essas famílias reduziram a produção para evitar custos indesejados.

Por fim, é válido registrar algumas reflexões com intuito de incentivar futuras pesquisas relacionadas à feira, assim como os atores envolvidos no processo de constituição. Inicialmente

frisa-se a importância desta iniciativa como um importante espaço socioeducativa para a universidade.

A feira caracteriza-se pela diversidade sociocultural e política representada por diferentes públicos, que consolidam uma vasta riqueza gastronômica, de saberes tradicionais, e cultural, de forma que o evento se torna atrativo para investigações acadêmicas de diferentes naturezas (sociologia, economia, saúde, educação etc.) Logo, enfatiza-se a importância desse projeto de extensão como meio de diálogo entre universidade e famílias do campo.

Contudo, a feira tem recebido pouca atenção no tocante às políticas institucionais que venham a contribuir com as famílias feirantes. Reafirma-se a necessidade da institucionalização da feira como um programa da universidade. Essa mudança de projeto de extensão para programa contribuirá para o fortalecimento e a modelagem de espaços para tomada de decisões de todos os agentes envolvidos, além da captação de recursos (projetos, pesquisas, melhorias na infraestrutura etc.), a visibilização do espaço e maior envolvimento do público externo. A partir de então, a feira poderá cumprir seu papel social enquanto espaço para além do comércio, mas um espaço de formação das famílias agricultoras que busque o processo de transição socioproductivo, cultural e econômico.

Boa parte das famílias, que foram acompanhadas nesse estudo de caso, participam ou já participaram de outras redes de comercialização, na lógica de aproximação com os consumidores finais, a exemplo dos programas institucionais (PNAE e PAA). Porém, uma parcela das famílias ainda não conseguiu atingir a organização institucional requisitada pelas chamadas públicas, esse fato envolve inúmeros fatores que requerem investigações mais profundas.

Outro ponto que desperta atenção é o fato de que algumas famílias mais antigas “abandonaram” a feira da UFPA. Entre as motivações, cogita-se a problemática da distância entre o local de produção e o de comercialização, sendo que esses grupos, de certa forma, podem ter alcançado um nível organizacional em seus próprios municípios (criação de espaços independentes, coletivos etc.) ao ponto que a feira pode ter sido um modelo adotado para o fortalecimento da autonomia desses grupos.

Os consumidores que frequentam a feira estabelecem um grau de relação social que ultrapassa a relação comercial com os feirantes. Essa relação amorosa, de amizade e simpatia, é induzida, primeiramente, pelo perfil dos feirantes que incorporam ao ambiente da feira os ensinamentos de uma educação popular baseada no cooperativismo, economia solidária e construção coletiva.

Além disso, a fidelização dos consumidores envolve inúmeros fatores: a relação de confiança, a garantia da qualidade dos alimentos, o contato direto com o produtor e o fato de que muitos alimentos tradicionais só podem ser encontrados neste espaço, o que remete o resgate de memórias dos consumidores que tiveram alguma vivência com o campo.

Ainda na dinâmica da relação dos feirantes-consumidores, é estratégico um levantamento concreto do quadro de consumidores que estão diretamente envolvidos na feira da UFPA, especialmente no período pós pandemia, visto que a feira teve suas atividades paralisadas e, de certa forma, houve uma tendência de distanciamento entre o consumidor e feirante, característica esta que diverge do princípio teórico dos circuitos curtos de comercialização.

A partir da relação feira-agroecossistema estabelecida nesse trabalho, observaram-se indicadores relacionados as mudanças socioprodutivas e econômicas em âmbito local. Com isso, espera-se que novos estudos sejam realizados na expectativa de compreender mais a fundo tais dinâmicas, dando-se visibilidade à realidade dos povos do campo. Além disso, citam-se os emblemas enfrentados no processo de diversificação alimentar, na adoção de novas estratégias produtivas e de comercialização bem como os fatores que implicam transição para um novo modelo de produção alimentar (convencional para o agroecológico).

Como último ponto a ser considerado, cita-se a necessidade de mapear impactos na organização dos agroecossistemas familiares. Acredita-se que as consequências pandêmicas sejam mais complexas, principalmente, no bem-estar das famílias do campo, uma vez que boa parte das comunidades rurais não dispõem de acompanhamento básico de saúde. Por outro lado, como indicado nesse trabalho, o fato de que as famílias apresentam uma vasta diversidade produtiva garantiu determinada segurança alimentar e minimizou os impactos do isolamento social, porém não se tem a garantia de que essa realidade seja representativa para o quantitativo de famílias envolvidas com a feira da UFPA.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e serviço público: novos desafios para a extensão rural. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 15, n. 1, p. 137-157, 1998.
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- ALTIERI, M. A.; NICHOLL, C. I.; HENAO, A.; LANA, M. A. Agroecology and the design of climate change-resilient farming systems. **Agronomy for sustainable development.**, v. 35, n. 3, pág. 869-890, 2015.
- ALTIERI, M. A; NICHOLLS, C. I. Agroecología: única esperanza para la soberanía alimentaria y la resiliencia socioecológica. **Agroecología**, v. 7, n. 2, p. 65-83, 2012. Disponível em: <https://revistas.um.es/agroecologia/article/view/182861>. Acesso em: 01 out. 2021.
- ALVES, R. A.; SOUZA, A.; MEDEIROS, A. **economia solidária e agroecologia**. Olinda: mxm gráfica e editora, 2018.
- AMADOR, A. M. **A feira como espaço de valorização da agricultura familiar: o caso da feira da agricultura familiar, no município de Marabá, sudeste do estado do Pará**. 2017. 104 f. (Dissertação de mestrado) - Programa de Pós-graduação em dinâmicas territoriais e dinâmica na Amazônia: Universidade Federal do Pará. 2017.
- AQUINO, S. F. **Entre a roça e a feira: a circulação da produção agrícola no Amazonas**. 2014. 225 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- AZEVEDO, H. P.; ASSIS, W. S. de.; SOUZA, R. da P. Transição agroecológica: reflexões a partir de agroecossistemas de camponeses agroextrativistas na Amazônia numa perspectiva política. **Revista Brasileira de Agroecologia**. v. 14. n. 2. p. 51-64. 2019.
- BADUE, A. F. B.; GOMES, F. F. F. **Parceria entre Consumidores e Produtores na Organização de Feiras**. São Paulo: Instituto Kairós, n. 2, 2011.
- BARRA, W. **Programa de Feiras orgânicas no município de Belo Horizonte, MG: caracterização, potencialidades, limites e desafios**. 2017. 94 f. Dissertação (Mestrado em Agricultura Orgânica) - Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2017.
- BATISTA, M. A. da S. **Questão agrária e campesinato: a feira agroecológica como uma estratégia de consolidação camponesa**. 2014. 108 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2014.
- BAVA, S. C. Circuitos Curtos de Produção e Consumo. In: BARTELT, D. D (org). **Um Campeão Visto de Perto: Uma Análise do Modelo de Desenvolvimento Brasileiro**. Rio de Janeiro/RJ: Heinrich-Böll-Stiftung, editora e Gráfica, 2012.

BERALDO, K. A.; OLIVEIRA SUNICA, M. A.; MELO, J. A. Mercado alternativo e transição agroecológica: o caso feirinha da UFT. **Capim Dourado: Diálogos em Extensão**, v. 1, n. 1, p. 38-46, 2018.

BERALDO, K. A.; MENDONÇA, R. M. G.; MELO, J. A. de; BRITO, S. C. D. de. Caminhos para construção do conhecimento agroecológico no estado do Tocantins. **Cadernos de Agroecologia**. v. 13, n. 1, Jul. 2018.

BEZERRA, I.; PEREZ-CASSARINO, J. **Soberania Alimentar (SOBAL) e Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) na América Latina e Caribe**. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

BOLETIM INFORMATIVO. **Feira da agricultura familiar na UFPA**. ANO VI, Nº 8 - Belém-PA. 09 de março de 2018. Material impresso.

BORSATTO, R. S.; CARMO, M. S. do. O MST e a Edificação de uma Proposta de Reforma Agrária Baseada em Princípios Agroecológicos. **Retratos de Assentamentos**. v. 16, n. 2, p. 221-243. 2013. ISSN 2527-2594.

BOTH, J. P. C. L. **Mel na composição da renda em unidades de produção familiar no município de Capitão Poço, Pará, Brasil**. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará: Belém. 2008.

BOTH, J.P.C.L. **Mel na composição da renda em unidades de produção familiar no município de Capitão Poço, Pará, Brasil**. 105 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas familiares e desenvolvimento sustentável). Universidade Federal do Pará, Belém. 2008.

BRASIL. **Bolsa Família**. Disponível em: <https://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 19 out. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria nº 1.565, de 18 de Junho de 2020. Junho de 2020.

BREITENBACH, R.. Estratégias de enfrentamento dos efeitos da pandemia na agricultura familiar. **Desafio Online**. Campo Grande: MS, v. 9, n. 1, 2021.

BRITO, V. C. D. **Feira do produtor rural de Rorainópolis-RR: uma proposta de espaço não formal para o ensino de ciências**.2014. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Roraima. 2014.

BUENAVENTURA RAMIREZ, I. M. **Circuitos curtos de comercialização (CCC): O caso das comunidades agroextrativistas na Amazônia Paraense no Norte do Brasil**. 138 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares) - Instituto Federal do Pará: Castanhal. 2019.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: Alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. 24p. Disponível em: <https://www2.feis.unesp.br/Home/departamentos/fitotecniatecnologiadealimentosesocioeconomia716/antoniolazarosantana/principios-agroecologia.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.



CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília: MDS/Embrapa, 2009.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix. 1996.

CARDOSO, F. S. A. **A feira do produtor rural e a área verde escolar como espaços educativos para abordar educação ambiental e cidadania com professores e alunos da escola estadual osvaldo cruz, Boa Vista-RR**. 2019. 124 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Roraima. 2019.

CARDOSO, M. C.; SOUSA, S. Rocha; LIRA, Á. G .S; ALVES, D. M. R; PINTO, R. B; CHIBA ALVES, H. S. Consumidor de alimentos orgânicos: um estudo na Feira da Agricultura Familiar na Universidade Federal do Oeste do Pará em Santarém-PA. **Cadernos de Agroecologia**. v. 13, n. 1. 2018.

CASTRO, M.S.A.; VIANA, A. P. S.; PEREIRA, A. J. G.; PIMENTEL, C. R.; PAULETTO, D. Feira agroecológica: relato de experiência da comercialização de produtos orgânicos em Santarém- Pará. In: **III Congresso Internacional das Ciências Agrárias –COINTER**. 2018.

CHAVANTE, B. S. O. et al. Desconstruindo a ideia de que o bom sempre é caro: análise comparativa entre os preços de produtos orgânicos e convencionais no município de Castanhal - PA. **Cadernos de Agroecologia**. v. 13, n.1, 2018.

CHAVANTE, B. S. O; GONÇALVES, M. L. N. S. **Comercialização de alimentos agroecológicos: um estudo de caso do projeto “Encurtando Caminhos”**. 2020. 66 f. Impresso por computador (fotocópia).

CHAYANOV, A. V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: SILVA, G. S.; VERENA, J. S. **A Questão Agrária**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. p. 133-163.

CLAUDINO, L. S. D. **Impactos da pandemia de Covid-19 para a agricultura familiar paraense e a Agroecologia como um caminho para a superação**. UNIFESPA Contra a COVID 19. Disponível em: <https://acoescovid19.unifesspa.edu.br/2-uncategorised/87-painel-reflex%C3%A3o-em-tempos-de-criese.html>. Acesso em: 16 de set. 2020.

CORDEIRO, I. M. C. C; ARBAGE, M. J. C; SCHWARTZ, G. Nordeste do Pará: configuração atual e aspectos indenitários. In: CORDEIRO, I. M. C. C.; RANGEL-VASCONCELOS, L. G. T.; SCHWARTZ, G.; OLIVEIRA, F. A. (Eds.). **Nordeste Paraense: panorama geral e uso sustentável das florestas secundárias**. Belém: EDUFRA, 2017. p. 19-59.

COSTA, F. A. Questão agrária e macropolíticas na Amazônia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 53, n. 19, p. 1-26, 2005.

COSTA, F. de A. Economia camponesa e dinâmica inovativa no caso de Capitão Poço. In: **Economia camponesa nas fronteiras do capitalismo: teoria e prática nos EUA e na Amazônia Brasileira**. Belém: NAEA. 2012. p. 224-273.

CRÚZIO, H. O. **Como organizar e administrar uma cooperativa: uma alternativa para o desemprego**. Rio de Janeiro: editora FGV. p. 156. 2005.

DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. In: NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L. de.; VEZZANI, F. M. (Orgs). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós. 2013. p. 139-170.

DAROLT, M. R.; LAMINE, C.; BRANDEMBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Revista Agriculturas**, v. 10, n. 2, p. 8-13, 2013.

DE SOUSA, L. G. **Memórias de Economia: Ensaios: a realidade brasileira**. Edição electrónica. 2004. Disponível em: [www.eumed.net/cursecon/libreria/](http://www.eumed.net/cursecon/libreria/). Acesso em: 08 jan. 2021.

FAO. **Agricultores familiares são essenciais para subsistência global, diz oficial da ONU**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agricultores-familiares-sao-essenciais-para-subsistencia-global-diz-oficial-da-onu/>. Acesso em: 05 de ago. de 2018.

FEIDEN, A. Agroecologia: Introdução e Conceitos. IN: AQUINO, A.M.; ASSIS, R.L. **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. p. 49-69.

FINATTO, R. A; CORRÊA, W. K. Desafios e perspectivas para a comercialização de produtos de base agroecológica - O caso do município de Pelotas/RS. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 1, p. 95-105, 2010. Disponível em: [https://orgprints.org/id/eprint/24998/1/Finatto\\_Desafios.pdf](https://orgprints.org/id/eprint/24998/1/Finatto_Desafios.pdf). Acesso em: 08 ago. 2021.

FRADE JÚNIOR, J. M. **Feira do produtor rural do município de Coari, Amazonas**. 2006. 46 f. (Monografia) - Especialização em Extensão Rural para o desenvolvimento sustentável. Belém: Universidade Federal do Pará. 2006.

GADELHA, D. Feira no parque do Utinga apresenta produção da agricultura familiar. Disponível em: <https://redepara.com.br/noticia/166604/feira-no-parque-do-utinga-apresenta-producao-da-agricultura-familiar>. Acesso em: 16 de setembro de 2020.

GARCIA FILHO, D. P. Análise diagnóstico de sistemas agrários: guia metodológico. **INCRA/FAO**, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 3a. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2005. 653p.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecology: a global movement for food security and sovereignty**. In: *Agroecology for Food Security and Nutrition Proceedings of the FAO International Symposium*. Rome, Italy, 2014. p.18-19.

GLIESSMAN, S. R.; ROSADO-MAY, F.J.; GUADARRAMA-ZUGASTI, C.; JEDLICKA, J.; COHN, A.; MENDEZ, V.E.; COHEN, R.; TRUJILLO, L.; BACON, C.; JAFFE, R. Agroecología: promoviendo una transición hacia la sostenibilidad. **Revista Ecosistemas**. v. 16, n. 1, 2007. Disponível em:

<https://www.revistaecosistemas.net/index.php/ecosistemas/article/view/134>. Acesso em 10 jun. 2021.

GODOY, W. I. **As Feiras Livres de Pelotas-RS: Estudo Sobre a Dimensão Socioeconômica de um Sistema Local de Comercialização**. 284 f. Tese (Doutorado em Produção Vegetal) - Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas: UFPEL. 2005.

GODOY, W. I.; ANJOS, F. S.. A Importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.

GONÇALVES, E. V.; SANTOS, G. N. S.; SOUSA, H. F. M. ; MUNIZ, R. A. ; SILVA JUNIOR, A. L. Agrobiodiversidade da feira dos povos do campo da UNIFESSPA-101. **Seminário de Projetos de Ensino (ISSN: 2674-8134)**, v. 4, n. 1, 2015.

GONZAGA, N. B; GUERRA, G. A. D; ROCHA, A. C. de O. GRUCA (Grupo para Consumo Agroecológico): autogestão e cooperação entre consumidores e produtores da Feira Orgânica de Belém e do Assentamento Mártires de Abril (Mosqueiro–Belém–Pará). **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3. 2016.

GONZÁLES MOLINA, M.. de. Introducción a la Agroecología. **Madrid: Sociedade Española de Agricultura Ecológica (SEAE)**, 2011.

GOODMAN, L. Snowball Sampling. *Annals of Mathematical Statistics*. p. 148-170, 1961.

GRUPO DE CONSUMO AGROECOLÓGICO- GRUCA. Disponível em: <http://redeanaamazonia.blogspot.com/2013/04/vem-ai-o-gruca-grupo-para-consumo.html>. Acesso em: 16 de ago. 2019.

GUIMARÃES, C. A. A feira livre na celebração da cultura popular. **Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação**, v. 1, n. 1. 2010.

GUZMÁN, E. S.. El despliegue de la sociología agraria hacia la agroecología. **Cuides. Cuaderno Interdisciplinar de Desarrollo Sostenible**, n. 10, p. 85-109, 2013.

HURTIENNE, T. P. Agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável na Amazônia. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 8, n. 1, p. 19-71, jun. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR - IDEC. Disponível em: [https://feirasorganicas.org.br/o-que-e/\(brasil\)](https://feirasorganicas.org.br/o-que-e/(brasil)). Acesso em: 18 mai. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo agropecuário 2017: agricultura familiar – primeiros resultados**. 2017. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>. Acesso em: 17 set. de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **População ocupada nos estabelecimentos agropecuários cai 8,8%. 2019**. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25789-censo-agro-2017-populacao-ocupada-nos-estabelecimentos-agropecuarios-cai-8-8>. Acesso em: 17 de set. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Relatório de pesquisa**. Região metropolitana de Belém. 2015.

JUSTINIANO, S.; FARIAS, E. W. C.; PENA, H. W. A.. Análise da demanda produtiva no estado do Pará – Município de Santa Isabel do Pará, Amazônia–Brasil. *Observatorio de la Economía Latinoamericana*. n. 194, 2014.

LAGE, M. F. R. **O mercado orgânico de BH**: um estudo de caso das feiras orgânicas municipais. 2016. 60 f. Dissertação (Mestrado em Agricultura Orgânica). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2016.

LAMARCHE, H. **A agricultura familiar**: comparação internacional. São Paulo: UNICAMP, 1993. 336p.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.

LEFORT, J. **Inovação tecnológica e experimentação no meio rural**. Brasília: DAS / CIRAD / CPAC / EMBRAPA, 1990. p. 11.

LISBOA, G. T. C. **Feira do ver-o-peso**: um espaço não formal e interdisciplinar de educação. 2016. 68 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará. 2016.

LUCENA, J. M. S. de; RIBEIRO, A. L de A. COVID-19 e a Ciência. **Arquivos Brasileiros de Educação Física**, [s. l.], v. 2, n. 2. p. 09-14. 2019. Disponível em: 10.20873/abef.2595-0096.v2n2p09.2019. Acesso: 11 out. 2020.

LUIGI, R; SENHORAS, E. M. **O novo coronavírus e a importância das organizações internacionais**. Nexo Jornal, [s. l.], v. 14, n. 4. 2020. Disponível em: [www.nexojornal.com.br](http://www.nexojornal.com.br). Acesso em: 15 jun. 2020.

MACHADO, L. C. P; MACHADO FILHO, L. C. P. **A dialética da agroecologia**. Contribuição para um mundo com alimentos sem veneno. ed 1, São Paulo: expressão popular, 2014. p. 189-197.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas. 2010.

MARTINS, A P. C; SOUSA, E. P. de. Caracterização da Feira Agroecológica no município de Várzea Alegre–CE: o caso do Sítio São Vicente. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, 19.3: 161-180. 2015.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, MCS. “Feria Livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole”. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico**, UFG/IESA. v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008.

MATTEI, L. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. **Revista Econômica do Nordeste**. p.83-92. 2014.

MATTOS, L. M. **Decisões sobre usos da terra e dos recursos naturais na agricultura familiar amazônica: o caso do proambiente.** 458 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Área de Informação da Sede-Tese/dissertação (ALICE), 2010. Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/890123>. Acesso em: 30 mai. 2020.

MIGUEL, L. A. Abordagem sistêmica da unidade de produção agrícola. WAGNER, S. A.; GIASSON, E.; MIGUEL, L. A.; MACHADO, J. A. D. (Orgs). **Gestão e planejamento de unidades de produção agrícola.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010. p. 11-18, 2010.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. ed. 18. Petrópolis: Vozes. 2001.

MODEL, P. A.; DENARDIN, V. F. Agricultura familiar e a formação de circuitos curtos de comercialização através das feiras livres: o caso da Matinfeira-PR. **Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente (ENGEMA).** 2014.

NEVES, D. P. Agricultura familiar: In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. [Org.]. **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular. 2012.

NEVES, D. P. Agricultura familiar: quantos ancoradouros. **Geografia Agrária: teoria e poder**, v. 1, p. 211-270, 2007.

NODA, H.. Agricultura Familiar na Amazônia, Segurança Alimentar e Agroecologia: Artigo para Leitura. **Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)**, 2006.

OZELAME, O.; MACHADO, J. A D.; HEGEDUS, P. de.; O enfoque sistêmico na extensão: desde sistemas “hard” a sistemas “soft”. **Agrociencia-Sitio en Reparación**, v. 6, n. 2, p. 53-60. 2002.

OLIVEIRA, L. M. B. **A Feira do produtor do Município de Boa Vista - RR: o perfil socioeconômico dos feirantes.**46 f. (Monografia) - Especialização em Extensão Rural para o desenvolvimento sustentável. Belém: Universidade Federal do Pará. 2006.

OLIVEIRA, R. A. de. **A feira agroecológica da várzea Paraibana: práticas educativas para uma economia popular solidária.** 2004. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2004.

OLIVEIRA, M. C. Cesar; ALMEIDA, J.; SILVA, L. M. S. Diversificação dos sistemas produtivos familiares: reflexos sobre as relações sociedade-natureza na Amazônia Oriental. **Novos Cadernos NAEA**, v. 14, n. 2, p. 61-88, 2011.

OLIVEIRA, D. de P. R. **Manual de gestão das cooperativas: uma abordagem prática.** ed. 7. São Paulo: Atlas. 2015.

OLIVEIRA, H. do V. de.; SOUZA, F. S. de. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, [s. l.], v. 2, n. 5, p. 15-24. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3753654>. Acesso em: 07 ago. 2020.

PASTRO, I. I.; GOMES, M. C.; GODOY, W. I. É dia de feira. In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. 3., 2003, Brasília. **Anais...** Brasília: UEM/UEL/UnB, 2003, p. 71-84.

PEINADO, J.; GRAEML, A. R. **Administração da produção** (Operações industriais e de serviços). Curitiba: Unicenp. 2007. p. 750.

PEREIRA, V.; BRITO, T.; PEREIRA, S. A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **Revista Ciências Humanas**, v. 10, n. 2, 2017.

PEREZ-CASSARINO, J. Agroecologia, mercados e sistemas agroalimentares: uma leitura a partir da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. In: GOMES, J. C. C, ASSIS. W. S. (Org). **Agroecologia: princípios e reflexões conceituais**. Brasília, DF: Embrapa, p. 181-230, 2013.

PIERRI, M. C. Q. M.; VALENTE, A. L. E. F. A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar. In: CONGRESSO DA SOBER, 49., 2010, Campo Grande. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/15/234.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2020.

PINHEIRO, S. L.G. O enfoque sistêmico e o desenvolvimento rural sustentável: uma oportunidade de mudança da abordagem hard-systems para experiências com soft-systems. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 1, n. 2, p. 8. 2000.

PINO, F. A. Sazonalidade na agricultura. **Revista de Economia Agrícola**. n. 61, v. 1, p. 63-93. 2014.

PINTO, E. C. O.; FERREIRA, I. C. de J. Feira de produtos orgânicos: uma possibilidade de (re) produção da agricultura camponesa-Belém/PA. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

PLOEG, J. D. V. D. **Camponeses e Impérios Alimentares**; lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008. 372 p.

PLOEG, J. D. V. D. O modo de produção camponês revisitado. In: SCHNEIDER, S. (Org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 13-54.

PLOEG, J. D. V. D. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro, AS-PTA, 2009. p. 17-31 (edição especial da Revista Agriculturas: experiências em agroecologia).

PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Saberes, sabores e vivências**: fortalecimento da feira da Agricultura Familiar – UFPA/Belém. Universidade Federal do Pará: minuta de projeto. 2018.

RAYNAUT, C. O desenvolvimento e as lógicas da mudança: a necessidade de uma abordagem holística. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 47. 2018.

REINIGER, L. R. S.; WIZNIEWSKY, J. G.; KAUFMANN, M. P. Introdução à agroecologia. In: REINIGER, L. R. S.; WIZNIEWSKY, J. G.; KAUFMANN, M. P. **Princípios de agroecologia**. 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, UAB. 2017. p. 9-56. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/15770>. Acesso em: 01 fev. 2021.

ROVER, O. J.; RIEPE, A. de J. A relação entre comercialização de alimentos e princípios agroecológicos na rede de cooperativas de reforma agrária do Paraná/Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 38, 2016.

SÁ, T. D. de A.; SILVA, R. O. da. Para além do interdisciplinar: a agroecologia como uma perspectiva transdisciplinar para a agricultura na Amazônia. **Ambiente e sociedade na Amazônia: uma abordagem interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 379-408, 2014.

SACCO DOS ANJOS, F.; GODOY, W. I.; CALDAS, VELLEDA, N. **As Feiras-livres de Pelotas sob o Império da Globalização: Perspectivas e Tendências**. Ed 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, v. 1. p.197. 2005.

SAMPAIO, R. M.. Práticas de ensino e letramentos em tempos de pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, [s. l.], v, 9, n, 7, p. 1-16. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4430>. Acesso em: 16 ago. 2020.

SANTIAGO, J. L. **Teias de vida: um estudo ambiental da Rede AGROUFAM**. 2017. 255 f. (Tese de doutorado) - Programa de pós-graduação em ciências do ambiente e sustentabilidade na Amazônia: Universidade Federal do Amazonas. 2017.

SANTOS, D. S. do C.; BOTELHO, M. I. V; LOPES, A. L. C.; SANTOS, M. A. O.; BRAGA, G. B.. Desempenho de agricultores familiares na comercialização de produtos orgânicos e agroecológicos no estado do Pará. **Acta Biológica Catarinense**. p.16-29. 2017.

SANTOS, J. E. dos. Feiras livres: (re) apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 39-56, 2013.

SANTOS, L. R. P. dos. **Residência agrônômica com enfoque agroecológico: o caso dos canais de venda direta na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Agricultura Orgânica) - Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2018.

SCHIMITT, C. J.; GUIMARÃES, L. A. O mercado institucional como instrumento para o fortalecimento da agricultura familiar e base ecológica. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro: AS-PTA. v.5, n.2, p. 7-13, 2008.

SCHMITZ, H.; MOTA, D. M. Agricultura familiar: elementos teóricos e empíricos. **Revista Agrotrópica**. Itabuna, v. 19, p. 21-30, 2007.

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO URBANO E OBRAS PÚBLICAS – SEDOP. **Estudo de delimitação da região metropolitana de Belém**. [Org.] TOURINHO, H. L. Z; PINHEIRO, A. C. L; BELLO, L. A. L. Belém: SEDOP, v. 1, 2018. 172 p.

SILVA, J. S. S. Comportamento de preços de hortaliças folhosas na região metropolitana de Belém, Estado do Pará. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 14 n.

26, p. 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufra.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/653>. Acesso 10 nov. 2021

SILVA, L. M. S.; MARTINS, S. R. Impactos do PRONAF no sudeste paraense: avaliação da sustentabilidade de agroecossistemas familiares. **Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento**, Belém. n. 9, p. 39-80, 2009.

\_\_\_\_\_. Agroecologia. In: ALBUQUERQUE, G. R. de.; PACHECO, A. S.(orgs). **Uwa’Kürü: dicionário analítico**. – Rio Branco: Nepan, 2018. P. 9-15.

\_\_\_\_\_; M. S, A. **A abordagem sistêmica na formação do agrônomo do século XXI**. Curitiba: Editora Appris, 2011.

\_\_\_\_\_.; RESQUE, A. G. L.; FEITOSA, L. L.; NOGUEIRA, A. C. N.; CARVALHO, J. P. L. de. Espaço amazônico e estado de sustentabilidade de lógicas familiares de produção: adaptações e uso do MESMIS no caso do estado do Pará. **Revista Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento**. Belém, v.11, n. 1, p. 57-70, 2017.

SILVA, N. B. Abordagem sistêmica, complexidade e sistemas agrários. In: MOTA, D.M.; SCHMITZ, H.; VASCONCELLOS, H.E.M. **Agricultura familiar e abordagem sistêmica**. Aracaju: Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, 2005. p. 81-103.

SILVA, N. B. da. **Educação Popular e subjetividade na feira agroecológica**. 2006. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2006.

SOUZA, R. da P.; BEZERRA, I. Agroecologia: a ciência dos sistemas agroalimentares e dos territórios mais sustentáveis. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 13, n. 2, p. 2, 2018.

SILVA, E. D. S.; SILVA, J. B.. **Relatório de estágio supervisionado de vivência II, vila Castanhalzinho, Capitão Poço, Pará**. Instituto Federal do Pará – IFPA. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA. **Nota sobre suspensão de atividades acadêmicas e administrativas presenciais**. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.ufpa.br/not%C3%ADcias/ufpa-emite-nota-sobre-suspensao-deatividades-academicas-e-administrativas>. Acesso em: 25 de set. de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA. **Regimento Geral**. 2006. Disponível em: [https://portal.ufpa.br/images/docs/regimento\\_geral.pdf](https://portal.ufpa.br/images/docs/regimento_geral.pdf). Acesso em: 29 de set. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA. **UFPA promove feira de produtos orgânicos, em Belém**. Disponível em: <http://glo.bo/1hV0tk1>. Acesso em: 19 de fev. de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA. Pró-Reitoria de Extensão. **Comunicado aos produtores sobre a feira da agricultura familiar na UFPA**. Outubro de 2021.

VIEIRA, L. F.. Agricultura e agroindústria familiar. **Revista de Política Agrícola**, v. 7, n. 1, p. 14-31. 2014.



WANDERLEY, M. N. B. O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro. In: PETERSEN, Paulo, et al [Org.]. Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. ASPTA–**Agricultura Familiar e Agroecologia**, 2009. p. 33-45.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 1997. p. 21-55.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores**: o novo mundo da agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

WUERGES, E. W.; SIMON, Á. A. Feiras-Livres como uma forma de popularizar a produção e o consumo de hortifrutigranjeiros produzidos com base na agroecologia. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, 2007. 2007.

## APÊNDICES

**APÊNDICE 1 – LISTA DE SITES CONSULTADOS PARA A CONSTRUÇÃO DO QUADRO DE INICIATIVAS DE FEIRAS EM CONTEXTO NACIONAL.**

**AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO AMAZONAS-ADS. Feiras-Capital.** Disponível em: <http://www.ads.am.gov.br/feiras-regionais/> (amazonas). Acesso em: 16 set. 2020.

**BOTUCATU: ‘É Dia de Feira’ na Unesp retoma atividades em 2020.** Disponível em: <https://leianoticias.com.br/botucatu-e-dia-de-feira-na-unesp-retoma-atividades-em-2020/>. Acesso em: 16 set. 2020.

**Campus da Unesp em Bauru realiza feira da agricultura familiar.** Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2016/03/campus-da-unesp-em-bauru-realiza-feira-da-agricultura-familiar.html>. Acesso em: 16 set. 2020.

**Campus da Unesp em Bauru realiza feira da agricultura familiar.** <https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/21356/campus-da-unesp-em-bauru-realiza-feira-da-agricultura-familiar/>. 28/03/2016. Acesso em: 16 set. 2020.

**Feira agroecológica acontece na UFT nesta quarta-feira (18).** Disponível em: <https://ww2.uft.edu.br/ultimas-noticias/14778-feira-agroecologica-acontece-na-uft-nesta-quarta-feira-18>. Acesso 16 set. 2020.

**FEIRA AGROECOLÓGICA DA REFORMA AGRÁRIA.** Disponível em: <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/vi-feira-agroecologica-da-reforma-agraria-de-2015/>. Acesso 16 set. 2020.

**Feira Agroecológica faz chamamento para inscrição de agricultores familiares.** Disponível em: <http://ifg.edu.br/ultimas-noticias-campus-goiania/11771-feira-agroecologica-faz-chamamento-para-inscricao-de-agricultores-familiares>. Acesso em: 16 set. 2020.

**FEIRA AGROECOLÓGICA.** Disponível em: <https://www.ifg.edu.br/ultimas-noticias/16649-agricultores-familiares-devem-se-inscrever-para-participar-das-feiras-alimentares-do-ifg-e-da-ufg>. Acesso em: 16 set. 2020.

**Feira da Agricultura Familiar é sucesso no Campus Canguaretama.** Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/campus/canguaretama/noticias/feira-da-agricultura-familiar-e-sucesso-no-campus-canguaretama>. Acesso 16 set. 2020.

**Feira no Parque do Utinga apresenta produção da agricultura familiar.** Disponível em: <https://redepara.com.br/noticia/166604/feira-no-parque-do-utinga-apresenta-producao-da-agricultura-familiar>. Acesso em: 16 set. 2020.

**FEIRAS ORGÂNICAS E AGROECOLÓGICAS.** Disponível em: <https://seag.es.gov.br/feiras-agroecologicas-e-organcias> (espírito santo). Acesso em: 16 set. 2020.

I Feira da Agricultura Familiar do IFRN Campus Nova Cruz. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/campus/novacruz/noticias/i-feira-da-agricultura-familiar-do-ifrn-campus-nova-cruz>. Acesso em: 16 set. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR - IDEC. <https://feirasorganicas.org.br/o-que-e/> (brasil). Acesso em: 18 mai. 2020.

PORTAL DOS PROJETOS. Disponível em: <https://projetos.ufes.br/#/projetos/1163/informacoes> . Acesso em: 19 mai. 2020.

PRÓ REITORIA DE EXTENSÃO- PROEX. **Feira da Agricultura Familiar**. Disponível em: [https://proex.ufra.edu.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=127:feira-da-agricultura-familiar-ufra&catid=2&Itemid=323](https://proex.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=127:feira-da-agricultura-familiar-ufra&catid=2&Itemid=323). Acesso em: 16 set. 2020.

UEMA realiza a primeira edição da Feirinha da Agronomia. Disponível em: <https://www.uema.br/2016/03/uema-realiza-a-primeira-edicao-da-feirinha-da-agronomia/>. Acesso em: 16 set. 2020.

UFRN recebe feira de Agricultura Familiar no Centro de Convivência. Disponível em: <https://ufrn.br/imprensa/noticias/26373/ufrn-recebe-feira-de-agricultura-familiar-no-centro-de-convivencia>. Acesso em: 16 set. 2020.

UNESP realiza mais uma Feira da Agricultura Familiar com o apoio da Sagra. Publicado em 07/01/2016. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2016/01/456238-unesp-realiza-mais-uma-feira-da-agricultura-familiar-com-o-apoio-da-sagra.html>. Acesso em: 16 set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. 1ª Feira de agricultura familiar. Disponível em: <https://www.ufop.br/eventos/1a-feira-da-agricultura-familiar>. Acesso em: 18 set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Feira de Agricultura Familiar é realizada no ICSA. Disponível em: <https://ufop.br/noticias/extensao-e-cultura/feira-de-agricultura-familiar-e-realizada-no-icsa>. Acesso em: 18 de set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO- UFES. Disponível em: <http://www.ceunes.ufes.br/conteudo/feira-camponesa-dialogando-agroecologia-e-educacao-do-campo>. Acesso em: 16 set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ. Pró reitoria da Cultura, comunidade e extensão. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/procce/comunica/noticias/unidade-tapajos-recebe-feira-de-agricultura-familiar-a-partir-de-19-de-outubro/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA. **Feira de agricultura familiar**. Disponível em: <https://ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=10742>. Acesso em: 18 mai. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA. **Feira de agricultura familiar**. Disponível em: <https://ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=11070>. Acesso em: 18 mai. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA. UFPA promove a Feira da Agricultura Familiar nesta sexta. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/ufpa-promove-feira-da-agricultura-familiar-nesta-sexta.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. UFPA emite nota sobre suspensão de atividades acadêmicas e administrativas presenciais. Disponível em: <https://coronavirus.ufpa.br/not%C3%ADcias/ufpa-emite-nota-sobre-suspensao-de-atividades-academicas-e-administrativas>. Acesso em: 25 de set. de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Feira agroecológica acontece na UFT nesta quarta-feira (18). Disponível em: <https://ww2.uft.edu.br/ultimas-noticias/14778-feira-agroecologica-acontece-na-uft-nesta-quarta-feira-18>. Acesso em :18 de set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA. Feira da reforma agrária e da agricultura familiar. Disponível em: [https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1986:feira-da-reforma-agraria-e-da-agricultura-familiar-na-ufra-07-02&catid=17&Itemid=121](https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1986:feira-da-reforma-agraria-e-da-agricultura-familiar-na-ufra-07-02&catid=17&Itemid=121). Acesso em: 28 ago. 2019.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ-UTFPR. Extensão. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/noticias/pato-branco/extensao-9>. Acesso em: 16 set. 2020.

## APÊNDICE 2 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA - REPRESENTANTES INSTITUCIONAIS E ORGANIZADORES DA FEIRA.

### **Roteiro semiaberto para entrevista-** representantes institucionais e organizadores da feira

Nome:

Contato:

E mail:

Cargo ou função:

Instituto ou Núcleo que participa:

1. Qual a relação com a feira de agricultura familiar da ufpa?
2. Qual a função junto aos participantes?
3. Comentar sobre o processo de criação do projeto da feira (quando? POR QUÊ? as pessoas que se envolveram? como foram escolhidos os agricultores e quais critérios estabelecidos?).
4. observar datas e eventos marcantes no processo
5. Como são tomadas as decisões que se referem as feiras? (data da feira/quem são os envolvidos/ mudanças estruturais/ controle etc.).
6. Comentar sobre as relações entre núcleos, agricultores familiares, institutos e representantes institucionais, estabelecidas após a implantação da feira (como cada representação se inseriu no grande projeto da feira).
7. Comentar sobre as alterações ocorridas no processo de organização da feira até os dias atuais (adaptações do ambiente/ entrada ou saída de feirantes etc.).
8. Qual a importância (vantagens) da feira para a UFPA?
9. Quais as dificuldades percebidas na organização da feira?
10. **OPINIÃO:** o que motiva os agricultores familiares a participarem da feira da ufpa?

Apontar outras pessoas que participaram do início da feira

### APÊNDICE 3 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA - AGRICULTORES (AS) QUE PARTICIPAM DA FEIRA DA UFPA.

#### **Roteiro semiaberto para entrevista - agricultores (as) que participam da feira da UFPA.**

Nome:

Data da entrevista: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

1. Data que iniciou a participação na feira? participa de todas as edições?
2. Município da residência? distância da feira? é o mesmo local onde produz os alimentos comercializados?
3. Quem da família participa da feira? Quais as atividades de cada um?
4. Participa de outras feiras? (quais/dias/porquê?). Além das feiras, onde mais comercializa os produtos?
5. Comercializa produtos de outras pessoas? como funciona a parceria?
6. Como transporta os produtos para a feira? possui condução própria?
7. Como e porque começou a participar da feira? (motivos que levou para participar/foi através de outras pessoas? / como foi o processo de introdução na feira?).
8. Qual a importância desse ambiente para a família?
9. quais são as estratégias traçadas para comercialização na feira? (marketing/ preço/ atendimento/ relação/ qualidade dos produtos, etc.)
10. O que a feira ainda não garante para a família?
11. Quais os tipos de apoio que recebe para participar da feira? Quem fornece o apoio?
12. Quais mudanças observadas na estrutura e organização da feira, desde de sua primeira participação até os dias atuais?
13. Quais as dificuldades observadas para a organização da feira? o que precisa melhorar para o fortalecimento da feira?
14. Possui clientes fixos na feira da ufpa? trabalha com encomendas de produtos?
15. Dos produtos ofertados, quais os mais comercializados? Preciso ou precisa trabalhar com outro produto para atender um cliente? Vende os produtos com preços diferenciados?
16. Tem alguma produção que gostaria de levar, mas não leva? Por quê?
17. Já teve algum prejuízo em alguma edição da feira?

**APÊNDICE 4 – MODELO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS UTILIZADO NA PESQUISA.**

**Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos**

Eu, ....., inscrito no CPF....., portador do RG.....Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso da minha imagem e da minha propriedade, como também o uso do meu depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Jean Michel da Silva Gualdez e Prof. Drº. Luís Mauro Santos Silva (orientador) a coletar e utilizar meu depoimento e imagens sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes, desde que as informações sejam destinadas para fins acadêmicos, em favor dos responsáveis pela pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Declaro que recebi antes da assinatura deste termo, as informações de esclarecimento que refere-se à pesquisa para elaboração da dissertação de mestrado intitulada A FEIRA E O CAMPO: impactos da experiência da UFPA em lógicas familiares de produção, que tem por objetivo *analisar impactos da feira de agricultura familiar nas lógicas de produção das famílias que participam do projeto na UFPA.*

Belém, ..... de..... de 2020.

---

Entrevistado (a)

---

JEAN MICHEL DA SILVA GUALDEZ  
Mestrando do PPGAA/UFPA



**APÊNDICE 5 – MODELO DA FOLHA DE VERIFICAÇÃO (CHECK LIST) DE PRODUTOS NA FEIRA DA UFPA**

Data da coleta: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

Responsável pela banca: \_\_\_\_\_

Cooperativa ou associação: \_\_\_\_\_ Qual a última edição da feira que esteve presente: \_\_\_\_\_

ALIMENTOS ENCONTRADOS NA BANCA											
Hortaliças, legumes e verduras		Quantidade (kg/un/pct/março)	Frutas, Raízes e Leguminosas		Quantidade e (kg/un/pct/março)	PROCESSADOS e BENEFICIADOS		Quantidade (kg/un/pct/março)	OUTROS		Quantidade (kg/un/pct/março)
Abobora			Abacaxi			Cachaça de Jambu			Andiroba		
Alface			Açaí			Chocolate artesanal			Artesanatos		
Alface americano			Acerola			Coco seco			Beiju		
Alfavaca			Amêndoas			Extrato de própolis			Camarão salgado		
Batata-doce			Bacuri			Farinha lavada			Caranguejo		
Cariru			Banana			Farinha lavada saborizada			Cosméticos		
Cebolinha			Biribá			Farofa temperada			Frango Caipira		
Cheiro-verde			Caju			Geléia (Saborizada)			Milho assado		
Chicória			Coco			Goma de tapioca			Óleo de amêndoas		



Tomate			Sapoti						
Cereja									
Urucum			Tangerina (mexirica)						

**Obs. Marcar com um X, somente os produtos observados na banca.**

**Anotar abaixo os alimentos ou produtos que não estão listados.**

1 \_\_\_\_\_

2 \_\_\_\_\_

3 \_\_\_\_\_

4 \_\_\_\_\_

5 \_\_\_\_\_

6 \_\_\_\_\_

7 \_\_\_\_\_

8 \_\_\_\_\_

9 \_\_\_\_\_

10 \_\_\_\_\_

**Observações:** \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE 6 – MODELO DO ROTEIRO APLICADO NOS ESTABELECIMENTOS AGRÍCOLAS.**

**Nome da pessoa entrevistada:**

**Entrevistador:**

**Data da entrevista:**

### **1 CONHECENDO A FAMÍLIA**

<b>Nome</b>	<b>Membro</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Reside na propriedade?</b>

Caso algum membro não more na residência, responda porque foi embora?

\_\_\_\_\_

Qual religião da família? \_\_\_\_\_

A renda da Família é: Totalmente agrícola ( ) Agrícola e não agrícola ( )

Obs. \_\_\_\_\_

História de vida da Família (Ano de chegada, porque veio, como adquiriu a propriedade):

**Dados da Terra:** Quem é o titular da terra? \_\_\_\_\_ Tipo: ( ) Assentamento ( ) Comunidade Rural ( )  
Outro \_\_\_\_\_

Tamanho da Terra (em hectares ou outra unidade de Medida) \_\_\_\_\_

Como o titular adquiriu a terra? ( ) Compra ( ) Herança ( ) Doação ( ) Posse ( ) Assentado ( ) Outro \_\_\_\_\_

A terra é regularizada? Tem a posse formal e documento? ( ) Sim ( ) Não ( ) Não Sabe

Documentação da terra: ( ) Título ( ) Recibo de venda ( ) CAR ( ) DAP Outros ( )

Uso da terra (Hectares ou outra unidade de medida): Área ocupada \_\_\_\_\_ Áreas de Proteção Permanente e Reserva Legal \_\_\_\_\_ Área Não-Agrícola \_\_\_\_\_

**Água:** De onde vem a água utilizada para consumo humano? A água é tratada? De que forma? De onde vem a água para a irrigação da lavoura e trato dos animais? Falta água?

**Saneamento Básico:** Tratamento de efluentes, existência de banheiro (localização dentro ou fora de casa); Lixo: O que faz com os restos de alimentos e o lixo seco? Para onde leva?

Caracterização do agroecossistema: Cultivo ( ) Criação ( ) Extrativismo ( ) Agroindustrial/processamento ( )

SISTEMA DE CULTIVO								
Sistema de cultivo	Tipo de manejo		Aquisição semente		Produção		Destino	
	C	O	Casa Agropecuária	Propriedade	Semanal	Mensal	Consumo	Venda

\*\*C- convencional; O – Orgânico.

SISTEMA DE CRIAÇÃO			
Quantidade	Tipo de Sistema	Produção	Destino

	E	S	I	Anual	Semestral	Consumo	Venda

SISTEMA DE PROCESSAMENTO						
Produtos	Processado na propriedade?	Frequência			Destino do alimento	
		Ano	Mês	Semana	comércio	Consumo

\*\*\*E- Extensivo; S-Semiextensivo, I- Intensivo.

Todos os alimentos produzidos são consumidos pela família? SIM ( ) NÃO ( )

Principais destinos da produção do estabelecimento

Feira ( ) Quais? \_\_\_\_\_

Supermercado ( ) Quais? \_\_\_\_\_

Cooperativa ( ) Quais? \_\_\_\_\_

Atravessador ( ) Quais? \_\_\_\_\_

Outro ( ) Quais? \_\_\_\_\_

**Das produções/criações pontuadas, qual é a mais recente? Porque começou a plantar/criar?**

Quais os grandes problemas na produção da propriedade (técnicos, do meio biofísico; econômicos etc.)

Quais as principais dificuldades observados no estabelecimento agrícola? \_\_\_\_\_

### **2.1 CARACTERIZAÇÃO POR SUB-SISTEMA**

**Qual o principal sub-sistema (carro chefe):** \_\_\_\_\_

Área (hectares ou outra unidade de medida):

Quando este subsistema foi implantado (ano):

Caracterização do sub-sistema (Como você chama este lugar? Qual o desenho = como estão distribuídas as plantas e a relação com os animais?;

**Gestão do espaço (quem idealiza e maneja o espaço)**

Quem decide sobre o que vai ser plantado; como, quando e onde será manejado?

PRODUÇÃO VEGETAL (OBS: NÃO ESQUECER AS PLANTAS MEDICINAIS)

Outros sub-sistemas: levantamento de todas as espécies;





## COMPOSIÇÃO DOS DEMAIS SUBSISTEMAS (ATIVIDADES AGRÍCOLAS).

**Sub sistema 1 (espécies)**

---



---

**Sub sistema 2 (espécies)**

---



---

**Sub sistema 3 (espécies)**

---



---

**Sub sistema 4 (espécies)**

---



---

**Sub sistema 5 (espécies)**

---



---

Algum desses sub sistemas foi implantado no estabelecimento em função das vendas na feira ?

---

Algum dos sub tem a produção intensificada (ANO ou MÊS) em função das vendas na feira?

### 3 QUESTÕES RELACIONADAS À FEIRA

Qual sub sistema fornece mais produtos para vender na feira?

---

O agroecossistema familiar pode ser considerado um lugar de fartura? Porque?

Como são repassados os conhecimentos associados a produção de alimentos?

Quais são as principais dificuldades encontradas no processo de comercialização da produção?

Houve mudanças na diversidade de produtos e no volume de produção depois que a família começou a participar da feira? Quais?

Quais são os principais gastos para manutenção da comercialização na feira?

Existem critérios utilizados para definir os preços dos produtos vendidos na feira?

As vendas e os preços praticados na feira são satisfatórios para a família ?

Qual o papel das entidades apoiadoras das feiras para permanecia da familia na feira?

Que tipo de apoio gostaria de receber dos parceiros da feira (UFPA e suas unidades) para minimizar os problemas de produção?

Considerando o início de participação na feira da UFPA, até o presente momento, o que pode ser apontado como pricipal mudança no estabelecimento?

---



---



---

O agricultor (a) considera sua produção agroecológica?

---



---

#### 4 ACESSO A POLITICAS PÚBLICAS

Recebe ou já recebeu algum tipo de assistência técnica? SIM ( ) NÃO ( )

Empresa \_\_\_\_\_

Para qual/ quais atividade produtiva? \_\_\_\_\_

Qual a frequência: ( ) Uma vez por mês ( ) Uma vez por semana ( ) Uma vez por semestre/bimestre ( ) Sempre que necessário

Principais programas de incentivo à agricultura familiar (Participa ou já participou)

- ( ) Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)
- ( ) Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)
- ( ) Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF)
- ( ) Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)
- ( ) Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Animal (Suasa)
- ( ) Programa de Cadastro de Terras e Regularização Fundiária
- ( ) Programa Nacional de Produção e uso do Biodiesel (PNPB)

Qual a avaliação da participação neste programa?

( ) Muito bom ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Nenhuma

Obs. \_\_\_\_\_

A cooperativa ajudou de alguma forma no processo de aquisição de credito e/ou politicas públicas? SIM ( ) NÃO ( )

Caso sim, de que forma?

---

Possui ou já possuiu algum Crédito agrícola? SIM ( ) NÃO ( )

Qual: \_\_\_\_\_

Qual banco? \_\_\_\_\_ ANO \_\_\_\_\_

## 5 SOBRE A PANDEMIA

1. Algum membro da família pegou a doença ? (Comentar)
2. A família recebeu alguma ajuda financeira? (Comentar)
3. De que forma o isolamento social afetou as atividades produtivas no estabelecimento?
4. A pandemia afetou o consumo de alimentos do grupo familiar?
5. A família teve algum prejuízo em função da paralisação das atividades comerciais?
6. Quais foram as estratégias adotadas pela família para minimizar os impactos da pandemia?
7. Quais as principais mudanças percebidas no agroecossistema em função da pandemia ?
8. Como a ausência do espaço da feira da UFPA tem afetado a família?
9. Caso a família participe de outros CCC (outras feiras, grupos de consumo, PAA, PNAE), estes espaços são suficientes para suprir a ausência da feira da UFPA ? (comentar).
10. Na percepção do grupo familiar o que vai mudar após o período de pandemia? (no dia-a-dia, no comportamento das pessoas, nas relações comerciais, etc..).